

Taísa Rita Ragi  
Helena Maria Ferreira

# A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

uma análise de animações minimalistas  
publicadas em reels no Instagram



Taísa Rita Ragi  
Helena Maria Ferreira

# A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

uma análise de animações minimalistas  
publicadas em reels no Instagram



I São Paulo I 2025 I





DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R142r

Ragi, Taísa Rita -

A referência em textos multissemióticos: uma análise de animações minimalistas publicadas em reels no Instagram / Taísa Rita Ragi, Helena Maria Ferreira. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-493-3

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-493-3

1. Referência. 2. Processos de textualização. 3. Textos multissemióticos. 4. Animação minimalista. 5. Reels de Instagram. I. Ragi, Taísa Rita. II. Ferreira, Helena Maria. III. Título.

CDD 801.95

Índice para catálogo sistemático:

I. Textos multissemióticos

Simone Sales - Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:  
*Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).*  
Os termos desta licença estão disponíveis em:  
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.  
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.  
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	AI Generator - ChatGPT
Tipografias	Acumin, Belarius Sans, Brix Slab
Revisão	As autoras
Autoras	Taísa Rita Ragi Helena Maria Ferreira

---



# CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

## Doutores e Doutoradas

<b>Adilson Cristiano Habowski</b> <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	<b>Bernadette Beber</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
<b>Adriana Flávia Neu</b> <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	<b>Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos</b> <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
<b>Adriana Regina Vettorazzi Schmitt</b> <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	<b>Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa</b> <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
<b>Aguimario Pimentel Silva</b> <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	<b>Caio Cesar Portella Santos</b> <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
<b>Alaim Passos Bispo</b> <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	<b>Carla Wanessa do Amaral Caffagni</b> <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
<b>Alaim Souza Neto</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	<b>Carlos Adriano Martins</b> <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
<b>Alessandra Knoll</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	<b>Carlos Jordan Lapa Alves</b> <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
<b>Alessandra Regina Müller Germani</b> <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	<b>Caroline Chioquetta Lorenset</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
<b>Aline Corso</b> <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	<b>Cassia Cordeiro Furtado</b> <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
<b>Aline Wendpap Nunes de Siqueira</b> <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	<b>Cássio Michel dos Santos Camargo</b> <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
<b>Ana Rosangela Colares Lavand</b> <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	<b>Cecilia Machado Henriques</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
<b>André Gobbo</b> <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	<b>Christiano Martino Otero Avila</b> <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
<b>André Tanus Cesário de Souza</b> <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	<b>Cláudia Samuel Kessler</b> <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
<b>Andressa Antunes</b> <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	<b>Cristiana Barcelos da Silva</b> <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
<b>Andressa Wiebusch</b> <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	<b>Cristiane Silva Fontes</b> <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
<b>Andreza Regina Lopes da Silva</b> <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	<b>Daniela Susana Segre Guertzenstein</b> <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
<b>Angela Maria Farah</b> <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	<b>Daniele Cristine Rodrigues</b> <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
<b>Anísio Batista Pereira</b> <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	<b>Dayse Centurion da Silva</b> <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
<b>Antonio Edson Alves da Silva</b> <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	<b>Dayse Sampaio Lopes Borges</b> <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
<b>Antonio Henrique Coutelo de Moraes</b> <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	<b>Deilson do Carmo Trindade</b> <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
<b>Arthur Vianna Ferreira</b> <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	<b>Diego Pizarro</b> <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
<b>Ary Albuquerque Cavalcanti Junior</b> <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	<b>Dorama de Miranda Carvalho</b> <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
<b>Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior</b> <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	<b>Edilson de Araújo dos Santos</b> <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
<b>Bárbara Amaral da Silva</b> <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	<b>Edson da Silva</b> <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

**Elena Maria Mallmann**

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

**Eleonora das Neves Simões**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

**Eliane Silva Souza**

*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

**Elvira Rodrigues de Santana**

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Estevão Schultz Campos**

*Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil*

**Éverly Pegoraro**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Fábio Santos de Andrade**

*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

**Fabrícia Lopes Pinheiro**

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Fauston Negreiros**

*Faustidade de Brasília, Brasil*

**Felipe Henrique Monteiro Oliveira**

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Fernando Vieira da Cruz**

*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

**Flávia Fernanda Santos Silva**

*Universidade Federal do Amazonas, Brasil*

**Gabriela Moysés Pereira**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Gabriella Eldereti Machado**

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

**Germano Ehler Pollnow**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Geuciane Felipe Guerim Fernandes**

*Universidade Federal do Pará, Brasil*

**Geymeesson Brito da Silva**

*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

**Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Handherson Leylton Costa Damasceno**

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Hebert Elias Lobo Sosa**

*Universidad de Los Andes, Venezuela*

**Helciclever Barros da Silva Sales**

*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

**Helena Azevedo Paulo de Almeida**

*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

**Hendy Barbosa Santos**

*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*

**Humberto Costa**

*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

**Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges**

*Universidade de Brasília, Brasil*

**Inara Antunes Vieira Willerding**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Jaziel Vasconcelos Dorneles**

*Universidade de Coimbra, Portugal*

**Jean Carlos Gonçalves**

*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

**Joao Adalberto Campato Junior**

*Universidade Brasil, Brasil*

**Jocimara Rodrigues de Sousa**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Joelson Alves Onofre**

*Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil*

**Jónata Ferreira de Moura**

*Universidade São Francisco, Brasil*

**Jonathan Machado Domingues**

*Universidade Federal de São Paulo, Brasil*

**Jorge Eschriqui Vieira Pinto**

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

**Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

**Juliana de Oliveira Vicentini**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Juliano Milton Kruger**

*Instituto Federal do Amazonas, Brasil*

**Juliano Pizzano Ayoub**

*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

**Julierme Sebastião Morais Souza**

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

**Junior César Ferreira de Castro**

*Universidade de Brasília, Brasil*

**Katia Bruginski Mulik**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Laionel Vieira da Silva**

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

**Lauro Sérgio Machado Pereira**

*Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil*

**Leonardo Freire Marino**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Leonardo Pinheiro Mozdzenski**

*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

**Letícia Cristina Alcântara Rodrigues**

*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*

**Lucila Romano Tragtenberg**

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

**Lucimara Rett**

*Universidade Metodista de São Paulo, Brasil*

**Luiz Eduardo Neves dos Santos**

*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

**Maikel Pons Giralt**

*Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil*

**Manoel Augusto Polastrelí Barbosa**

*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

**Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho**

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil*

**Márcia Alves da Silva**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Marcio Bernardino Sirino**

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Marcos Pereira dos Santos**

*Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México*

**Marcos Uzel Pereira da Silva**

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Marcus Fernando da Silva Praxedes**

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil*

**Maria Aparecida da Silva Santandel**

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

**Maria Cristina Giorgi**

*Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

**Maria Edith Maroca de Avelar**

*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

**Marina Bezerra da Silva**

*Instituto Federal do Piauí, Brasil*

**Marines Rute de Oliveira**

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil*

**Maurício José de Souza Neto**

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Michele Marcelo Silva Bortolai**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Mônica Tavares Orsini**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Nara Oliveira Salles**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Neide Araujo Castilho Teno**

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil*

**Neli Maria Mengalli**

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

**Patricia Biegging**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Patricia Flavia Mota**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Patrícia Helena dos Santos Carneiro**

*Universidade Federal de Rondônia, Brasil*

**Rainei Rodrigues Jadejiski**

*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

**Raul Inácio Busarello**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

**Ricardo Luiz de Bittencourt**

*Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil*

**Roberta Rodrigues Ponciano**

*Universidade Federal de Ubertândia, Brasil*

**Robson Teles Gomes**

*Universidade Católica de Pernambuco, Brasil*

**Rodiney Marcelo Braga dos Santos**

*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

**Rodrigo Amancio de Assis**

*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

**Rodrigo Sarruge Molina**

*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

**Rogério Rauber**

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

**Rosane de Fatima Antunes Obregon**

*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

**Samuel André Pompeo**

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

**Sebastião Silva Soares**

*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

**Silmar José Spinardi Franchi**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Simone Alves de Carvalho**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Simoni Urnau Bonfiglio**

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

**Stela Maris Vaucher Farias**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

**Tadeu João Ribeiro Baptista**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

**Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno**

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil*

**Taíza da Silva Gama**

*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Tania Micheline Miorando**

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

**Tarcísio Vanzin**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Tascieli Feltrin**

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

**Tatiana da Costa Jansen**

*Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil*

**Tayson Ribeiro Teles**

*Universidade Federal do Acre, Brasil*

**Thiago Barbosa Soares**

*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

**Thiago Camargo Iwamoto**

*Universidade Estadual de Goiás, Brasil*

**Thiago Medeiros Barros**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

**Tiago Mendes de Oliveira**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

**Vanessa de Sales Marruche**

*Universidade Federal do Amazonas, Brasil*

**Vanessa Elisabete Raue Rodrigues**

*Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil*

**Vania Ribas Ulbricht**

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

**Vinicius da Silva Freitas**

*Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil*



**Wellington Furtado Ramos**  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

**Wellton da Silva de Fatima**  
*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

**Wenis Vargas de Carvalho**  
*Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil*

**Yan Masetto Nicolai**  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

## PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

### Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

**Alcidinei Dias Alves**  
*Logos University International, Estados Unidos*

**Alessandra Figueiró Thornton**  
*Universidade Luterana do Brasil, Brasil*

**Alexandre João Appio**  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

**Artur Pires de Camargos Júnior**  
*Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil*

**Bianka de Abreu Severo**  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

**Carlos Eduardo B. Alves**  
*Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil*

**Carlos Eduardo Damian Leite**  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

**Catarina Prestes de Carvalho**  
*Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil*

**Davi Fernandes Costa**  
*Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil*

**Denilson Marques dos Santos**  
*Universidade do Estado do Pará, Brasil*

**Domingos Aparecido dos Reis**  
*Must University, Estados Unidos*

**Edson Vieira da Silva de Camargos**  
*Logos University International, Estados Unidos*

**Edwins de Moura Ramires**  
*Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil*

**Elisiene Borges Leal**  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

**Elizabete de Paula Pacheco**  
*Universidade Federal de Ubertândia, Brasil*

**Elton Simomukay**  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

**Francisco Geová Goveia Silva Júnior**  
*Universidade Potiguar, Brasil*

**Indiamaris Pereira**  
*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

**Jacqueline de Castro Rimá**  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

**Jonas Lacchini**  
*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil*

**Lucimar Romeu Fernandes**  
*Instituto Politécnico de Bragança, Brasil*

**Marcos de Souza Machado**  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

**Michele de Oliveira Sampaio**  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

**Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos**  
*Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil*

**Pedro Augusto Paula do Carmo**  
*Universidade Paulista, Brasil*

**Rayner do Nascimento Souza**  
*Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil*

**Samara Castro da Silva**  
*Universidade de Caxias do Sul, Brasil*

**Sidney Pereira Da Silva**  
*Stockholm University, Suécia*

**Suêlen Rodrigues de Freitas Costa**  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

**Thais Karina Souza do Nascimento**  
*Instituto de Ciências das Artes, Brasil*

**Viviane Gil da Silva Oliveira**  
*Universidade Federal do Amazonas, Brasil*

**Walmir Fernandes Pereira**  
*Miami University of Science and Technology, Estados Unidos*

**Weyber Rodrigues de Souza**  
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*

**William Roslindo Paranhos**  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

#### Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

# SUMÁRIO

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>11</b>
-----------------------------	-----------

*Taísa Rita Ragi*  
*Helena Maria Ferreira*

<b>Apresentação .....</b>	<b>12</b>
---------------------------	-----------

## CAPÍTULO 1

<b>Contextualizando a obra:</b> situando conceitos.....	<b>15</b>
--	-----------

## CAPÍTULO 2

<b>Linguística textual:</b> panorama histórico .....	<b>24</b>
---	-----------

## CAPÍTULO 3

<b>Referenciação:</b> pressupostos basilares .....	<b>42</b>
---	-----------

## CAPÍTULO 4

<b>Estratégias/processos</b> <b>de referenciação .....</b>	<b>70</b>
---	-----------

## CAPÍTULO 5

<b>A referenciação em textos</b> <b>multissemióticos .....</b>	<b>106</b>
---	------------



CAPÍTULO 6

<b>Análise de animações minimalistas publicadas em <i>reels</i>.....</b>	<b>127</b>
--	------------

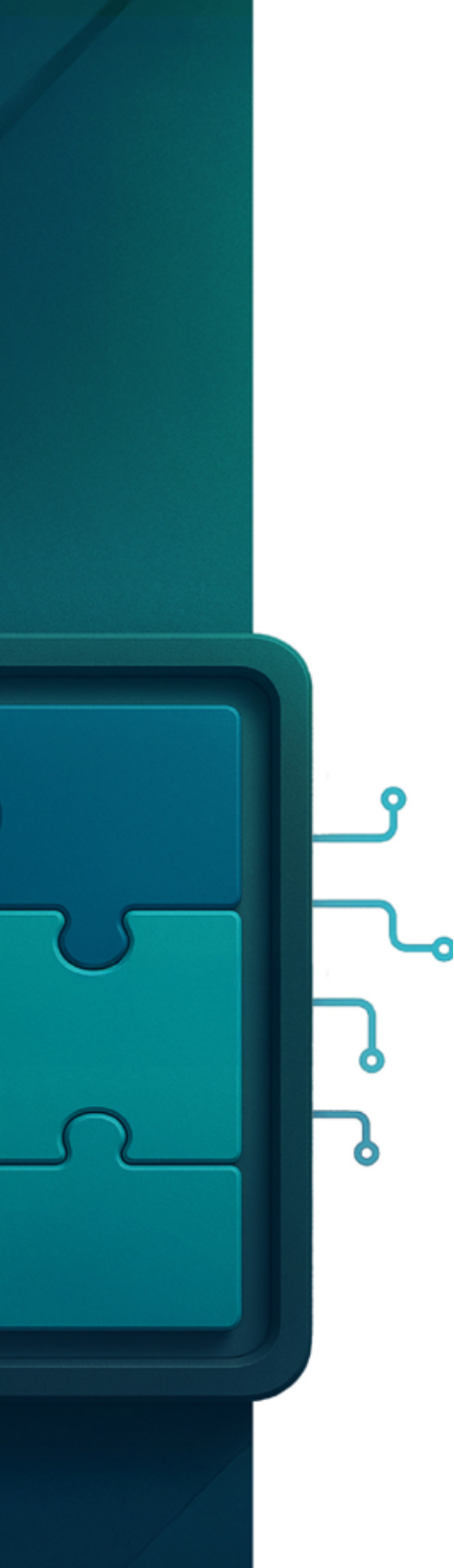
CAPÍTULO 7

<b>Considerações finais.....</b>	<b>166</b>
----------------------------------	------------

<b>Referências.....</b>	<b>171</b>
-------------------------	------------

<b>Sobre as autoras .....</b>	<b>180</b>
-------------------------------	------------

<b>Índice remissivo.....</b>	<b>181</b>
------------------------------	------------



# AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo financiamento do mestrado que deu origem ao presente livro.

À Rafaela Tuma (@rafaellatuma), por autorizar o uso de animações minimalistas na pesquisa.

SUMÁRIO

# APRESENTAÇÃO

*Taísa Rita Ragi*  
*Helena Maria Frreira*

Esta obra é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa e Pós-graduação em Letras (PPGL, pela Universidade Federal de Lavras. A adaptação da dissertação de mestrado em formato de e-book faz parte de uma proposta de divulgação científica que constitui o planejamento estratégico do PPGL, que tem valorizado ações para a socialização dos conhecimentos produzidos pelos discentes do Programa.

Para situar a discussão proposta neste e-book, consideramos válido destacar que a pesquisa realizada integra a linha “Estudos analítico-descritivos de língua/linguagem e suas tecnologias” e filia-se ao campo da Linguística Textual, mais especificamente à perspectiva sociocognitiva interacionista, a partir da qual o texto é concebido como um processo complexo de natureza interacional situado socialmente e cognitivamente. Nessa abordagem, os sujeitos, a linguagem e o conhecimento são construídos de forma interdependente, considerando-se a influência das práticas sociais, culturais e cognitivas nos processos de produção e interpretação textual.

Para efeitos de delimitação, nesta pesquisa, elegemos como objeto de estudo o fenômeno da referenciação, aqui compreendido como uma estratégia discursiva orientada pela intencionalidade do enunciador e pelos contextos de uso da linguagem. A partir das contribuições teóricas de Koch (2001; 2003; 2009), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante (2012), Mondada; Dubois (2003 [2021]), Cavalcante; Custódio Filho (2010), Cavalcante *et al.* (2019; 2022), Bentes (2004), Hans (2008), Bentes e Leites (2010), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Custódio Filho (2011); Cavalcante e Brito (2020) e Albert (2023), entre outros, a obra propõe uma análise da



referenciação, considerada aqui como atividade discursiva que não se limita à nomeação de realidades preexistentes, mas que constrói objetos de discurso a partir de práticas sociais e cognitivas situadas.

Considerando os impactos das tecnologias digitais na constituição de novos gêneros textuais e nos modos de interação comunicativa, este trabalho direciona seu olhar analítico para textos multissemióticos, tomando como objeto de estudo as animações minimalistas publicadas em *reels* na plataforma Instagram.

As animações minimalistas são um estilo de animação que utiliza elementos gráficos simplificados, com formas elementares (círculos, quadrados, linhas), paleta de cores básicas e, frequentemente, ausência de detalhes supérfluos, sem recorrer a ornamentos, cenários complexos. Tais produções, marcadas por recursos semióticos visuais, verbais e sonoros, apresentam especificidades estruturais e discursivas que demandam novas abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão dos processos referenciais.

Com base em um *corpus* que contempla uma produção multissemiótica, fizemos uma proposta de uma análise das estratégias de referenciação nesse gênero, que possui circulação digital, cuja construção de sentidos depende da articulação entre diferentes linguagens. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para o avanço dos estudos em Linguística Textual, sobretudo no que se refere à integração entre teoria e prática analítica aplicada a gêneros emergentes.

Ao abordar a referenciação em contextos multissemióticos, buscamos não apenas sistematizar discussões teóricas e analíticas já existentes, mas também expandir os horizontes de investigação da Linguística Textual para abranger fenômenos discursivos cada vez mais recorrentes nas práticas sociais contemporâneas. Esperamos trazer uma contribuição, ainda que incipiente, para estudiosos da linguagem, pesquisadores em formação e profissionais da educação

interessados em compreender os novos desafios que se colocam para o ensino e a análise do texto na era digital.

Neste e-book, buscamos apresentar não apenas o potencial comunicativo do fenômeno da referência em animações minimalistas, mas também inspirar novas formas de criação, análise e apreciação desse gênero que circula em mídias sociais e que integra o nosso cotidiano social. Convidamos você, leitor, a embarcar nesse percurso reflexivo, questionando não só o que vê, mas também aquilo que silencia nas imagens, nos gestos e nas escolhas linguísticas, semióticas e discursivas feitas pelos produtores de cada texto lido. Esperamos que esta obra provoque questionamentos, amplie olhares e sirva como ponto de partida para analisar temáticas, modos de organização dos textos e escolhas estilísticas assumidas pelos produtores, abarcando os diferentes contextos de usos da linguagem (sala de aula, pesquisas ou no cotidiano pessoal), para que as interações sejam efetivadas de modo crítico e reflexivo. Esperamos que nossas reflexões dialoguem com as suas experiências e agucem sua curiosidade para explorar ainda mais as múltiplas camadas que constituem esse tipo de produção textual, de modo a promover deslocamentos de uma leitura pautada no entretenimento para uma leitura efetivamente responsiva ativa.

1

**CONTEXTUALIZANDO  
A OBRA:**  
SITUANDO CONCEITOS

Nesta seção, situamos o contexto no qual nossa obra se insere, explorando conceitos basilares e apresentando a organização da nossa proposta. Desse modo, ao nos filiar ao campo da Linguística Textual, consideramos pertinente apresentar, ainda que brevemente, a perspectiva sociocognitiva interacionista<sup>1</sup>. Essa abordagem concebe o texto como processo complexo de interação e de construção social dos sujeitos, do conhecimento e da linguagem (Koch; Elias, 2009). Esse viés enfatiza a importância da relação entre a linguagem, a cognição, a cultura e a sociedade, considerando que a linguagem é influenciada pelas normas e valores culturais, além de ser usada para construir relações sociais. Nesse sentido, a produção e a interpretação de textos são concebidas como processos dinâmicos e situados, que envolvem a mobilização de conhecimentos prévios, habilidades comunicativas e estratégias discursivas.

Entre as várias questões abordadas pelo campo da Linguística Textual, destacamos o processo de referenciação, o qual constitui o foco da discussão aqui empreendida. Esse processo é concebido como uma estratégia discursiva, ou seja, como um processo

1 Essa abordagem se pauta na concepção de texto como o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. Segundo Koch (2009), a linguagem é concebida como uma ação compartilhada que percorre em duplo percurso na relação sujeito/realidade (contexto social), exercendo função intercognitiva (sujeito/mundo) e intracognitiva (linguagem e outros processos) em relação ao desenvolvimento cognitivo. "Muito da cognição acontece fora das mentes e não somente dentro delas: a cognição é um fenômeno situado. Ou seja, não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa. [...] Dessa forma, na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente". (Koch, 2009, p. 31) Para a autora, "a relação estabelecida entre linguagem e cognição é estreita, interna e de recíproca constitutividade, supondo que "não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos." (p. 32)

realizado intencionalmente<sup>2</sup> no discurso, para a construção do projeto de dizer, bem como para o processo de produção de sentidos. Nesse viés, partimos da premissa de que os sujeitos constroem, por meio das práticas discursivas, cognitivas e culturalmente situadas, versões públicas do mundo (Mondada; Dubois (2003 [2021])). Tomar a referenciação como objeto de estudo implica considerar a dinamicidade desse fenômeno, que, motivado sociocognitivamente, pode representar experiências e pontos de vista, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso.

Assim, a referenciação é vista como uma estratégia para construção de objetos de discurso. Para Koch e Marcuschi (1998, p. 12), esse fenômeno não se configura como uma “atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos de discurso e não realidades independentes.” Nessa dimensão, são considerados o contexto sociocomunicativo, os sujeitos interlocutores, o conteúdo temático e os usos sociais da linguagem.

Desse modo, conceber a referenciação como um processo discursivo e os referentes como objetos de discurso significa entender que esse fenômeno não possui “estatuto ontológico apriorístico” (Koch; Marcuschi, 1998, p. 173), ou seja, os sentidos não são dados a priori. As escolhas são realizadas a partir dos conhecimentos prévios e da intencionalidade discursiva que o enunciador seleciona para a construção do projeto de dizer. Para Cavalcante (2012, p. 105), o processo de construção de referentes implica em reconhecer

2 O termo intencionalmente demanda uma problematização, pois em conformidade com Marcuschi (2008, p. 127) “o problema maior no caso da intencionalidade acha-se no conceito de sujeito que ela subentende. Tudo se passa como se o sujeito fosse dono do conteúdo e como se ele fosse uma fonte independente e a-histórica. Isto é impossível e não estaria em consonância com o que já postulamos aqui sobre a questão”. Para aprofundamento sobre o tema, recomendamos a leitura do artigo de Carmelino e Ramos (2019), disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/26353/18766>. Além disso, para Cavalcante, Brito *et al* (2022, p. 22), “a noção de intencionalidade não equivale mais à motivação individual do locutor a ser captada pelo interlocutor, numa suposta cooperação de aceitabilidade.”



“[...] que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar uma realidade pronta e acabada, mas sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.”

Embora a referenciação seja, notadamente, um dos objetos mais estudados no campo da Linguística Textual, conforme pontuam Cavalcante *et al.* (2022), o avanço tecnológico e os novos tipos de interações deles decorrentes provocaram a circulação de novos gêneros ou de gêneros que sofreram transmutações<sup>3</sup>. Isso tem demandado novas investigações acerca dos modos de funcionamento dos processos referenciais, visto que as produções constituídas por múltiplas semioses receberam destaque e ampla circulação, devido aos avanços tecnológicos, que interferem, de maneira direta, nas interações entre interlocutores no cotidiano social.

Discorrendo sobre a referenciação em textos multissemi-óticos<sup>4</sup>, Ramos (2012) considera que um dos desafios teóricos a serem enfrentados pelas pesquisas contemporâneas, no escopo

## SUMÁRIO

- 3 Zavam (2012, p. 256-257) considera “a transmutação como um processo constitutivo dos gêneros, já que nenhum gênero, quer seja primário, quer secundário, permanece inalterável no curso de suas manifestações [...] Quando um gênero absorve e transmuta outro, está concomitantemente transmutando-se também [...]” Os gêneros primários (gêneros simples) são os ligados ao diálogo, à comunicação verbal espontânea, às esferas da ideologia do cotidiano; e os secundários (gêneros complexos), os que resultam de comunicação cultural mais elaborada, principalmente escrita, ligados às esferas dos sistemas ideológicos constituídos. “A transmutação, para nós, responderia pela transformação por que passa um gênero (seja primário ou secundário), tanto na absorção de um gênero por outro (quer da mesma esfera ou de diferentes esferas), quanto na adaptação a novas contingências (históricas, sociais, entre outras). Dito de outra forma, a transmutação seria o fenômeno que regeria a possibilidade de transformar e ser transformado a que os gêneros do discurso estariam inexoravelmente submetidos.”
- 4 Rojo e Barbosa (2015) atestam que o texto multimodal ou multissemiótico (termos tomados como sinônimos) é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeo, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108)

## SUMÁRIO

da Linguística Textual, é a constituição plurissígnica das produções digitais. Para o autor, abarcar essa discussão nas pesquisas sobre a referenciação implica em revisar ou ampliar o conceito de texto, pois a ideia de texto como um evento comunicativo em que ações linguísticas, cognitivas e sociais atuam em conjunto com o propósito de realizar o ato comunicativo por meio de um gênero textual não se sustenta. Nesse escopo, é relevante destacar que a concepção de texto tem sido ressignificada a partir da disseminação das tecnologias da informação e da comunicação, que tem possibilitado a circulação de diferentes gêneros constituídos por múltiplas semioses. Um texto pode ser considerado como “um evento comunicativo em que podem atuar em várias linguagens (verbal, visual, etc.) que possibilita ao autor/locutor realizar seu propósito comunicativo e ao leitor/interlocutor construir sentidos” (Luna, 2002, p. 1).

Em conformidade com Koch (2009), é indispensável conceber o texto como uma produção multimodal, na qual as diversas semioses se unem com o propósito de produzir sentidos. Assim, “a já aludida natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos” (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 64). Kress e van Leeuwen (2001) advertem que as produções multissemióticas sempre existiram, mas o foco que esses textos recebem no contexto digital demanda, necessariamente, uma interpretação que envolve os diferentes recursos/modos semióticos. Na constituição dos textos/discursos, a interação dialógica pode ocorrer por meio de recursos verbais (palavra, enunciado, produção de discursos), visuais (imagem, corpo, gestos, expressões faciais) e vocais (entonação, voz, pausas), que se realizam em um espaço-tempo, produzindo sentidos, que denotam representações, valores e ideologias.

A partir da concepção de texto como uma produção multissemiótica, esta obra elege como objeto de estudo a referenciação em textos constituídos por uma diversidade de recursos semióticos,



## SUMÁRIO

de modo mais específico, de animações minimalistas publicadas em *reels*<sup>5</sup> no *Instagram*. As produções minimalistas em formato de *reels* são um estilo de animação que usa formas simples e cores limitadas para criar ilustrações animadas em vídeos curtos para a rede social *Instagram*. Esses desenhos geralmente apresentam linhas limpas, cores sólidas e não têm detalhes complexos, criando um estilo visual minimalista e moderno. Eles podem ser usados para contar histórias, apresentar conceitos ou simplesmente para entreter. Eles são populares entre criadores de conteúdo no *Instagram* que desejam criar conteúdo visualmente atraente em uma plataforma de mídia social. Esses vídeos são criados para serem cativantes, criativos e chamativos, para serem consumidos em um curto espaço de tempo, explorando uma variedade de temas do cotidiano social. A denominação desse tipo de produção como animações minimalistas de *reels* se deu em função dos modos de organização e de funcionamento: trata-se de uma produção, em vídeo curto, que apresenta um design constituído por formas básicas, com elementos visuais mínimos e com repetição de traços.

A nossa escolha por esse tipo de produção para a análise nesta nossa obra, se deu em função de: a) possuir curta extensão, permitindo uma análise mais direta do fenômeno da referenciação, considerando o contexto de uso, sem a necessidade de recortes em excertos; b) conjugar diferentes recursos semióticos, possibilitando uma análise para além da dimensão linguística (verbal); e c) apresentar ampla circulação no cotidiano social dos sujeitos leitores que utilizam as tecnologias digitais para as interações, favorecendo uma atualização de teorias e de reflexão acerca dos usos da linguagem.

5 *Reels* é uma das funcionalidades do *Instagram*, que permitem aos usuários criarem e compartilharem vídeos curtos (com duração de até 90 segundos), com o objetivo de entreter, informar ou inspirar o público. Os usuários podem usar várias ferramentas de edição, como música, filtros, efeitos especiais, legendas e opções de velocidade, para criar vídeos.

Assim, a questão que norteia a discussão aqui proposta é: de que maneira o processo de referenciação é construído em produções multissemióticas? A partir desse questionamento, temos como objetivo analisar as estratégias de referenciação presentes em animações minimalistas publicadas em *reels* no *Instagram*.

Para tal, como estratégia para fundamentar a discussão, buscamos esquematizar o percurso da Linguística Textual, com vistas a demonstrar o movimento de análises que se centravam predominantemente na modalidade verbal para abordagens que já contemplam a diversidade multissemiótica. Além disso, apresentamos os pressupostos fundamentais da referenciação, de modo a situar o leitor iniciante acerca das contribuições das pesquisas acerca da temática para uma construção de referencial teórico que abarca concepções e autores mais representativos. Nessa apresentação, discutiremos sobre os processos referenciais, com ênfase nas introduções referenciais e nas anáforas, para uma reflexão acerca da relevância dessa referenciação para a construção da textualização e para o processo de produção de sentidos. Por fim, socializamos uma proposta de análise de animações minimalistas publicadas em *reels* no *Instagram*, com o propósito de verificar como os processos referenciais são construídos nesse tipo de produção.

Desse modo, buscamos investigar o estatuto dos recursos semióticos como potencializadores de processos referenciais, esperando contribuir com uma abordagem teórica e pedagógica, que contempla um gênero textual emergente e que pode orientar a produção de materiais didáticos.

Dessa forma, acreditamos que a nossa proposta assume relevância pela própria temática eleita. A referenciação pode ser considerada um mecanismo sociocognitivo-linguístico-discursivo de grande relevância para a Linguística Textual, uma vez que além de contribuir para o processo de textualização, favorece a construção do projeto de dizer, dinamiza o processo de produção de sentidos e direciona o percurso interpretativo (Koch, 2003; Silva, 2014).

Nesse sentido, esta obra se justifica por três motivações basilares. A primeira diz respeito à relevância acadêmica, por se tratar de uma temática (referenciação) de reconhecida importância para os estudos sobre textos e discursos. A proposição de uma discussão envolvendo um gênero emergente pode favorecer a sistematização de reflexões acerca dos modos de organização do fenômeno da referenciação.

A segunda relaciona-se ao fato de que, com a disseminação das tecnologias digitais nas últimas décadas, houve a criação e a transmutação de gêneros (Marcuschi, 2008), muitos deles compostos por múltiplas linguagens, exigindo novas abordagens analíticas. Assim, além de divulgar pesquisas já realizadas sobre a referenciação em textos multissemióticos, a abordagem aqui assumida pode contribuir para a socialização e disseminação desses estudos. Além disso, o *corpus* selecionado permite a disponibilização de um estudo que se configura como inédito, já que não foram encontradas pesquisas que versam sobre animações minimalistas.

A terceira direciona-se para a questão dos processos de leitura e de produção textual, visto que compreender os efeitos de sentidos subjacentes às combinações multissemióticas demanda dos interlocutores habilidades analíticas para além da materialidade linguística, uma vez que os processos referenciais podem direcionar o percurso interpretativo, contribuir com a organização da progressão textual/temática, apontar para os posicionamentos argumentativos e sinalizar os aspectos histórico-sociais e ideológicos. Além disso, esta obra pode representar uma oportunidade para a formação de professores, a partir de produções que decorrerem dela (apresentação em eventos, publicações, produção de materiais didáticos), que poderão abordar a referenciação em uma concepção que abarca as escolhas realizadas pelos autores para a construção do projeto de dizer.

Para Mondada (2001, *apud* Koch, 2005, p. 34), a questão da referenciação “não privilegia a relação entre as palavras e as coisas,

mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores.” Analisar os processos referenciais em textos multissemióticos — proposta desta pesquisa — pode propiciar uma discussão voltada para o aperfeiçoamento de habilidades relacionadas à proficiência de leitura e de escrita, que impliquem a compreensão de elos coesivos, dos processos de introdução e manutenção de referentes, que são responsáveis pela construção textual (processos de retroação e prospecção) e pela orientação argumentativa.

Nesse viés, com a presente pesquisa, pretende-se contribuir para a sistematização de estudos acerca da caracterização do fenômeno da referenciação em textos multissemióticos, considerando que as escolhas linguísticas e semióticas realizadas pelos produtores podem revelar “uma seleção entre propriedades passíveis de serem atribuídas a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevantes para o locutor, tendo em vista a viabilização do seu projeto de dizer” (Koch, 2001, p. 76). É importante destacar que a ação de referir e construir um dado objeto do discurso está, intrinsecamente, relacionada ao propósito enunciativo que o produtor planeja ativar discursivamente, envolvendo, desse modo, questões para além da materialidade textual.

Após a contextualização da obra, passamos à apresentação de referenciais teóricos que fundamentaram a discussão aqui empreendida.



# 2

**LINGÜÍSTICA  
TEXTUAL:**  
PANORAMA HISTÓRICO

Esta seção tem por objetivo apresentar um breve panorama histórico da Linguística Textual (LT), tanto em termos das suas tendências de evolução, quanto em relação às constantes ressignificações de concepções epistemológicas e às ampliações de diálogos com outras linhas de pesquisa, o que implica um conjunto de deslocamentos teóricos e metodológicos a respeito das abordagens concedidas aos estudos dos textos ao longo da existência dessa perspectiva teórica.

Assim, como toda área do conhecimento, a LT sofreu influências de perspectivas e métodos relacionados ao contexto sócio-histórico-cultural. Essas influências determinaram, de certo modo, bases epistemológicas e direcionaram categorias analíticas.

De início, é válido destacar que a LT é considerada um campo relativamente recente da linguística, por ter seus estudos desenvolvidos a partir de 1950-1960, inicialmente na Europa, especialmente na Alemanha (Bentes, 2004). Em função da centralidade dos estudos sobre a linguagem se centrarem em pesquisas sobre a organização da frase, esse campo se desenvolveu, em todo mundo, com vistas a superar essa visão.

Considerando a trajetória das tendências de pesquisa, Bentes (2004) destaca que, na história da constituição do campo da LT, não houve um desenvolvimento homogêneo de perspectivas e nem um consenso entre pesquisadores acerca da cronologia de concepções que indiciam tendências de abordagens teórico-metodológicas. Complementando o exposto, Adam (2017, p. 42) postula que é “necessário distinguir e articular a linguística transfrástica (como gramática do transfrástico), a gramática textual (como teoria geral da textualidade) e a análise textual (como estudo dos textos em seu caráter singular de eventos do discurso).”

Nessa direção, Bentes (2004) considera que é possível agrupar o percurso dos estudos da LT em três momentos, que abrangeram preocupações teóricas bastante diversas entre si:

a) análises transfrásticas; b) gramáticas do texto; c) teorias do texto. Assim, para a autora,

[...] em um primeiro momento, o interesse predominante voltava-se para a análise transfrástica, ou seja, para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase; em um segundo momento, com a euforia provocada pelo sucesso da gramática gerativa, postulou-se a descrição da competência textual do falante, ou seja, a construção de gramáticas textuais; em um terceiro momento, o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas; parte-se, assim, para a elaboração de uma teoria do texto (Bentes, 2004, p. 261).

No primeiro momento, intitulado análise transfrástica, os estudiosos defendiam que as análises deveriam partir da frase para porções maiores, que não eram ainda um texto, atentando para a relação frase-período voltada para a construção de uma unidade de sentido. Essa perspectiva representou uma tentativa de ampliação de classificações existentes dos tipos de relações estabelecidas entre as orações por meio de conectivos. Segundo Koch (2009, p. 3),

Na sua fase inicial, que vai, aproximadamente, desde a segunda metade da década de 60 até meados da década de 70, a Linguística Textual teve por preocupação básica, primeiramente, o estudo dos mecanismos interfrásticos que são parte do sistema gramatical da língua, cujo uso garantiria a duas ou mais sequências o estatuto de texto. Entre os fenômenos a serem explicados, contavam-se a correferência, a pronominalização, a seleção do artigo (definido/indefinido), a ordem das palavras, a relação tema/tópico - rema/ comentário, a concordância dos tempos verbais, as relações entre enunciados não ligados por conectores explícitos, diversos fenômenos de ordem prosódica, entre outros. Os estudos seguiam orientações bastante heterogêneas, de cunho ora estruturalista ou gerativista, ora funcionalista.



Como se pode observar, no estudo das relações que se estabelecem entre enunciados foi concedido certo destaque às relações referenciais, particularmente à correferência, considerada um dos principais fatores da coesão textual. Nesse contexto, pode-se considerar que a análise transfrástica contemplava as unidades linguísticas maiores que a frase, como os períodos, os parágrafos etc., o que permitia uma compreensão mais abrangente da estrutura e da organização de certos recursos gramaticais, cuja funcionalidade desembocam num certo grau de organização textual. No entanto, havia ainda uma ênfase nos aspectos formais do texto. Uma das contribuições dessa abordagem que merece destaque é a explicação de sequências mais amplas, para além das frases. Ao atingir esse nível, transfrástico, a linguística textual pôde entender como as orações estabelecem suas conexões (Bentes, 2004).

O segundo momento, cujo foco são gramáticas textuais, congregou a visão da pura gramática de texto e a visão semântica. A proposta de gramáticas textuais residia na tarefa de descrever categorias e regras de combinação da entidade texto em determinada língua, com o propósito de: verificar os princípios de constituição e as condições em que se manifesta a textualidade, levantar critérios para a delimitação de textos e diferenciar as várias espécies de texto. O método de análise é reestruturado, deixa-se de pensar ascendentemente, isto é, das unidades (frases) para o todo (texto), optando-se por um percurso inverso, partindo do texto em direção às unidades menores. O método consiste em segmentar e depois classificar, mas sem perder de vista a função textual de cada um dos elementos. Vale destacar que a proposta dessa abordagem era refletir acerca de fenômenos linguísticos que não se explicavam por meio de uma gramática do enunciado, mas tendo o texto concebido como produto, pronto e acabado, que não se relacionava a fatores externos, contextuais.

É nesse momento que os estudiosos passam a se interessar pela competência textual dos falantes, a capacidade que permite

com que eles distingam um conjunto de palavras aleatórias de um conjunto coerente e saibam identificar quando estão diante de um texto. (Koch, 2009).

Cumpramos pontuar que, em cada língua, o texto tem regras linguísticas diferentes. Essas regras são determinadas por uma gramática textual, que permite a análise dos textos existentes e de todos aqueles possíveis, ainda não realizados, ao serem previstos pela gramática. Vale destacar que a gramática não é nada físico, mas um sistema de regras finito e recorrente, de que todos os falantes de uma determinada língua partilham. Assim, qualquer usuário de uma língua conseguiria dizer se uma sequência de palavras ou frases constitui um texto e se ele está bem construído ou inacabado, por exemplo,

Para Bentes (2004, p. 250), estudiosos do campo da Linguística Textual consideram que

Todo falante conhece não só as regras subjacentes às relações interfrásticas (a utilização de pronomes, de tempos verbais, da estratégia de definitivização etc.), como também sabe reconhecer quando um conjunto de enunciados constitui um texto ou quando se constitui em apenas um conjunto aleatório de palavras-ou sentenças. Um falante nativo também é capaz de resumir e/ou parafrasear um texto, perceber se ele está completo ou incompleto, atribuir-lhe um título ou produzir um texto a partir de um texto dado, estabelecer relações interfrásticas etc.

Nessa abordagem, merece destaque também o componente semântico, que contempla as macroestruturas profundas. De acordo com Koch (2009, p. 10), “à semântica do texto cabe explicar a representação da estrutura do significado de um texto ou de um segmento destes, particularmente as relações de sentido que vão além do significado das frases tomadas isoladamente.” Os estudos realizados nesse momento incidiam sobre a existência ou não de limites entre sintaxe e semântica.

Para a autora, o projeto das gramáticas textuais pode ser considerado ambicioso e pouco produtivo, por não conseguir alcançar o propósito de estabelecer regras para a descrição de todos os textos. Mas, por outro lado, também possibilitou um deslocamento de abordagens, pois em vez de dispensarem um tratamento formal e exaustivo ao objeto “texto”, os estudiosos investiram na produção de “uma teoria do texto, que, ao contrário das gramáticas textuais, preocupadas em descrever a competência textual de falantes/ouvintes idealizados, propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso.” (Koch, 2009, p. 251). Essa proposta deu origem a uma outra tendência.

No terceiro momento, voltado às teorias do texto, a LT começou a estudar o texto como uma unidade básica de significado, porque se reconheceu que a língua não é apenas uma coleção de frases isoladas, mas, sim, um sistema complexo de comunicação que opera em múltiplos níveis de organização. Os linguistas textuais perceberam que a compreensão do uso da linguagem requer a análise não apenas de sentenças individuais, mas também das unidades maiores, portanto, estudar o texto como uma unidade básica de significado é essencial para entender como esses recursos contribuem para a criação de significados/sentidos no discurso<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva, é relevante considerar a evolução das pesquisas em relação à própria concepção de textos, que passa a ser o foco dos estudos desenvolvidos pela LT. Nesse sentido, Koch (2009) salienta que

a Linguística Textual toma, pois como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio

6 O terceiro momento dos estudos sobre o texto é fortemente marcado por influências da Psicologia da Linguagem – especialmente da Psicologia da Atividade, de origem soviética, e da Filosofia da Linguagem, em particular da Filosofia da Linguagem Ordinária da Escola de Oxford, que desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala. (Koch, 2006).

de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa (Koch, 2009, p. 11).

A autora complementa o exposto, afirmando que o sentido do texto é “construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação” (Koch, 2003, p. 17). Além disso, para ser possível compreender o texto, é de grande relevância considerar o seu contexto<sup>7</sup>, pois é a partir dele que é possível construir as significações da sua construção. Para Hanks (2008, p. 124), o “contexto é um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros. Hoje em dia se reconhece de forma bastante ampla que muito (senão tudo) da produção de sentido que ocorre por meio da língua(gem) depende fundamentalmente do contexto.

Esse terceiro momento representou um avanço nos estudos sobre os usos da linguagem, pois foi possível ir além de uma

## SUMÁRIO

7 Em conformidade com Goodwin e Duranti (1992, p. 2), “não parece possível no momento apresentar uma definição única, precisa, técnica de contexto e, talvez, tivéssemos de admitir que tal definição nem é mesmo possível. O termo significa coisas bastante diferentes em paradigmas alternativos de pesquisa e mesmo no interior de tradições particulares parece ser mais pela prática, pelo uso do contexto para trabalhar com problemas analíticos específicos do que por definição formal”. Portanto, a definição de contexto não é algo simples como se fosse uma receita, ela é compreendida em conformidade com o desenvolvimento do texto e é de grande relevância para a construção enunciativa. A matriz proposta por Hymes (1964) traz contribuições para que seja possível compreender a construção do contexto nos textos. O contexto se dá pelo esquema “speaking”, o qual caracteriza o contexto da seguinte maneira: (S) situação: cenário e lugar; (P) participantes: falante e ouvinte; (E) fins, propósitos e resultados; (A) sequência de atos: forma de mensagem/ forma do conteúdo; (K) código; (I) instrumentais: canal/formas de fala; (N) normas: normas de interação/normas de interpretação; (G) gênero. O contexto é “frame” que envolve o evento sob exame e fornece recursos para que seja feita uma interpretação adequada do texto.



abordagem sintático-semântica. Essa nova dimensão se inicia pela adoção de uma perspectiva pragmática, uma vez que “já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.” (Koch, 2009, p. 13). Nessa abordagem, várias questões de ordem enunciativa foram analisadas: dêixis, atos de fala, interação face-a-face, plano geral do texto, processos de textualidade, produção e recepção dos textos, contexto de uso, propósito enunciativo, ação verbal, coerência pragmática e contextual.

Outra perspectiva que contribui para os avanços do campo da LT, nesse terceiro momento, é a cognitivista. Essa abordagem surge “a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações.” (Koch, 2009, p. 21). Os interlocutores, segundo essa perspectiva,

Possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. Assim, eles já trazem para a situação comunicativa determinadas expectativas e ativam dados conhecimentos e experiências quando da motivação e estabelecimento de metas, em todas as fases preparatórias da construção textual, não apenas na tentativa de traduzir seu projeto em signos verbais (comparando entre si diversas possibilidades de concretização dos objetivos e selecionando aquelas que, na sua opinião, são as mais adequadas), mas certamente também por ocasião da atividade de compreensão de textos (Koch, 2009, p. 21).

Nessa direção, são demandados sistemas de conhecimentos necessários para o processamento textual: a) conhecimento linguístico: compreende os conhecimentos gramatical e lexical; b) conhecimento enciclopédico (semântico ou de mundo): encontra-se

armazenado na memória a partir das experiências; c) conhecimento sociointeracional: abarca as ações e modos de inter-ação por meio da linguagem; d) modelos textuais globais: abrangem conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos, que envolve saberes sobre cenas, situações e eventos enunciativos (como agir em situações particulares e realizar atividades específicas nas diferentes situações do cotidiano social) (Koch, 2009).

Ainda segundo Koch (2009), a perspectiva cognitiva possibilitou desdobramentos substanciais para o campo da LT, como as discussões sobre princípios de textualidade ou de construção textual de sentidos. Esses desdobramentos possibilitaram o surgimento de uma concepção de cognição como um fenômeno situado: “os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente” (Koch, 2009, p. 31).

O reconhecimento da inter-relação entre processos cognitivos e de linguagem possibilitou a identificação de uma mútua constitutividade, uma vez que não há domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora dos processos interativos humanos. Essa constatação ampliou a noção de contexto.

Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como co-texto (segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo), tendo, quando da introdução da pragmática, passado a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a constituir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação (Koch, 2009, p. 32).

O redimensionamento da concepção de contexto é tributário de uma abordagem interacional (dialógica) nos estudos do campo

da LT. A partir dessas discussões, é sistematizada a perspectiva sociocognitivo-interacionista. Assim, o texto passa a ser concebido não mais em sua materialidade apenas, mas como “o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que - dialogicamente - nele se constroem e por ele são construídos” (Koch, 2009, p. 33)<sup>8</sup>.

Além disso, Bentes e Leite (2010) apontam duas questões que são basilares para o avanço das pesquisas desenvolvidas pela LT: a) o alargamento dos estudos sobre gêneros orais, suas características, semelhanças e diferenças e o meio social em que são produzidos, de modo mais específico, as pesquisas realizadas por Marcuschi (divulgadas em várias obras e eventos); b) a sistematização de estudos sobre os gêneros textuais, que voltam a ocupar lugar de especial destaque nas pesquisas sobre o texto.

Assim, com a ressignificação da concepção de contexto e com o crescimento das pesquisas sobre oralidade e gêneros textuais, são ampliados os interesses por várias questões relacionadas aos usos da linguagem, entre as quais estão as diversas formas de progressão textual (referenciação, progressão referencial, formas de articulação textual, progressão temática, progressão tópica), a dêixis textual, o processamento sociocognitivo do texto, os gêneros, inclusive da mídia eletrônica, questões ligadas ao hipertexto, a intertextualidade, entre várias outras.

Outra questão digna de nota, que também tem influenciado as pesquisas do campo da LT, é a ampla circulação de textos multissemióticos. Já existem vários estudos que tratam de mecanismos relacionados ao campo da LT no contexto das interações que se efetivam na sociedade da informação e da comunicação, na qual

8 Nessa linha teórica, “o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso (Koch, 2003, 2009; Marcuschi, 2007a, 2007b, 2008; Ciulla, 2008). São também indissociáveis do texto as relações culturais, sócio-históricas, em processos intercognitivos, considerados sob uma perspectiva interacionalmente situada. (Cavalcante *et al.*, 2010, p. 227)



circulam textos constituídos por diferentes modos e recursos semióticos. Nessa perspectiva, os pesquisadores consideram o surgimento de novas tendências em que os estudos do campo da LT se alargam para o contexto dos textos que circulam em espaços digitais<sup>9</sup>. Essa afirmação encontra sustentação em Dikson (2024), apoiado em Capistrano Júnior e Elias (2019), que considera que os estudos da LT podem ser abordados em cinco perspectivas:

1. perspectiva sintático semântica (anos 60)
2. perspectiva pragmática (final dos anos 70)
3. perspectiva cognitiva (anos 80)
4. perspectiva sociocognitiva interacional (anos 90 a início dos anos 2000)
5. perspectiva sociocognitiva-multissemiótica interacional (início anos 2000 até hoje)

Considerando a perspectiva sociocognitiva-multissemiótica interacional, o autor elucida as três dimensões:

- a) a sociocognitiva, que leva em consideração crenças, conhecimentos e experiências individuais e coletivas dos sujeitos (Capistrano Júnior; Elias, 2019)
- b) a interacional, que se coaduna nos papéis sociais dos indivíduos e suas inter-relações histórico- culturais (Capistrano Júnior; Elias, 2019)
- c) a multimodal-intersemiótica, que vai se colocar enquanto única possibilidade teórica constituinte e de ocorrência de qualquer evento textual e de suas investigações, contemplando aspectos devidamente moldados pelos incontáveis recursos semióticos (conceito e natureza) das ocorrências e eventos textuais do mundo moderno.

9 Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 65) argumentam sobre a "necessidade de se investigar o caráter multimodal a que podem se submeter as estratégias textual-discursivas".

Essa fase se caracteriza pela ampliação do conceito de texto para além da linguagem verbal (escrita ou falada), incluindo e integrando diferentes modos semióticos — isto é, múltiplos sistemas de signos que compõem a comunicação humana e social. Assim, os estudos textuais passam a incorporar: imagens, sons, gestos, recursos visuais (cor, diagramação, tipografia, layout, ícones, símbolos), recursos hipertextuais etc. O autor ainda destaca que a existência de pesquisas acadêmicas, em que os estudiosos já vêm investigando, analisando e discutindo, metodologias e categorias teóricas, procurando acomodar as ocorrências textuais multimodais-intersemióticas.

De acordo com Albert (2023),

O objeto de pesquisa da LT, que já era complexo, se “hipercomplexificou” e se “multifacetou”, para usar prefixos bastante em voga, pois falar em texto é falar de hipertextualidade, multimodalidades, multissemiotes, multiletramentos, multimídias, hipermídia, entre outros. [...] Assim, vejo como desafio na contemporaneidade atentar para a produção e recepção dos textos multissemióticos nos meios digitais, conduzindo investigações sobre as diferentes mídias, novos gêneros multissemióticos e multimidiáticos e as diversas práticas de linguagem que envolvem novas formas de produção, configuração, disponibilização, réplica e interação que permitem não só produzir mas também publicar na web e nas redes sociais vlogs, e-zines, infográficos, enciclopédias colaborativas, fanfics, podcasts, vídeos-minuto, entre outros. Julgo que são, também, desafios contemporâneos para a LT: i. avançar na pesquisa a partir dos caminhos abertos por precursores como Marcuschi e Koch e avançar incorporando novos paradigmas; ii. atender as demandas de um mundo globalizado e digital, no que se refere aos estudos da língua e da linguagem; iii. criar novos saberes em diálogo com novas disciplinas e domínios, para desenvolver novas práticas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa a partir de pesquisa em LT e de Estudos da Linguagem (p. 264 - 281).

Também considerando o redimensionamento das interações sociais, que estão sendo intensificadamente impactadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, Souza (2021) reitera que o trabalho com textos digitais e com o desenvolvimento de estudos sobre a multimodalidade agenciou esse novo caminho da LT, o que reflete não somente nos modos de organização e de funcionamento dos textos, como também nas formas de interação entre interlocutores.

Vale destacar que, embora seja consenso entre autores (ex.: Kress, Van Leeuwen, 2006; Dionísio, 2007; Ribeiro, 2013; Capistrano Júnior, Lins, Casotti, 2017) que todo texto é multimodal/multissemiótico, esse adjetivo, recorrentemente, é utilizado quando se quer destacar uma combinação de linguagens (ou modos ou semioses), as quais exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (Rojo, 2012).

Por fim, vale destacar que a LT também reconheceu que o estudo das produções textuais contempla várias questões como os propósitos enunciativos do locutor, as expectativas do público e o contexto social e cultural em que o texto é produzido e interpretado, que estão sendo redimensionados a partir das interações mediadas pelas tecnologias digitais. Nesse viés, o estudo dos textos demanda um enfrentamento da complexidade da linguagem, ou seja, dos modos de organização linguística, semiótica e discursiva dos diferentes gêneros e dos contextos de produção, de circulação e de recepção dos textos. Considerando o percurso teórico e a evolução da LT, na próxima seção iremos discorrer sobre as questões teórico-conceituais relacionadas às mudanças de enfoques da modalidade verbal para a multimodalidade.

## LINGUÍSTICA TEXTUAL: TEORIZAÇÕES SOBRE DIMENSÕES MULTISSEMIÓTICAS

Como apresentado anteriormente, o campo da linguística passou por diferentes mudanças e adequações, a fim de se tornar cada vez mais próximo do contexto social dos sujeitos. Assim, linguistas, como Ramos (2007), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Custódio Filho (2011); Cavalcante e Brito (2020), Cavalcante *et al.* (2019; 2022) já sinalizam para a tendência atual da LT, que está abrangendo os modos de organização e de funcionamento dos textos multissemióticos, bem como as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos.

Em uma perspectiva mais geral, Koch (2009) e Marcuschi (2008) apontam para a importância de a LT se ocupar das situações de interação mediadas por tecnologias digitais. Os autores consideram que os pressupostos teóricos e analíticos já consolidados no campo podem ser redimensionados, de modo a atender aos processos de textualização dos textos constituídos por diferentes recursos semióticos.

Já em uma abordagem mais voltada para a multimodalidade, destaca-se a pesquisa realizada por Ramos (2007), que defende a ideia de que a LT precisa ir além da modalidade verbal e abarcar os signos visuais semióticos. Outro importante estudo foi o desenvolvido por Cavalcante e Custódio Filho (2010) que também afirmam, enfaticamente, sobre a necessidade de revisão do conceito de texto que a LT assume, a fim de abarcar outras semioses:

[...] atualmente, há um grande esforço para desenvolver a teorização sobre a constituição multimodal de alguns gêneros textuais. Dessa forma, estabelecem-se, com maior ou menor profundidade, as relações entre parte verbal e imagens, por exemplo, do anúncio publicitário. Além disso, tecem-se considerações sobre como até

mesmo os gêneros pensados como exclusivamente verbais são atravessados por outras semioses (veja-se, por exemplo, a recorrente utilização de fotografias em notícias), que interferem na produção/interpretação [...] assumindo o objetivo de delinear as próximas tendências dos estudos do texto, destacamos a necessidade de se investigar o caráter multimodal a que podem se submeter as estratégias textuais discursivas (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 65 ).

Assim, compreende-se que, devido aos avanços e ao surgimento de novas demandas da sociedade, os textos multimodais necessitam de teorias para subsidiarem os processos de produção e de compreensão, a fim de que os sujeitos leitores possam não somente (re)contruir o projeto de dizer (a ser) proposto pelos produtores, mas também compreender os efeitos de sentidos decorrentes das escolhas realizadas. Os estudos da LT podem favorecer a qualificação das práticas educativas, a formação de professores e usos da linguagem de modo mais crítico e proficiente.

Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) também realizam apontamentos sobre as novas demandas para o campo da LT. Os autores pontuam que

[...] a inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual implica: i) um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor etc.); ii) o emprego de dispositivos analíticos oriundos do campo de estudos do texto, que permita trabalhar com tais signos (Bentes; Ramos; Alves Filho, 2010, p. 398).

O uso do termo “alargamento” pode favorecer uma revisão de pressupostos teóricos que tomam a modalidade verbal (oral e escrita) como objeto de análise, de modo a abarcar as especificidades das produções multissemióticas. Ainda sobre a inserção de textos



multissemióticos no arcabouço teórico da LT, Mondada (2005) pontua que, ao analisar textos com múltiplas semioses, há possibilidades de uma maior reflexão sobre as configurações textuais produzidas na atualidade. Para a autora, as mais diversas práticas interativas

[...] obrigam a Linguística a não se limitar a dar conta de atividade dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais e, assim, relegar os outros processos ao domínio da cognição. Elas obrigam, ao contrário, a levar em consideração as situações – numerosas – em que a palavra está imbricada na ação não-verbal, na materialidade do contexto e na manipulação de objetos. Isto nos parece fundamental para uma reflexão sobre a produção da referência – que se faz por meio de *práticas sociais multimodais e não somente linguísticas* (Mondada, 2005, p. 15-16, grifos da autora).

Se em momento anterior à disseminação das tecnologias de informação e comunicação, a análise de textos constituídos por diferentes modos e recursos semióticos já era relevante para as práticas de linguagem, com a circulação de diferentes gêneros textuais nas mídias digitais, essas demandas se intensificam, uma vez que os sujeitos estão expostos a diferentes modos de (com) partilhar informações.

Em outra perspectiva teórica, mas trazendo contribuições para a discussão aqui proposta, reportamo-nos ao posicionamento de Chartier<sup>10</sup> (1998, p. 100-101), que afirma que

[...] a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata

10

Mesmo não se filiando ao campo da Linguística Textual, a citação de Chartier apresenta-se relevante para a discussão aqui proposta, pois aborda as mudanças ocorridas nas interações com os textos.

da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

Nesse contexto, a LT se dispõe a analisar a organização composicional dos textos que circulam em contextos digitais, como também os processos de produção e de recepção desses textos, buscando compreender os efeitos da articulação de semioses e a natureza das interações inerentes a esses contextos.

Para Custódio Filho (2011, p. 181), “todos os modos semióticos de um texto, por fazerem parte de sua materialidade, são substrato para a elaboração de objetos de discurso”. Esse complexo jogo de semioses que integra os textos tem suscitado novas investigações no âmbito da LT, com vistas a uma reflexão sobre como tais recursos, entrelaçados em uma produção textual, indiciam sentidos, desvelam tradições, orientam interpretações, evidenciam um querer dizer e os modos de conceber o mundo.

De acordo com Carmelino e Lins (2015, p. 130),

[...] ao admitir a multimodalidade como inerente às práticas comunicativas e alargar o conceito de texto – que passa, então, a ser visto como um lugar em que se concentram ações de natureza multissemiótica, interativa e social, e cujas fronteiras são maleáveis, histórica e socialmente delimitáveis –, a Linguística Textual tem ampliado seus conceitos e contribuído com a leitura de diferentes produções textuais.

Nessa direção, Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) destacam a relevância de um aprofundamento dos mecanismos a serem usados para o processamento sociocognitivo interacional, que implica,



necessariamente, um alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar outras semioses (imagem, cor etc.) e o emprego de dispositivos analíticos oriundos do campo dos estudos do texto. Essas questões podem favorecer uma análise que considere a multiplicidade de signos, o fenômeno da autoria e a interrelação entre texto e contexto sócio-histórico, como elementos constitutivos da arquitetura textual.

Entre as várias questões exploradas pela LT, merece destaque a referenciação no contexto das pesquisas acerca dos modos de organização e de funcionamento dos textos multissemióticos. Diante disso, na próxima seção, serão apresentados pressupostos teóricos relacionados a esse fenômeno, que possui significativa relevância nos processos descritivo-analíticos assumidos no escopo das discussões empreendidas.

# 3

**REFERENCIAÇÃO:**  
PRESSUPOSTOS  
BASILARES

Ao abordar a concepção de referenciação, é relevante considerar que, na perspectiva sociocognitiva interacional, o conceito de referente descola-se da relação de espelhamento de objetos do mundo ou de representação cognitiva, pois “o objeto do discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas languageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente” (Mondada, 2001, p. 11). Desse modo, o referente não pode ser reduzido a uma relação de correspondência rígida entre a língua e o mundo. Em conformidade com Koch (2005), a referenciação é concebida como uma atividade discursiva. Para a autora,

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados e coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas dos sujeitos em função de um querer-dizer (Koch, 2005, p. 34-35).

Destaca-se, na citação apresentada, que a compreensão de material linguístico abarca a diversidade de modalidades (oral, escrita, imagéticas e sonoras). Logo, a referenciação é um fenômeno discursivo, pois os objetos “são tudo aquilo de que se trata no texto, tudo o que nele é tematizado e o que se relaciona indiretamente com o que é ali focalizado, mas não já dado como pronto para a interpretação, porque objetos não são assuntos que preexistem ao texto (Cavalcante, 2024, p. 126).

Mondada e Dubois (2003 [2021], p. 20) defendem que o termo referenciação suscita uma ideia de dinamismo, que envolve o processo no qual se dá:

Uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações, de concepções individuais e públicas do mundo [...] esta abordagem implica [...] um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo.

Considerando que a Linguística Textual situa o seu objeto de estudo nos usos sociais da linguagem, a referenciação não se configura como uma revelação de uma realidade, mas, sim, de (re) elaborações cognitivas por parte de sujeitos que se constituem na e pela linguagem e que produzem sentidos a partir de suas concepções, de seus valores e de suas referências de mundo.

O posicionamento apresentado anteriormente suscita uma reflexão acerca da distinção entre a concepção clássica de referência e a concepção de referenciação (cunhada por Mondada; Dubois, 1995) representa “um divisor de águas” nos estudos do campo da LT. Nesse sentido, Lima e Feltes (2013, p. 30) defendem que

apesar de ser essa uma questão já bastante discutida por estudiosos filiados à LT, compreendemos ser necessário sair de um nível mais genérico de abordagem, que se pauta pelo postulado de que os referentes são entidades (não necessariamente objetos do mundo real) materializadas (*no*) e *pelo discurso*, para adentrar no próprio nível da (re) construção desses referentes no texto/ discurso. [...] O fio condutor dessa discussão é, portanto, a hipótese, defendida em Lima (2009), da existência de referentes não homologados na superfície do texto, estando a sua (re) construção sujeita à recorrência a mecanismos inferenciais mais complexos, ancorados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre guiados pelo sinal linguístico (Lima; Feltes, 2013, p. 31, grifos dos autores).

Assim, é possível considerar que essa distinção constitui uma busca de fazer a diferenciação entre perspectivas teóricas, que mostra a evolução conceitual de referente, deslocando-se da relação de espelhamento com objetos do mundo ou, até mesmo, como a representação sociocognitiva.

Considerando essa perspectiva, Koch, Morato e Bentes (2005, p. 8) pontuam que,

## SUMÁRIO

analisada em meio às práticas sociais e às situações enunciativas, a língua muito facilmente deixou de ser identificada com a capacidade apenas mental (racional, intuitiva) de corresponder ou ser equivalente à realidade. Tanto quanto o mundo, ela seria uma construção simbólica para a qual concorrem vários fatores psicossociais; na relação com o mundo, ela seria, a um só tempo, dialeticamente determinada e determinante, estruturada e estruturante, organizada e organizadora. Tal mudança de perspectiva, desenvolvida pelos que procuram superar os impasses causados pela forte distinção entre posições internalistas e externalistas no campo dos estudos linguísticos, é assinalada pela substituição do termo referência por referenciação, visto que passam a ser objeto de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são, isto sim, interativamente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são objetos de discurso. A relação língua-mundo passa a ser, pois, interpretada, não meramente aferida por referentes que ou representam o mundo ou “autorizam” sua representação. Da trajetória que vai da referência à referenciação, segue-se a que vai do significante à significação, do enunciado à enunciação, da língua ao discurso, da metalinguagem concebida sob parâmetros logicistas à metalinguagem integrada à enunciação. Da trajetória que vai da referência à referenciação, segue-se a que vai do cognitivismo ao socio-cognitivismo, a partir do qual a cognição é concebida como construção social, intersubjetiva e historicamente situada.

No excerto apresentado, é possível constatar o redimensionamento dos processos referenciais ao longo da trajetória de estudos da LT. Ao se investigar a complexa relação entre a linguagem e o contexto social em que a referenciação opera, é fundamental para destacar a mudança de perspectiva. Tal mudança se desloca de uma concepção de linguagem como uma ferramenta para representar uma realidade objetiva para outra concepção que implica compreendê-la como um fenômeno dinâmico e socialmente construído, interativo e culturalmente integrado, que desempenha um papel central na formação da percepção do mundo e das interações sociais.



Esclarecendo essa questão, Abreu (2021, p. 45) sistematiza as duas tendências no tratamento desse conceito a seguir:

a primeira entende a língua como instrumento de designação da realidade, sendo uma representação extensional de referentes do mundo extramental. Nesta perspectiva, o referente é uma simples (de) codificação das coisas, sendo considerado um objeto de mundo, pois, simplesmente, “traduz”, “transpõe”, o que o produtor quer do mundo para o texto. Trata-se da ideia de relação que se estabelece entre as palavras e as coisas, ignorando os usuários, bem como suas experiências socioculturais. A língua existe e o mundo, as coisas do mundo são denotadas por ela, independente de quem usa a língua. A segunda tendência vê a língua como um processo de interação. Essa não existe fora dos sujeitos que as usam, fora dos eventos discursivos nos quais os falantes intervêm, mobilizam saberes de ordem linguística, sociocognitiva. Essa peculiaridade nos leva a afirmar que, ao falarmos, ativamos modelos de (no) mundo, atribuindo-lhes significados às coisas, a partir de nossas práticas culturais (e sociais).

Essas duas perspectivas representam visões contrastantes sobre a natureza da linguagem. A primeira perspectiva enfatiza a linguagem como uma ferramenta para designar a realidade, enquanto a segunda perspectiva concebe a linguagem como um processo dinâmico de interação profundamente enraizado nas experiências e práticas dos sujeitos.

Em Koch (2003), a concepção de referenciação é tomada como uma atividade discursiva, que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem, haja visto a instabilidade das relações entre as palavras e as coisas. No entanto, a autora emprega o termo referência (de modo alternado no texto), tomando-o no sentido de fenômeno que integra os modos de significar. Ao abordar o tema, a autora abarca a questão da realidade, que se configura como uma construção social. Para ela,

não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos de discurso e não como objetos-do-mundo (Koch, 2003, p. 78).

Discorrendo sobre essa questão, Mondada e Dubois (2003 [2021]) pontuam que “o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo estão representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentidos ao mundo” (p. 20).

Desse modo, é necessário que os estudos sobre a linguagem considerem os posicionamentos dos sujeitos que fazem uso dela em suas interações sociais, já que eles são seres pensantes que (re) formulam enunciados. Os sujeitos, aos realizarem ações textuais, submetem-se a um conjunto de circunstâncias de natureza interacional, cultural e social, as quais determinam e são determinadas pelas suas práticas, e mobilizam, de forma situada, percepções e sistemas de conhecimento socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos.

Em relação a essa questão, Saib (2008, p. 17-18) destaca que, a partir do reconhecimento da dinamicidade do referente,

desfaz-se a equivocada concepção de que haveria uma suposta relação direta entre a língua e os objetos mundanos. Essa constatação insere-se numa ordem discursiva

que prioriza a linguagem como um “fazer-ação” intercambiável, que relativiza, do ponto de vista da significação, a entidade linguística, afrouxa o conceitual em função do situacional-contextual e transforma o referente (objeto de mundo) em objeto-de-discurso; estabilizando provisoriamente, desse modo, por meio da referenciação e no evento discursivo, a relação entre as palavras e as coisas. Sob a égide da realidade em construção - em processo contínuo -, o enfoque da referenciação, em vez de referência, mostra-se o caminho mais consistente para elucidar os meandros da linguagem em uso, pois, no contexto sociointerativo, as “versões públicas” e “provisórias” da realidade focalizam as relações língua-linguagem em níveis interdiscursivo e intradiscursivo. Como consequência, leva à postulação de uma subdeterminação semântica do léxico, que só se resolve em situações concretas de uso.

Nessa discussão, Matos (2005) também se posiciona a respeito da dinamicidade dos referentes, que, enquanto objetos de discurso, possuem a possibilidade de serem reformulados, modificados, rotulados ou desativados, a fim de sugerirem determinados pontos de vista. Logo, um mesmo referente possui a possibilidade de ser renomeado e/ou requalificado de variadas formas, inúmeras vezes, durante o ato comunicativo, de acordo com as necessidades do interlocutor que recorre à fala.

Nessa perspectiva, é relevante destacar a questão da dinamicidade, retomando Abreu (2021, p. 47), que acrescenta:

O aspecto central da textualização é a organização referencial, que confere continuidade e estabilidade, engendrando a coerência discursiva. É preciso entender, entretanto, que, ao se falar em referente, em progressão referencial, não se está pensando somente em retomadas de mesmo referente ou a sua inteira manutenção. Um texto não é linear. Por ser um tecido de diferentes tramas, afirma-se que o processo de textualização é multilinear, ocorrendo atividades retrospectivas e prospectivas, um ir e vir, em que os elementos linguísticos materializam as estratégias para o projeto de dizer do produtor do texto

de forma diversificada. Portanto, não se trata, simplesmente, de uma retomada de referentes, sua substituição ou a sua inteira manutenção. Postula-se que manutenção, retomadas ou substituição se constituem em (re) construção do real para o mundo textual e que o contexto é fundamental para o entendimento da materialidade que se processa no texto, considerando a referenciação como mote organizacional do querer dizer do produtor (Tedesco, 2002). Dentro do projeto de texto, o conjunto de informações expressas vai sendo elaborado, num processo de construção dos sentidos, tornando os referentes objetos de discurso.

O posicionamento de Abreu (2021) acerca da relevância da organização referencial no processo de textualização converge com a discussão feita por Cavalcante *et al.* (2022), que consideram esse fenômeno como a questão mais central e mais profícua da LT. Ao defender que o texto não é linear, há aqui o reconhecimento de uma relação intrínseca entre referenciação e contexto enunciativo. A ideia de que um texto é uma organização complexa de diferentes enredos, sublinha a natureza intrincada da textualização, que implica dimensões linguístico-semióticas (que integram a materialidade textual), e dimensões discursivas (contextos de produção e de recepção dos textos, os sujeitos e seus modos de compreender o mundo).

Compreender a referenciação como um processo de (co) construção de sentidos implica considerar que, nas interações entre interlocutores (leitura, escuta e produção de textos). É relevante ponderar “quais objetos estão sendo referidos, de que maneira, por quem, com quais intenções, etc. num cálculo que pode ser ajustado, conforme nos empenhamos na compreensão e de acordo com as outras pistas que nos vão sendo fornecidas à medida que o discurso se desenvolve.” (Ciulla, 2008, p. 17).

Trazendo contribuições para a discussão em pauta, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 154) conceituam referentes como



[..] entidades construídas a partir de representações mentais elaboradas pelos sujeitos (durante as interações pela linguagem), sobre as quais recai a significação substancial dos textos/discursos. Os referentes não equivalem a objetos do mundo representados objetivamente, mas aos objetos de discurso que garantem a coerência textual, os quais são “fabricados” a partir de um trabalho socio-cognitivo de negociação dos interlocutores. Podem ser construídos a partir de acionamento de expressões referenciais, mas também se manifestam por outros meios, de modo que os fatores materiais diferentes da linguagem verbal e os aspectos contextuais mais amplos também têm papel fundamento nesse processo.

No excerto supracitado, merecem destaque alguns itens lexicais empregados pelos autores, que são basilares para a reflexão teórica aqui proposta. Ao se reportarem às representações mentais elaboradas pelos sujeitos há a consideração de uma dimensão cognitiva, sem a qual os usos da linguagem não se realizam, uma vez que os modos de dizer estão atrelados a um conjunto de saberes adquiridos a partir das interações com outros sujeitos no cotidiano social. Além disso, os itens lexicais sujeitos, interações, textos/discursos, negociação dos interlocutores se relacionam à dimensão social da linguagem.

Para ilustrar essa discussão, segue um exemplo do processo de referenciação em uma notícia online<sup>11</sup>. O exemplo trata-se de uma notícia disponibilizada em conta de *Instagram* do *Jornal O Tempo* (Figura 1).

11 A escolha por alguns textos verbais se deu em função de o capítulo estar retomando referenciais teóricos que são bases para a presente pesquisa, ou seja, várias referências utilizadas neste trabalho elegeram como objeto de estudo as ocorrências do fenômeno da referenciação na modalidade verbal. Tais estudos são, notadamente, relevantes para a construção do arcabouço teórico sobre a referenciação.



Figura 1 - Exemplo de referenciação em notícia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C1xoHaFg1Qc/>, acesso em: 20 nov. 2023.

Nesse exemplo, dois termos merecem destaque: a) “vaquinha”, que se refere a um movimento de arrecadação de recursos financeiros para ajudar alguém; b) “indigenista assassinado”, que se refere ao brasileiro Bruno Pereira, servidor da Fundação Nacional do Índio, que foi assassinado em junho de 2022. Segundo o dicionário Michaelis, o verbete “vaquinha” pode apresentar os seguintes sentidos: 1) Vaca pequena; 2) Arrecadação de dinheiro entre várias pessoas para determinado fim; 3) Inseto coleóptero (*Diabrotica speciosa*), da família dos crisomelídeos, amplamente distribuído pelo território brasileiro, caracterizado pelos élitros verdes manchados de amarelo.

Mesmo que não leia a notícia (à direita da manchete), o leitor, a partir das representações mentais e de seus conhecimentos prévios, constrói o referente de “vaquinha” como uma ação de solidariedade. Já em relação ao “indigenista assassinado”, o referente pode ser construído a partir da associação com conhecimentos prévios decorrentes de outras interações vivenciadas pelo leitor, ou

da visualização da imagem que acompanha a manchete (em que Bruno Pereira é apresentado) e/ou da leitura da notícia que apresenta informações sobre ele.

Por meio desse exemplo, destaca-se a natureza dinâmica desse fenômeno que apresenta processos sociocognitivos complexos, multifacetados e apresentam funções e realizações múltiplas. Nesse sentido, o conceito de referenciação deve ser entendido como a “construção sociocognitivo-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processos de negociação” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 41).

As reflexões advindas da análise da notícia selecionada corroboram o posicionamento de Custódio Filho (2011, p. 148), segundo o qual o “princípio de que a construção do sentido é resultado da integração de múltiplos fatores (linguísticos e extralinguísticos).” O fato de apenas ler o texto na materialidade linguística ou semiótica não garante a compreensão do texto. É necessário que o leitor mobilize seu conhecimento de mundo para que possa produzir sentidos, a partir das pistas deixadas pelos produtores, principalmente, no que diz respeito aos processos de referenciação.

Desse modo, é relevante pontuar que a perspectiva socio-cognitiva considera o sujeito situado em um contexto enunciativo. Assim, é válido enfatizar que

A referenciação é mais que uma atividade semântica de criação de uma rede lexical. Podemos afirmar que ela é uma complexa atividade discursiva. Os mecanismos e o processo de referenciação são múltiplos, dependendo do tipo de texto, do gênero textual, do autor e dos possíveis públicos-alvo, alguns recursos podem ser mais proeminentes que outros, mais adequados ao que se preste dizer ou até mesmo mais fáceis de serem identificados, sendo postos de forma mais clara e objetiva (Carvalho, 2021, p. 99).

A referenciação não prioriza a relação entre as palavras e as coisas/objetos, mas, sim, a questão da interação intersubjetiva social presente no mundo e em constante mudança, a fim de acompanhar as necessidades humanas de comunicação. Portanto, a referenciação é constituída por meio de uma atividade discursiva, visto que

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisa, com vistas à concretização de sua proposta de remissão textual que se realiza por meio delas, constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. É por esta razão que se defende que o processamento do discurso, visto que realizado por sujeitos sociais atuantes, é um processamento estratégico (Mondada, 2005, p. 35).

Isso caminha em direção à afirmação de Koch (2009, p. 61), segundo a qual a referenciação é “uma atividade discursiva”. Nesse sentido, durante a construção da interação verbal, o sujeito precisa operar sobre o material linguístico e fazer diferentes escolhas significativas em relação ao conteúdo lexical, a fim de representar estados de coisas em seu discurso.

Por essa linha de raciocínio, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) afirmam que a dinamicidade do processo de construção de referentes na atividade discursiva, anteriormente aludida, está ancorada em três princípios: a) instabilidade do real; b) negociação dos interlocutores; c) natureza sociocognitiva da referência.

Para os autores, a referenciação é constituída por uma (re) elaboração da realidade, o que reflete a instabilidade do real, o que significa afirmar que os objetos do mundo, representados no texto, não são apresentados de maneira objetiva e imutável, ou seja, são sempre construídos, reelaborados conforme as especificidades de cada situação interativa. “Toda construção referencial é um trabalho em constante evolução e transformação”. (p. 29), que explicita uma função precípua do fenômeno da referenciação: “propor versões

para a realidade" (p. 40). A referenciação deve ser entendida como a "construção sociocognitivo-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processos de negociação" (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 41).

A construção de referentes, enquanto atividade constitutivamente discursiva, ocorre devido à ação colaborativa de sujeitos em interação. Pensando nessa concepção, Salomão (2021, p. 72) afirma que "interpretar/representar é produzir conhecimento socialmente útil porque é validável na interação, ou seja, consensualmente compartilhável num encontro determinado".

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 35), quando os sujeitos produzem ou interpretam textos, eles participam ativamente da interação verbal, realizando uma ação de construção de negociações em relação aos sentidos que são construídos. Portanto, esse processo é amplamente dinâmico, uma vez que permite diferentes modificações de acordo com o desenrolar das ações. Assim, "a construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação".

No escopo da construção negociada na referenciação, há a presença da construção colaborativa, uma vez que durante as interações sociais, é possível perceber a instabilidade constitutiva da língua e dos elementos que a cercam. Sendo assim, conforme destacado por Marcuschi (2008, p. 117), "língua e coisas são instâncias inerentemente instáveis, e tem-se que a produção do sentido só ocorre em cada texto, quando cada um é produzido ou interpretado". Dessa forma, as concepções de emissor e receptor (funções estancques e passivas) são substituídas pelas de enunciador, (co) enunciador e interlocutor, e a produção de sentidos somente é possível com a participação ativa dos indivíduos envolvidos na produção comunicativa. Nesse caso, a depender da situação sociointerativa, os sujeitos podem assumir uma ação deliberada de não colaboração, o que permite considerar a existência de tipos e níveis diferentes de colaboração.



Nesse sentido, a referenciação possui também uma dimensão sociocognitiva, ou seja, a construção dos objetos do texto, mais especificamente, a produção de sentidos, passa por algum tipo de processamento mental. Isso ocorre porque tal trabalho é realizado a partir de parâmetros sociodiscursivos que são previamente apreendidos e atualizáveis, conforme cada situação de interação em que o sujeito falante se encontra.

A natureza sociocognitiva da referência está ligada, por um lado, a fatores sociais, como cultura, história e comunidade, que desempenham um papel importante na maneira como a linguagem é usada e compreendida e, por outro lado, a fatores cognitivos, como memória, atenção e percepção, que desempenham um papel crítico no processamento e na interpretação da linguagem.

Em conformidade com Custódio Filho (2011, p. 120), a atividade referencial é cognitiva, pois a "interação linguística só ocorre porque os sujeitos conseguem processar os textos que produzem e compreendem. Pode-se dizer, assim, que o processamento referencial é estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar dentro da dinâmica textual-discursiva [...]". Assim, ao se falar sobre atividade cognitiva na referenciação, não se alude, de maneira nenhuma, apenas à questão dos processos mentais, ou seja, ao raciocínio utilizado para produzir e interpretar textos. Afinal, o aspecto cognitivo não pode ser desvinculado do aspecto social. Nesse viés, ele não se restringe apenas ao procedimento mental necessário à produção/interpretação de textos.

Em função de a referenciação estar intrinsecamente relacionada às dimensões sócio-históricas e ideológicas, esse fenômeno se destaca pela dinamicidade, seja por motivos da flexibilidade para se sujeitar às mudanças de tempo e de contextos, seja por motivos de ser influenciado por mudanças nas normas sociais e tradições culturais, influências dos usos da linguagem no contexto das tecnologias e na comunicação ou alterações nos contextos políticos e ideológicos.



Assim, os objetos de discurso são considerados entidades construídas ao longo das interações discursivas e podem sofrer diferentes modificações, em conformidade com as necessidades dos sujeitos que realizam as atividades de interação por meio do discurso.

Em geral, a questão da dinâmica na referenciação destaca a importância de considerar o contexto e a história do uso da língua, bem como os fatores individuais e sociais que organizam a forma como a língua é compreendida e interpretada. Ao reconhecer a natureza dinâmica da referenciação, pode-se entender melhor as complexidades do uso da linguagem e como ela evolui ao longo do tempo. Desse modo, é relevante destacar que a referenciação não assume apenas a função de referenciar objetos do discurso, mas contribui, também para a construção sociocognitivo-discursiva do texto, com destaque para a progressão textual e para a construção argumentativa.

Para a compreensão da natureza do fenômeno da referenciação, as próximas seções abordarão algumas de suas principais características.

## A REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SOCIOCOGNITIVO-DISCURSIVA DO TEXTO

Ao abordarmos a questão da referenciação na construção dos textos, destacamos duas questões basilares: a progressão textual e a construção argumentativa. Essas questões apresentam relevância quando se estuda a referenciação, pois são esses aspectos que evidenciam o papel central dos mecanismos referenciais na tessitura do texto. Compreender como a referenciação pode contribuir para a sequência lógica do texto e para a qualidade dos argumentos amplia as possibilidades de uma análise mais aprofundada, abarcando

dimensões linguístico-semióticas e dimensões discursivas. A indissociabilidade dessas questões afeta não somente o processo de textualização, mas também o processo de produção de sentidos.

No que diz respeito à progressão textual, em uma perspectiva macro, Marcuschi (2016) considera que um texto se constitui a partir de dois processos: a) progressão referencial e b) progressão tópica. Para o autor, a progressão referencial diz respeito à "introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes e formando o que se pode denominar cadeia referencial" (p. 10). Já a progressão tópica está ligada ao tratamento dado ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto.

Koch (2009, p. 72) acrescenta que a progressão referencial se configura como uma estratégia para reconstruir ou manter os objetos de discurso na atividade verbal. Ainda de acordo com a autora,

A reconstrução é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato de o objeto encontrar-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos etc.), bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc.).

Diante disso, a reconstrução é compreendida como uma operação responsável pela construção de cadeias/redes referenciais no texto, logo, proporcionando a progressão referencial no texto. Inicialmente, nos estudos sobre a referenciação e a sua construção sociocognitiva-discursiva, a reconstrução era tida como um importante método de realizar o processo referencial. No entanto, estudos mais recentes, como os desenvolvidos por Cavalcante e Brito *et al.* (2022) sinalizam para as potencialidades de outros recursos

semióticos (imagens, cores, expressões faciais etc.) como responsáveis pela progressão referencial. Os referentes introduzidos e mantidos em foco na atividade de linguagem contribuem para a criação de conexões referenciais ou coesivas necessárias para a progressão referencial da superfície textual.

Discorrendo sobre essa questão, Cavalcante e Brito *et al.* (2022, p. 271) enfatizam a importância de uma análise sobre como os referentes se comportam e se vinculam entre si, em meio à progressão do texto. Para os autores, “para que qualquer texto tenha continuidade de sentido, é necessário, consequentemente, existir também a progressão de referentes”. Essa articulação é nomeada de rede referencial. Nessa direção, as redes referenciais não devem ser analisadas apenas pelas formas léxico-semânticas de denominação dos referentes, haja vista os contextos passíveis de determinação de um referente, mediante uma série de indícios que emergem no cotexto para essa construção, conforme destacam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Segundo Matos (2018, p. 169),

[...] as redes referenciais são entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos. Desta forma, tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência. Neste mesmo pensamento, as recategorizações que atuam nessas redes nem sempre são avalizadas por tipos pontuais e restritos a certas unidades linguísticas, mas também por uma infinidade de indícios contextuais, resultantes de uma visão sociocognitiva sobre os processos de referência.

A pesquisa realizada por Matos (2018) amplia o renomado estudo de Roncarati (2010), segundo o qual as cadeias eram reconhecidas por recursos lexicais e gramaticais que se ligavam a elementos introduzidos no texto, com o fim de atribuir-lhe coerência. Assim, o termo “cadeias” é substituído por “redes”, considerando-se que as relações se dão para além das unidades referenciais, ou seja, acontecem de forma abstrata, na mente dos interlocutores, realizando-se ou não dentro do cotexto. Nessa perspectiva, “a continuidade de um referente em determinado texto pode ocorrer pela ativação de pistas contextuais que convocam informações compartilhadas pelos participantes da enunciação, revelando-se não por uma forma anafórica pontual, mas também mediante outros elementos textuais” (Matos, 2018, p. 33).

A autora elenca algumas características relacionadas à noção de redes, diferentemente das cadeias de referentes:

✓ no plano do cotexto, as construções das redes de referentes não decorrem somente da edificação das unidades lexicais que os designam, mas também se constituem de diversas pistas deixadas, competentemente, pelo produtor do texto, chegando a dispensar, em frequentes casos, a explicitação da própria nomeação das entidades sob uma superfície textual em linearidade;

✓ sugerimos que as redes possam ser divisadas sob o parâmetro funcional na composição das unidades retóricas do gênero, em moldagem a ele;

✓ as relações entre os referentes não são apenas léxico-semânticas, mas podem ser diversas, sobretudo, sociocognitivo-discursivas, de modo que, nestas duas últimas, situa-se a essência de nossa abordagem evolutiva do referente. Por esse motivo, não privilegiamos somente as ligações semânticas ou gramaticais, embora elas façam parte de nossa análise, sendo também fatores responsáveis pelas interconexões que fazemos entre os objetos no discurso;



✓ ao contrário das outras propostas vistas sobre cadeias, as redes de referentes não devem ser tratadas isoladamente no texto, visto termos percebido que elas tendem a interagir discursivamente, entre si, na construção e manutenção da coerência e do gênero, mesmo que tais relações pareçam não ser todas iguais entre si. (Matos, 2018, p. 170-171)<sup>12</sup>.

Ainda, de acordo com a autora, é relevante se reportar ao conceito de recategorização, que se configura como um fenômeno dinâmico, resultante de tal processo de tessitura dos referentes, pois revela as mudanças pela qual passa o referente no discurso, o que desencadeia uma conseqüente alteração de concepções: não mais de cadeias, e sim de “redes referenciais”.

A autora complementa a questão abordada, afirmando que

À medida em que se entrelaçam no texto, os objetos de discurso travam uma multiplicidade de relações entre si e com a aparelhagem conceitual dos interlocutores do texto capazes de estabelecer a manutenção de certos referentes e de promover a aparição e o processamento de outros simultaneamente, adicionando traços e características aos objetos continuamente, no universo textual-discursivo (Matos, 2018, p. 33).

Assim, ao considerar a progressão textual desencadeada pelo fenômeno da referenciação, é relevante destacar que, em uma perspectiva sociocognitiva, as redes referenciais se constituem “não somente por aquilo que emerge na superfície linguística, mas especialmente, pelo que o leitor pode captar inferencialmente, através de variados indícios do contexto” (Matos, 2018, p. 247). Nessa abordagem, além dos efeitos de sentidos suscitados pelas interconexões puramente semânticas ou gramaticais, é possível afirmar que as ancoragens entre os referentes podem ser múltiplas, de tal modo a fazer com que todos eles interajam dentro de um mesmo entorno discursivo, em prol da construção dos sentidos.



Após discorrermos sobre a progressão textual, abordamos a outra questão mencionada no início desta seção – a construção argumentativa. Destacamos que esta seção apenas se prestará a apresentar, de modo geral, essa potencialidade, uma vez que essa é uma temática complexa e amplamente discutida na literatura. Pesquisadoras, como Koch e Elias (2008), mostram que a referência não se trata apenas de retomadas no texto, mas pode ser compreendida como um processo discursivo, em que os sujeitos realizam escolhas significativas, as quais indiciam determinados pontos de vista, conforme se pode observar no exemplo a seguir. Trata-se de uma reportagem, retirada do site jornalístico *O Globo*, que aborda a situação da prisão de Anderson Torres, ex-ministro da Justiça do ex-presidente Jair Bolsonaro (Figura 2).

**Figura 2** - Referência e construção argumentativa

**Enxadrista: Moraes libera Torres mas segue tentando o cavalo**

12/05/2023

Será que ele cantou? Não se sabe por que Moraes mandou soltar Torres, mas o que se sabe é que o gênio do crânio reluzente pensa em várias jogadas adiante e está de olho em prender o cavalo. Bolsonaro ficou indignado: “O cavalo anda em L. Tá doido? Não tenho nada a ver com nada que faça o L”, disse. Como costuma ser tratado de ditador por Bolsonaroistas, Moraes resolveu bancar um ditador saudita e presenteou Torres com uma joia, uma tornozeleira. Torres não vai poder acessar a internet e com isso deverá ficar mais bem informado que nunca.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/blogs/humor/sensacionalista/post/2023/05/enxadrista-moraes-libera-torres-mas-segue-tentando-o-cavalo.ghtml>. Acesso em: 28 de jun. 2023.

Entre as várias ocorrências de referência que são ressignificadas, destacam-se “enxadrista” (pessoa que se dedica ao estudo e/ou à prática profissional de xadrez, pessoa estrategista, calculista e habilidosa em traçar planos e lidar com desafios de maneira inteligente), “gênio do crânio reluzente” (menção à calvície do ministro Alexandre de Moraes), “cavalo” (menção ao ex-presidente Jair Bolsonaro), “joia” (tornezeleira) e “ditador saudita” (menção ao cargo

## SUMÁRIO

de homem envolvido no episódio de oferta de joias como presentes por parte de um ditador saudita à esposa do ex-presidente). Há um jogo de palavras no uso de “Torres” (Anderson Torres) e “torre” (peça do jogo de xadrez). Tais escolhas indiciam sentidos e não buscam apenas fazer alusão às pessoas/situações referenciadas. O propósito enunciativo se direciona para um humor sarcástico e para a ironia, uma vez que não se trata apenas da informação de que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou a saída do ex-ministro da Justiça e ex-secretário de Segurança Pública do Distrito Federal da prisão, em decorrência da investigação por suposta omissão nos atos golpistas do dia 8 de janeiro de 2023, mas de uma sátira.

Conforme defendido por Matos (2018), é relevante considerar a discussão sobre as redes referenciais, que “não devem ser consideradas unicamente pelas formas léxico-semânticas de denominação dos referentes, haja vista os contextos passíveis de determinação de um referente, mediante uma série de indícios que emergem no cotexto para essa construção”. A autora complementa que as redes referenciais “são entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e que se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos” (p. 6).

Assim, é possível considerar dois grupos: 1) “enxadrista”, “jogador”, “cavalo” e “gênio”, que fazem remissão ao jogo de xadrez (metáfora) e 2) “ditador saudita”, “joia”, “Bolsonaro”, ao caso do presente dado por ditador saudita à esposa do ex-presidente do Brasil. Como se observa os termos “enxadrista”, “cavalo” e “joia” apresentam, na notícia, uma extensão de sentidos, devido às redes referenciais que realizam conexões e associações desses referentes à situação enunciativa (leitura da notícia).

Complementando o exposto, Cavalcante (2011, p. 186) considera que a referenciação, além de estar relacionada à repetição

de formas de expressão referencial em um contexto, se configura como procedimentos que ajudam “a organizar o texto, a argumentar, a resumir, a introduzir novas informações, a definir, a veicular diferentes vozes ou pontos de vista discursivos, a chamar a atenção do leitor – para citar apenas algumas”. Diante disso apresentamos a seguir um exemplo para ilustrar o que se afirma. Na reportagem, é possível observar os relatos de uma briga judicial com relação ao não pagamento de conta de uma casa. A antiga dona da residência, Daniela Cutait, alega que a compradora do imóvel, viúva de Gal Costa, não está com as contas em dia (Figura 3).

**Figura 3 - Referenciação e processo de produção de sentidos**

**Viúva de Gal nega calote e questiona se artista que a acusa foi 'faxineira' nos EUA**

Daniela Cutait afirma que seu nome foi parar no Serasa por contas da casa que vendeu para a cantora, e que não teriam sido pagas.

A viúva de Gal Costa, Wilma Petrillo, diz que a artista plástica Daniela Cutait mente ao afirmar que ela não paga as contas de luz e gás da casa em que reside em São Paulo. E revela que vai “colocar o jurídico para resolver”.

“Essa mocinha deve ser louca”, diz a viúva à coluna, por meio de mensagem de WhatsApp. [...]

Wilma Petrillo enviou à coluna, por WhatsApp, comprovantes de pagamentos de contas de luz de maio e junho deste ano —mas não se pronunciou sobre a acusação de Daniela, de que o cano foi dado há mais de dois anos, e não em 2023.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/06/viuva-de-gal-nega-calote-e-questiona-se-artista-que-faz-acusacao-foi-faxineira-em-nova-york.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2023.

No exemplo em questão (Figura 3), a expressão referencial “viúva de Gal” anunciada na manchete da notícia não é utilizada apenas para identificar Wilma Petrillo, mas para apresentar um acontecimento ocorrido e que envolve a cantora Gal Costa. A notícia é anunciada por se tratar de um episódio envolvendo a viúva da cantora.

Nesse contexto, merece destaque também o referente “mocinha”, que apresenta um tom pejorativo. Já o item lexical “cano” integra o discurso do cotidiano popular, e também, expressa uma valoração. A alusão ao prejuízo financeiro por meio de um termo coloquial consiste em uma estratégia de aproximação com o leitor e parece sugerir um posicionamento de concordância da coluna jornalística em relação à versão da artista plástica e não da viúva de Gal Costa.

Assim, no que diz respeito à construção da argumentação na referenciação, é necessário partir da concepção de que a discursivização ou textualização do mundo ocorre por meio da linguagem, ou seja, não consiste em processo de elaboração de informações, mas sim na (re)construção do próprio real. Assim, os objetos do discurso não são confundidos com a realidade extralinguística, mas participam da (re)construção do processo da interação. Dessa forma, a realidade é construída, modificada e, até mesmo, mantida de acordo com a maneira como se referencia o mundo, em conjunto com a forma sociocognitiva com que se interage nele/com ele.

Logo, a referenciação é uma atividade discursiva que contribui para a construção argumentativa do texto. Durante a interação social, o sujeito opera sobre o material linguístico que possui à sua disposição, a fim de realizar escolhas significativas (Koch, 2005) que contribuam para a representação das coisas e apresentação de opiniões e determinados pontos de vistas. Em outras palavras, “as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas dos sujeitos em função de um querer-dizer” (Koch, 2005, p. 35).

Nessa direção, Carvalho (2005) destaca que, na organização discursiva, o grupo nominal se constitui como um mecanismo que viabiliza uma integração entre o que foi dito, o que se diz e o que se irá dizer, revelando o dinamismo textual e sugerindo uma linha interpretativa. A utilização desse mecanismo contribui para se salientar o ponto de vista do produtor do texto, auxiliando o leitor/ouvinte na tentativa de aproximação com a expectativa de leitura do autor.



Para Fonteniele e Carvalho (2023, p. 136),

os processos de referenciação funcionam como estratégias organizadoras para a construção de sentidos, pois, ao construir e reconstruir o mundo discursivo, orientam o sujeito leitor marcando conclusões conforme o objetivo pretendido pelo produtor do texto. Nesse caso, acreditamos que as estratégias referenciais atuam como bússolas no texto guiando o leitor durante a progressão textual para a construção de sentidos que implicam as intenções e orientam o leitor quanto ao projeto de dizer do produtor do texto. É importante enfatizar que esse processo não se resume às marcas linguísticas, mas também pode ser construído por meio de elementos imagéticos ou visuais que, conjugados ao texto verbal, atuam como operadores argumentativos ou pistas para o leitor acionar informações a partir do texto.

Para os autores, a integração de informações entre elementos verbais e visuais pode propiciar a construção da argumentação, bem como da progressão do texto, atuando como uma estratégia de construção da proposta de sentido estabelecida no texto pelo autor. Essa integração pode ser observada na Figura 4, a seguir. A repetição da imagem do cenário, dos personagens e do termo “igreja” é responsável pela progressão do texto.



Figura 4 - Integração entre semioses para a construção da progressão



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CwUx9d-LTzH/>, acesso em: 10 nov. 2023.

Para a compreensão do texto, é relevante situar a proposta editorial das produções das tiras de Edibar, que é um personagem que consome bebidas alcólicas em excesso, que apresenta comportamentos questionáveis no atual contexto social e que sempre deprecia a sogra. Assim, as tiras produzidas pelo cartunista Lucio Oliveira (<https://www.instagram.com/edibardasilvaoficial/>) não se limitam apenas à produção de humor, mas propiciam críticas sociais sobre temáticas relevantes nas interações cotidianas.

Nesse sentido, as representações imagéticas dos personagens Edibar e da mulher religiosa são importantes para a construção dos referentes. Itens lexicais escolhidos pelo produtor como “Escrotáceo”, “senhor”, “igreja do bairro”, “demônio”, “querida”, “sua mãe”, “pessoal da igreja”, não somente se relacionam a determinados referentes, mas informações que, interligadas, colaboram para a construção de sentidos pelo leitor e ampliam as possibilidades de interpretação, favorecendo reflexões que se articulam com situações vivenciadas no cotidiano social.

Nessa tira de humor, o neologismo “*escrotáceo*” indicia uma característica típica do personagem Edibar – escroto (imoral, mesquinho, desonesto etc.). O termo “senhor” sugere a ideia de deferência demonstrada pela religiosa ao dirigir-se ao Edibar. Os grupos nominais “igreja do bairro” e “pessoal da igreja”, articulados ao termo “demônio” e à imagem da mulher que se veste de acordo com determinados padrões, supostamente com uma Bíblia nas mãos, sugerem uma construção cultural de cunho religioso. O termo “querida” consiste em uma escolha lexical que indicia um vocativo que expressa carinho, o que destoa do comportamento típico do personagem Edibar, já que ele sempre deprecia a esposa (em várias produções da coleção). Já a expressão referencial “sua mãe”, em substituição ao nome da personagem Ana Conda, sugere uma estratégia discursiva que ressalta o distanciamento e o desafeto na relação entre os personagens, evidenciando uma escolha intencional que reforça as tensões presentes na narrativa.

Na dimensão imagética, há uma representação da porta de entrada da casa, lugar em que o diálogo acontece e que permite a contextualização do espaço da narrativa. Além disso, o personagem Edibar aparece com uma lata de cerveja na mão, o que reforça uma de suas características principais – o hábito de consumir bebidas alcoólicas em excesso. Já sobre a mulher, além do traje, conforme já comentado, merece destaque o estilo pessoal (uso de óculos e cabelos longos) e a presença de uma Bíblia, que, tradicionalmente, representa determinados grupos religiosos.

A tira de humor, ao tematizar o tratamento dado à sogra, além do propósito humorístico, pode desencadear uma reflexão, já que o comportamento de Edibar não é exemplar. Culturalmente, a sogra é vítima de preconceito, discriminação e rejeição, no imaginário popular coletivo, praticamente, em todos os países do mundo (Silva, 2014). A tira parece também banalizar a crença relativa ao poder de se expulsar demônios. Essas escolhas não são neutras, elas servem para marcar e orientar o leitor sobre o projeto de dizer do produtor. Nesse sentido, para além da interpretação da tira cômica, a análise dos processos de representação dos personagens, bem como dos itens lexicais escolhidos fortalecem a argumentação, que pode convencer o leitor a problematizar o costume cultural de se renegar a sogra, da adoção de comportamentos machistas ou indevidos decorrentes do consumo de bebidas alcoólicas e de realização de crítica/preconceitos às religiões.

Considerar as escolhas realizadas pelo produtor no processo de construção dos referentes ajuda a constatar que esses referentes são guiados por uma orientação argumentativa, “do ponto de vista configuracional e textual-discursivo” (Cavalcante, 2019, p. 319), já que, a linguagem é utilizada pelos sujeitos de forma a “influenciar seus parceiros, quer seja para sugerir maneiras de ver, para fazer aderir a uma posição, ou para gerir um conflito”. (Amousy, 2018, p. 12).

Segundo Gomes (2017, p. 7),

Elucidar esse comportamento dos processos referenciais não presume ignorar o papel dos referentes para a manutenção da unidade textual, isto é, a coesão, tendo em vista a inegabilidade da contribuição deles para isso. Trata-se, portanto, de não esgotá-los apenas a essa função, já que a construção deles indica, antes de tudo, a representação de pontos de vista, isto é, a forma como determinado sujeito enunciador apreende falas, pensamentos e percepções (Rabatel, 2008 apud Cortez, 2011) a depender do contexto em que ele está inserido, o que faz “toda construção referencial ser um trabalho em constante evolução e transformação” (apud Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 29).

Desse modo, ao considerar que o gênero tira de humor – exemplar adotado para discutir a questão da argumentação – se configura como um propósito enunciativo de provocar uma crítica social, é válido destacar a posição de Gomes (2023), que retoma a concepção de Amossy (2018, p. 12), para quem “não há discurso sem enunciação, sem apresentação de si, sem aquilo que se poderia chamar de “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada no enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir” (Amossy, 2018, p. 12). Para a autora, um texto é conduzido por uma orientação argumentativa, “do ponto de vista configuracional e textual-discursivo”, uma vez que todo texto objetiva, de maneira explícita ou não, “agir sobre as representações, crenças e/ou comportamentos de um destinatário”, por meio dos gêneros. (Cavalcante, 2019, p. 319).

Após as considerações feitas ao longo desta pesquisa acerca da referenciação, será apresentada, na seção seguinte, uma discussão acerca das estratégias inerentes a esse fenômeno, uma vez que os diferentes processos indiciam sentidos que, por sua vez, sinalizam escolhas feitas pelos autores para a construção dos objetos do discurso e para consecução do projeto de dizer.



# 4

**ESTRATÉGIAS/  
PROCESSOS DE  
REFERENCIAÇÃO**



Pensar sobre o fenômeno da referenciação implica uma discussão sobre as estratégias/processos que propiciam as ocorrências desse fenômeno nos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente. Desse modo, apresenta-se uma síntese da conceituação produzida por alguns dos autores estudados, que, embora aborde essa questão sob diferentes perspectivas teóricas, trazem contribuições para a compreensão dos processos/estratégias de referenciação.

A seguir, quadro 1, são apresentados os processos/estratégias de referenciação. Sistematizar os processos de referenciação é relevante para a compreensão desse fenômeno, uma vez que, a partir das pesquisas realizadas pelos diferentes autores, é possível ampliar os pressupostos teóricos.

**Quadro 1 - Processos/estratégias de referenciação**

Autor (es)	Processos/estratégias de referenciação
Marcuschi (2002)	- ocupam um lugar central na construção do mundo de nossas vivências. - garantem a dinamicidade inerente aos usos da linguagem, que afeta o processamento da referência e a faz ser resultante não de uma ontologia dada, mas de práticas simbólicas complexas.
Mondada e Dubois (1995)	- estão associadas à construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade de negociações e modificações de concepções públicas do mundo.
Cavalcante (2012)	- são caracterizadas como operações dinâmicas, que se alteram e adaptam-se em conformidade com as demandas da sociedade e do texto. - constituem-se como um processo sociocognitivo, integrante da produção textual/discursiva e pautado na inclusão das experiências vividas e percebidas no enunciado.
Cotrim (2017)	- apresentam-se como ferramenta na promoção de práticas de letramento <sup>13</sup> , porque revelam a construção e reconstrução de objetos de discurso que adquirem sentido dentro das relações sociais e discursivas desenvolvidas pelos sujeitos
Carvalho (2021)	- ajudam a proporcionar um texto mais coeso, mais elaborado, mais rico, e contribuir para a reconstrução de sentidos, que ocasiona também uma melhor reflexão sobre as diferentes e possíveis formas de realização de nossa língua. - são de grande importância não só para a estruturação do texto, mas também para a sua compreensão, uma vez que são responsáveis pela construção do sentido.

*Fonte: elaborada pelas autoras (2024).*

13 Barton e Hamilton (2002, p. 7) definem práticas de letramento como “processos internos individuais e sociais que conectam as pessoas com as outras e essas são incluídas em representações formais nas ideologias e nas identidades sociais, envolvendo valores, atitudes, sentimentos e relacionamentos sociais”.

O quadro 1 ressalta a natureza multifacetada dos processos de referência, enfatizando suas funções dinâmicas, sociocognitivas e de criação de significado no uso da linguagem e na produção textual.

As contribuições dos autores citados no Quadro 1 permitem destacar que o fenômeno da referenciação se realiza nos textos a partir de determinados processos/estratégias, que, por sua vez, apresentam relevância, seja por propiciarem a organização textual/discursiva, seja por dinamizar o processo de interpretação e articulação com o contexto de interação. Desse modo, tais processos/estratégias apresentam características flexíveis, que se configuram a partir das demandas dos textos e dos usos sociais da linguagem. Além disso, abarcam dimensões sociocognitivas, implicando a produção textual/discursiva e as experiências dos interlocutores suscitadas pelas interações com os textos e com o mundo.

Abordando a questão citada, Custódio Filho (2011) sinalizou a relevância de os processos referenciais serem analisados, prioritariamente, por seu funcionamento no texto no contexto das interações. Desse modo, mais que um processo de retomada por meio de diferentes recursos, é importante considerar as recategorizações pelas quais passam um referente, que estão intrinsecamente relacionadas ao projeto de dizer do locutor. Assim, o autor defende que os processos referenciais sejam analisados pelas funções de apresentação (introduções referenciais) e de mudança (anáforas). Para o autor, uma expressão introdutória "já vem marcada avaliativamente" (p. 157) por parte do locutor/enunciador segundo os propósitos de atuar mais ou menos de modo persuasivo, encapsulando ou não as proposições do texto. Já, as anáforas assumem a função de retomadas de referentes já introduzidos, que vão sofrendo, necessariamente, acréscimos de traços recategorizadores, mas, ao mesmo tempo, propiciando a continuidade referencial.

No âmbito da LT, de acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), essas funções da referenciação são analisadas a partir de três processos ou categorias principais: a introdução referencial,

a anáfora e a dêixis<sup>14</sup>, que dizem respeito ao tratamento dos referentes no universo textual-discursivo: os modos como são instaurados, homologados, retomados e (re)categorizados ao longo do texto.

O primeiro ocorre quando um elemento totalmente novo é introduzido no texto. O segundo, responsável pela continuidade referencial, divide-se em anáfora direta ou correferencial, que são responsáveis pelo processo de retomada que ocorrem, por meio de pronomes substantivos, sintagmas nominais, sintagmas adverbiais, que recategorizam um mesmo referente já introduzido no texto; anáfora indireta ou não correferencial, que se caracteriza por não retomar precisamente o mesmo referente, remetendo-se, portanto, a outros referentes ou a pistas do cotexto; e anáfora encapsuladora que sintetiza, geralmente por meio de pronomes demonstrativos e sintagmas nominais resumidores, porções textuais. O terceiro refere-se à possibilidade de estabelecer uma conexão entre o cotexto e a situação enunciativa dos interlocutores. Essa categoria subdivide-se em dêiticos: pessoal, social, espacial, temporal e memorial (Cavalcante, Custódio Filho; Brito, 2014).

No contexto dos estudos sobre referenciação, esses três processos, conjugados no texto, contribuem para a continuidade tópica e para a coesão textual, estabelecendo, assim, a construção da coerência. Nessa direção, o uso do termo “processos” se faz mais apropriado, uma vez que não se trata apenas de categorias operadas linguisticamente, tampouco restritas de maneira pontual ao termo ou à expressão que os materializa. Essa visão dinâmica possibilita considerar as conexões que envolvem o processamento do referente em textos, isto é, os aspectos de ordem linguística, cognitiva, racional, emotiva, social, cultural, pragmática, ideológica

14 Ciulla (2020) apresenta uma discussão sobre os dêiticos, que embora não tenha sido objeto de estudo deste livro, merece ser destacada. O artigo, intitulado “A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo?”, apresenta uma discussão pautada nos estudos de Bühler (1934), Weinrich (1973) e Benveniste (2005). Neste livro, não serão aprofundados os estudos sobre a dêixis, uma vez que a pesquisa tem como foco a introdução de referenciação e as anáforas.

que se entrelaçam na construção dos referentes. Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 155), “qualquer pista verbal ou não verbal pode levar o interlocutor a construir referentes no texto”. Essa abordagem processual evidencia maior compreensão da riqueza do fenômeno da referenciação.

Discorrendo sobre os três processos referenciais aludidos anteriormente, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) postulam que eles “atendem a funções várias, que têm como finalidade última colaborar para a construção da coerência/coesão textual e discursiva” (p. 53). Assim, por meio da dimensão sociocognitiva-interacional-discursiva, os estudos da referenciação consideram essas funções como pertencentes aos processos referenciais. A seguir, serão apresentados os processos referenciais: introduções e anáforas.

## INTRODUÇÃO REFERENCIAL

Segundo Silva (2012), embora a introdução referencial seja relevante para o processo de produção de sentidos, esse fenômeno é relativamente pouco estudado, principalmente, se comparado às anáforas. Para o autor, a introdução referencial “direciona o olhar do interlocutor para detalhes sobre o referente que foram destacados intencionalmente pelo produtor do texto” (p. 2). Desse modo, a introdução de referentes cumpre duas funções basilares: a de atenção e a de interação. A função de atenção ocorre quando determinadas escolhas são realizadas pelos produtores do texto, por meio dos processos cognitivos relacionados à atenção, que se volta ao objeto do discurso e ao co-enunciador. A função da interação é verificada pela ativação de diversificados elementos linguísticos, gestuais e interacionais com o propósito de monitorar essa orientação.



Cavalcante (2004) acredita que mesmo quando os referentes são inaugurados no texto/discurso “estão respaldados por um contrato tácito de coparticipação do destinatário, que aceita responder em alguma medida à atividade que lhe é solicitada” (p. 1).

Como exemplo, pode-se mencionar uma manchete de uma reportagem publicada pelo site da *Nova Escola*, a saber: “Os youtubers estão mudando o jeito de ensinar – e você pode ser um deles”. Ao usar o termo “Youtubers”<sup>15</sup>, a autora (Débora Garofalo) utiliza de um artigo definido, mas apresenta um referente que precisa ser reconstruído pelos leitores, uma vez que não há sinalização do sentido do termo anteriormente e nem uma âncora de apoio que oriente uma ação remissiva. Segundo Cavalcante (2004), o processo de produção de sentido é pautado “na pressuposição pragmática de que o co-enunciador sabe do que se trata, e de que, mesmo que não saiba exatamente, alguns indícios contextuais posteriores o levarão a reconstruir o objeto discursivo, ainda que vagamente” (Cavalcante, 2004, p. 1-2).

Cavalcante (2004) acredita que mesmo quando os referentes são inaugurados no texto/ discurso estão respaldados por um contrato tácito de coparticipação do destinatário, que aceita responder em alguma medida à atividade que lhe é solicitada.

Ainda sobre a introdução referencial, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58) consideram que esse processo somente ocorre no texto quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento

## SUMÁRIO

15

Para ler a reportagem completa acesse o link: <https://novaescola.org.br/conteudo/10249/os-youtubers-estao-mudando-o-jeito-de-ensinar-e-voce-pode-ser-um-deles>. Acesso em: 05 mar. 2024.



expresso no texto<sup>16</sup>. Além disso, estudos mais recentes, como o de Custódio Filho (2011), têm defendido que a noção de introdução de objetos de discurso pode ser realizada sem menção cotextual. Nesse sentido, se aplica a introdução referencial sem menção cotextual, não que a ideia de marcação do referente no texto seja descartada, mas a noção de não menção refere-se ao fato de que o referente pode ser introduzido sem ser explicitado por expressão referencial.

Em conformidade com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a introdução referencial ocorre quando um referente, objeto do discurso, surge no texto, ou seja, um termo-expressão referencial que ainda não foi utilizado no texto é empregado com o intuito de acrescentar uma nova informação ao texto. Ainda de acordo com os autores, essa estratégia referencial pode ser dividida em dois momentos: a) expressões referenciais (ou por outras semioses)<sup>17</sup>; b) introdução referencial dêitica, que é quando há expressões referenciais que apontam para elementos que coordenam as situações comunicativas.

Autores como Cavalcante (2011; 2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) ressaltam, em suas pesquisas, que nem toda introdução referencial corresponde a uma expressão referencial,

16 Ao se analisar os estudos sobre introdução referencial, é relevante apontar a pesquisa realizada por Koch e Elias (2009, p. 134): "Quando o escritor introduz no texto um objeto de discurso totalmente novo dizemos que produziu uma introdução não ancorada. Quando representado por uma expressão nominal, está operando uma primeira categorização do referente [...]. Por sua vez, o escritor produz uma introdução (ativação) ancorada sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores. Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58), a introdução referencial ocorre apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto. Percebe-se que a noção de introdução não ancorada de Koch e Elias (2008) se aproxima da noção de introdução referencial de Cavalcante (2011), enquanto a noção de introdução ancorada assemelha-se ao que Cavalcante (2011) chama de anáfora indireta.

17 Entendemos como expressão referencial "uma estrutura linguística utilizada para manifestar formalmente, na superfície do texto (ou seja, no cotexto), a representação de um referente" (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 28)

verbal/escrita, assim, há a possibilidade que a estratégia de introdução referencial seja expressa por meio de recursos semióticos. No entanto, é válido elencar que não existe uma maneira de mensurar quais referentes, verbais ou semióticos, serão acessados primeiro pelos interlocutores.

Para Custódio Filho (2011), esse processo pode ser caracterizado pela aparição do referente por diversos modos semióticos. Essa posição é corroborada em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 58) que complementam que “uma imagem, os sons, os gestos, os *links*, qualquer pista contextual” colaboram para a introdução referencial.

Outra função da introdução referencial é a apresentação de um ponto de vista ao locutor, como é apontado por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Em suas pesquisas, Silva (2012) apresenta que essa estratégia não possui como única função a inserção de novos referentes ao texto, mas, também, de indicar um posicionamento argumentativo.

Diante dos apontamentos realizados sobre a introdução referencial, seguem alguns exemplos de como essa estratégia pode ocorrer<sup>18</sup>. O primeiro exemplo é um recorte de uma reportagem virtual, retirado do Sic Notícias. A reportagem fala sobre o submarino Titan que fazia uma excursão marítima até os destroços no navio Titanic e perdeu contato com a superfície. A reportagem traz um relato de um ex-tripulante do submarino, um You Tuber, que fala sobre a sua experiência dentro da embarcação (Figura 5).

18

A escolha por alguns textos verbais se deu em função de o capítulo estar retomando referenciais teóricos que são bases para a presente pesquisa, ou seja, várias referências utilizadas neste trabalho elegeram como objeto de estudo as ocorrências do fenômeno da referenciação na modalidade verbal. Tais estudos são, notadamente, relevantes para a construção do arcabouço teórico sobre a referenciação.

**Figura 5 - Introdução referencial**

Titan: um dos youtubers mais conhecidos do mundo diz que foi convidado, mas recusou

MrBeast, o youtuber mais popular do mundo, revelou pelo Twitter que foi convidado para uma expedição do grupo OceanGate ao Titanic, mas recusou. O criador de conteúdo expôs o convite na rede social. [...] recorde-se que o submarino Titan, da OceanGate Expeditions, estava desaparecido há quatro dias quando os destroços começaram a ser recolhidos pelo ROV<sup>19</sup>, confirmando assim o fim trágico dos cinco tripulantes. Agora, resta confirmar o que aconteceu ao Titan e se os corpos poderão ser recolhidos.

Fonte: <https://sicnoticias.pt/mundo/2023-06-26-Titan-um-dos-youtubers-mais-conhecidos-do-mundo-diz-que-foi-convidado-mas-recusou-a301c984>. Acesso em: 25 jun. 2023.

No exemplo em questão (Figura 5), na manchete, o item lexical “Titan” anuncia um referente. No entanto, ao figurar em uma construção em que logo após aparece o termo “youtubers”, poderia sugerir que “Titan” se referiria ao “youtuber”. No entanto, a coparticipação do leitor, tal como explicado por Cavalcante (2004), também orienta o percurso interpretativo. Caso o leitor não tenha tido acesso ao episódio da implosão do submarino “Titan”, somente a continuidade da leitura permitiria a recuperação do item referenciado, pois, na manchete, o referente de “Titan” aparece pela primeira vez no universo discursivo que está sendo criado, e não há sequer uma indicação do que o termo signifique, nem uma âncora anterior em que o referente se apoie. O que existe é “a pressuposição pragmática de que o coenunciador sabe do que se trata, e de que, mesmo que não saiba exatamente, alguns indícios contextuais posteriores o levarão a reconstruir o objeto discursivo” (Cavalcante, 2004, p. 1-2).

Outro exemplo (Figura 6), também do gênero jornalístico, que ilustra a discussão aqui proposta, é uma reportagem sobre a atual ministra do Meio Ambiente Marina Silva. No recorte, o foco da análise é apenas a parte inicial da notícia, por isso, há apenas o título da reportagem.

**Figura 6** - Introdução referencial em título

Fonte: [https://sampi.net.br/bauru/noticias/2763943/tribuna\\_do\\_leitor/2023/05/marina-sendo-fritada](https://sampi.net.br/bauru/noticias/2763943/tribuna_do_leitor/2023/05/marina-sendo-fritada).  
Acesso em: 25 jun. 2023.

Na manchete da notícia publicada pelo JCNNet.com.br, observa-se a introdução do item lexical “Marina” sem menção contextual. Essa estratégia discursiva é utilizada quando o produtor considera que o leitor já possui conhecimentos prévios sobre o referente, no caso, a ministra do meio ambiente, Marina Silva. A dedução de que o leitor já possui conhecimentos prévios com relação a quem seja “Marina Silva” ocorre pelo fato de a ambientalista já ter exercido funções políticas ou ter se candidatado para tais funções. Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 155), “a ação de introduzir um referente no texto pode não ter o propósito apenas de colocar em cena uma entidade que passará por transformações, mas também de marcar um ponto de vista”. O uso apenas do nome (Marina) acompanhado do verbo “fritar” pode ser considerada uma estratégia para aproximação do produtor com o leitor.

Outro exemplo analisado (Figura 7) foi retirado do site *Novo Notícias* e trata-se de uma reportagem que fala sobre um roubo de uma escova por um vereador, que teve que pagar um valor para sair da cadeia. No recorte, há a presença do título e subtítulo, pois ambos se mostram importantes para o processo de análise de introdução referencial. Além disso, segue também a ilustração que acompanha a matéria.



**Figura 7** - Exemplo de introdução referencial com imagem

## Vereador tenta roubar escova de R\$ 130 e acaba pagando R\$ 1.300 para sair da cadeia

Presidente da Câmara Municipal de Ceará-Mirim, vereador Kaio César — conhecido como 'Kaio Amigo' — foi preso na tarde desta quinta-feira (19) sob a acusação de tentar furtar uma escova de dentes elétrica avaliada em R\$ 130.

Por Redação NOVO Notícias  
19 de outubro de 2023, 18h54



Vereador tentou roubar escova elétrica de R\$ 130 e acabou preso. Foto: Daili S.

Fonte: <https://www.novonoticias.com.br/vereador-tenta-roubar-escova-de-r-130-e-acaba-pagando-r-1-300-para-sair-da-cadeia/>, acesso em: 10 nov. 2023.

A escolha pelo emprego de “vereador”, para introduzir o referente, indicia um posicionamento por parte do produtor, que faz opção por destacar a função da pessoa que comentou o ato infracional, em detrimento do nome ou apelido, que aparecem em momento posterior. Da mesma forma, o referente de escova somente é recuperado ao olhar a notícia e na ilustração, quando se consegue identificar tratar-se de uma escova de dentes.



Com o intuito de justificar e comprovar a utilização da introdução referencial no texto com o auxílio da linguagem verbal e visual, segue mais um exemplo, Figura 8, que se trata de um texto multissemiótico do gênero história em quadrinhos, que faz uso da linguagem verbal e visual em sua construção. A tira cômica em questão compõe a coleção de Dona Anésia, que é de autoria de Will Leite. Na tira, é possível ver uma mãe, personagem mais alta, conversando com suas filhas, personagens sentadas à mesa. O diálogo de mãe e filhas gira em torno da divisão de um bolo. Na tira, há outros referentes, mas destacam-se mãe, filhas, pedaço de bolo. Considerando as características peculiares do gênero histórias em quadrinhos – quadros disponibilizados sequencialmente, é possível considerar que a introdução referencial dos referentes pode ocorrer de maneira visual ou textual.

Figura 8 - Introdução referencial em tira de humor



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/75/7e/b3/757eb3fbb3c241406be7be78c05ec6dd.jpg>.

Acesso em: 30 jun. 2023.

Na Figura 8, é possível observar que a introdução referencial, se considerar a tradição cultural ocidental, em que se processa, na maioria dos casos, a ação leitora (da parte superior para a parte inferior e da esquerda para a direita) é feita por meio de imagens (mãe, filhas e pedaço de bolo), que não se presta apenas a apresentar o objeto do discurso, mas, também, a oferecer pistas contextuais para a interpretação. A mãe é representada em um tamanho maior (pessoa adulta), as filhas em tamanho menor (crianças) e o alimento por meio de uma fatia de bolo. A introdução dos referentes é realizada por meio de imagens, que apresentam informações acerca das representações dos objetos do discurso e de escolhas feitas pelo produtor. Aqui, é possível recuperar “quem diz” (mãe), “para quem diz” (filhas) e “o que devem fazer” (comer fatia de bolo), em “um cenário” (mesa de jantar). Por isso, é relevante abordar a referenciação a partir da concepção de redes referenciais, que vão permitir que o estudo desse processo não se limite a “meras identificações e classificações de expressões referenciais, mas sobretudo a observar como tais processos constroem sentidos e pontos de vistas, através das relações entre referentes em rede.” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 290).

No exemplo apresentado, Figura 8, é possível ver que o termo “pedaço” tem seu sentido retomado, mas alterado ao longo da história, pois, inicialmente, quando a mãe serve as filhas o sentido do referente “pedaço” designa apenas uma fatia de bolo para o café da tarde das crianças, mas quando ele é retomado pela filha, o sentido muda de café da tarde em família para uma disputa pelo maior pedaço entre as irmãs. Assim, o sentido do referente “pedaço” se adapta de acordo com o desenrolar da narrativa, ocorrendo, assim, a construção de uma rede referencial no exemplo estudado.

Em resumo, a introdução referencial ocorre quando é instaurado, ao longo do processo de compreensão, um referente construído pela primeira vez na mente do coenunciador do texto ou discurso que está sendo produzido. Além disso, esse referente pode ou não ser retomado de maneira anafórica ao longo do texto quantas vezes

for necessário (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). No exemplo, figura 9, a introdução referencial se apresenta como um referente construído na mente do coenunciador.

**Figura 9** - Introdução referencial construído na mente do coenunciador



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CjbUvhMPesY/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CjbUvhMPesY/?img_index=1), acesso em: 15 jan. 2024.

Nesse exemplo, a filha de Dona Anésia emprega o pronome “ela”, e cabendo ao leitor, a partir de seus conhecimentos prévios sobre a coleção de tiras de humor produzidas por Will Leite, realizar a remissão com o referente extratextual.

## ANÁFORAS

O processo anafórico se articula com o processo de introdução referencial no que diz respeito às retomadas realizadas no texto, denominadas âncoras textuais. Vale ressaltar que essas retomadas de referentes nem sempre são realizadas de maneira explícita no texto e, muito menos, com o intuito de ocorrer uma recuperação completa do referente. Assim, em conformidade com Cavalcante, Custódio Filho e Britto (2014, p. 155),

A anáfora diz respeito à continuidade referencial, ou seja, à retomada de um referente, quer seja o mesmo referente (num processo correferencial direto, portanto), quer seja um referente diferente ao qual esteja associado de alguma maneira (num processo não correferencial, ou indireto). Em outras palavras, a anáfora reativa um referente, ou objeto de discurso cuja interpretação é dependente de dados já introduzidos no texto.

A partir do exposto, é possível considerar que as remissões de referentes constituem um processo anafórico. Segundo os autores supracitados, “existe mais de um tipo de anáfora, mas, qualquer que seja a espécie, todas têm em comum a propriedade de continuar uma referência, de modo direto ou indireto.” (p. 62).

Considerando o exposto, a subseção seguinte irá abordar os tipos de anáforas selecionados como objeto de estudo neste livro.

### ANÁFORAS DIRETAS

As anáforas diretas ou correferenciais retomam um mesmo referente que já foi apresentado no texto. Nas palavras de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 64): “a retomada de um mesmo referente constitui um caso de anáfora direta (correferencial)”. Nesse viés, o referente que passa pela ação de retomada nesse processo,



consequentemente, sofre evoluções, que são caracterizadas como “recategorização”<sup>19</sup>. Desse modo, o referente pode ser retomado por meio de itens lexicais ou expressões que podem agregar novas informações, sugerindo posicionamentos por parte do locutor ou incitando o leitor a uma negociação de sentidos.

Com relação à definição geral da anáfora direta, os autores consideram que “os referentes passam por recategorização, isto é, por uma modificação que os participantes da enunciação constroem sociocognitivamente; tal recategorização pode ou não estar explicitada na própria expressão anafórica” (Cavalcante; Custódio Filho, Brito, 2014, p. 66). Essas retomadas podem ser realizadas por estruturas linguísticas como pronomes, novos sintagmas nominais, e repetição de itens lexicais ou pronominais (Cavalcante, 2012).

No que diz respeito às anáforas diretas, ou correferenciais, é relevante pontuar a propriedade de retomada de um mesmo referente já apresentado no texto, conforme se pode observar no exemplo a seguir retirado do livro “O Livro dos Abraços” de Eduardo Galeano, que se trata de uma reunião de memórias e sonhos, fábulas que entrelaçam o real e o fantástico do autor (Figura 10).

**Figura 10 - Anáforas diretas**

**A função da arte/1**

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: -- Me ajuda a olhar!

*Fonte: Eduardo Galeano (O livro dos Abraços, 2002, p. 12).*

19

Vale destacar que a recategorização está presente em qualquer procedimento anafórico: direta, indireta e encapsulado.



No exemplo, o referente “Diego”, introduzido, no primeiro enunciado do conto, é retomado pelo pronome “o”, e pela expressão nominal “o menino”, que parece sugerir ao interlocutor uma ideia de curiosidade e de encantamento próprio da fase da infância, o que contribui para a articulação da sensibilidade estética inerente ao processo artístico (função da arte). Já o item lexical “mar” é retomado várias vezes. Nesse caso, o propósito enunciativo pode estar ligado à busca de se chamar a atenção para o referente “mar”, que, metaforicamente, representa as potencialidades da arte e se relaciona ao enunciado final do conto “me ajuda a olhar”. Desse modo, as anáforas correferenciais cumprem uma função de manter um referente no texto e, ao mesmo tempo, fazem esse objeto de discurso progredir (não conhecia o mar, foi conhecer o mar, o mar estava esperando pelo menino, o encontro com o mar, percepção da imensidão do mar, pedido de ajuda para ver o mar).

Nessa discussão, vale pontuar que o uso das anáforas também se configura como uma estratégia discursiva. Na notícia, a seguir, as informações sobre as pessoas envolvidas no episódio são inseridas na mensagem. A escolha por “policial aposentado” (no lugar de homem) e “prostituta” (no lugar de mulher) se constitui como uma estratégia argumentativa para persuadir o leitor a realizar a leitura.

A seguir (Figura 11), consta um outro exemplo de anáfora direta, presente no gênero jornalístico. O exemplo é um fragmento de uma reportagem sobre um policial aposentado que foi exposto em sites de notícias devido ao ato inusitado que ele fez com relação ao pagamento de uma profissional do sexo.

**Figura 11** - Anáfora direta como estratégia discursiva**Policial aposentado tenta pagar prostituta com pedaço de queijo****Homem de 58 anos tentou pagar programa sexual de R\$ 200 com uma peça de queijo e um aparelho celular**Estado de Minas  
16/05/2023

Um homem de 58 anos, identificado como policial militar aposentado, tentou pagar um programa sexual com um pedaço de queijo. O caso aconteceu nessa segunda-feira (16/5), no Centro de Belo Horizonte.

O homem chegou a ser detido, mas acabou sendo liberado.

De acordo com o boletim de ocorrência, na tarde dessa segunda, o homem procurou um hotel onde funciona uma casa de prostituição no centro da cidade. Já no quarto, ele foi informado sobre o preço do programa.

Depois do ato, o homem teria vestido sua farda e jogado em cima da cama uma peça de queijo e um aparelho celular da marca Nokia, afirmando que aquele seria o pagamento. A mulher contestou, dizendo que o preço era de R\$ 200, e que aquilo não havia sido combinado.

À polícia, a jovem de 23 anos disse que após a contestação ao suposto pagamento, o homem teria tentado trancá-la dentro do quarto. Nesse momento, ela começou a gritar pelos seguranças, que tentaram segurá-lo.

O policial aposentado foi contido no cruzamento entre as ruas Carijós e Curitiba. Uma viatura foi acionada até o local, mas a gerência do estabelecimento não quis registrar a ocorrência e teria aceitado o “pagamento”.

Fonte: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/05/16/interna\\_gerais,1494725/policial-aposentado-tenta-pagar-prostituta-com-pedaco-de-queijo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/05/16/interna_gerais,1494725/policial-aposentado-tenta-pagar-prostituta-com-pedaco-de-queijo.shtml). Acesso em: 10 jul. 2023.

Na notícia retirada do *Jornal Estado de Minas*, merecem destaque três ocorrências de anáforas diretas referentes aos envolvidos no episódio relatado pela notícia. A primeira se refere ao “policial aposentado”, que é retomado, entre outros itens/expressões referenciais, por “homem de 58 anos” e “homem”. A segunda se direciona para a “prostituta”, que é retomada por “mulher”, e “jovem de 23 anos”, e a terceira é “uma peça de queijo e um aparelho celular,” que é recategorizado como “pagamento”. No processo de retomadas, observa-se que os itens lexicais/expressões utilizados para fazer referência aos envolvidos são mais genéricos, mas ainda assim, recategorizam os envolvidos, seja referindo-se ao gênero, seja referindo-se à idade.

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 63), “o referente pode permanecer o mesmo nas anáforas correferenciais, mas, com o acréscimo de informações, sentimentos, opiniões, esperável na progressão das ideias do texto, ele se transforma, isto é, vai sendo recategorizado, tanto pelo locutor quanto pelos interlocutores”.

Diante do exposto, é importante destacar as ocorrências de anáforas diretas em textos multissemióticos, conforme se pode observar na Figura 12. No exemplo, Dolores, personagem da coleção de tiras de Dona Anésia, aparece tricotando uma blusa de frio para a sua querida amiga, Anésia. Na estampa da blusa, há o rosto das suas idosas, as cenas seguintes, vemos que a blusa não está sobre posse da real destinatária do presente, mas com personagens desconhecidos da trama.

**Figura 12** - Exemplo de uso de anáforas diretas na tira



Fonte: [https://www.facebook.com/tirinhasanesia/posts/2269842606363867/?paipv=0&eav=AfYN2mUoYtXPtXRr28lyBKNd\\_4QyyU9itznUIXE3ue0JaVudt0FIp2-Wa-C8mqIm04&\\_rdr](https://www.facebook.com/tirinhasanesia/posts/2269842606363867/?paipv=0&eav=AfYN2mUoYtXPtXRr28lyBKNd_4QyyU9itznUIXE3ue0JaVudt0FIp2-Wa-C8mqIm04&_rdr), acesso em: 10 nov. 2023.

No caso em pauta, os processos anafóricos se dão pela repetição da imagem da blusa (em toda a tira), o caso de elipse (2º quadrinho), a retomada pela expressão pronominal “esse blusão” e pelo uso do dêitico “aê” (3º quadrinho). Além disso, há outra elipse na fala do personagem que veste o agasalho (3º quadrinho). Aqui, é possível considerar um exemplo de recategorização – esse blusão aê –, pois o agasalho é ressignificado como uma peça “da hora” pelo personagem.

## ANÁFORAS INDIRETAS

No que diz respeito às anáforas indiretas, Koch (2009) destaca a possibilidade de se ativar novos referentes, procedendo-se uma associação sem estabelecer relação direta com um referente explícito, mas com outros elementos presentes no cotexto. Para a autora, os referentes são “ativados por meio de processos cognitivos inferenciais, possibilitando, assim, a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.” (p. 107).

Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 68), as anáforas indiretas ou não correferenciais,

[...] embora não retomem exatamente o mesmo objeto de discurso e, aparentemente introduzam uma entidade nova, na verdade remetem ou a outros referentes expressos no cotexto ou a pistas cotextuais de qualquer espécie, com as quais se associam para permitir ao coenunciador inferir essa entidade.

De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), as anáforas indiretas se diferenciam das diretas por não retomarem explicitamente um referente já mencionado no texto. Em vez disso, acionam referentes que possuem vínculos contextuais com elementos que já estão no texto ou pistas contextuais de qualquer natureza.



Em resumo, as anáforas indiretas são uma estratégia de ativação de novos referentes no texto, por meio de associação implícita.

Complementando o exposto, reporta-se à citação a seguir que expõe que as anáforas indiretas são

Expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global (Schwarz, 2000, p. 49 *apud* Marcuschi, 2011, p. 223).

Sendo assim, na anáfora indireta, não há retomadas de referentes como na anáfora direta, mas, sim, a ativação de novos referentes, por meio de alguma motivação ou ancoragem textual. Marcuschi (2011, p. 224) apresenta em sua obra o seguinte exemplo para explicar a anáfora indireta: “ontem fomos a um restaurante. O garçom foi muito deselegante e arrogante”, em que o “garçom” é um novo referente introduzido no texto, mas apresentado como conhecido, o que é possível a compressão por meio de alguma ancoragem textual, no caso, com “restaurante”.

Além disso, é importante destacar que as anáforas indiretas podem ocorrer tanto no texto verbal quanto nos textos multissemióticos, utilizando signos linguísticos. Na Figura 13, é possível encontrar um exemplo de ocorrência de anáfora indireta. O enredo da história centra-se no jogo de sentidos do referente “ferro”.



**Figura 13** - Exemplo de uso de anáforas indiretas em tiras



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CJ6yuE3s\\_t1/](https://www.instagram.com/p/CJ6yuE3s_t1/), acesso em: 10 jul. 2023.

Um exemplo de anáfora indireta presente na Figura 13 é a imagem do ferro, pois, embora o item lexical “ferro” tenha sido mencionado no 2º quadrinho, há a apresentação de um novo referente, que possui associação semântica e que provoca o efeito de humor.

Já no exemplo a seguir, Figura 14, a anáfora indireta ocorre a partir da imagem do personagem Edibar, que é apresentado como “problema”.

Figura 14 - Exemplo de anáfora indireta



Fonte: <https://principetito.blogspot.com/2017/04/insomnia.html>, acesso em: 25 fev. 2024.

A anáfora indireta “consiste na apresentação de um novo referente como se este já fosse conhecido. Isso decorre do fato de o contexto estabelecido até um determinado momento permitir uma gama de referentes potencialmente ativáveis, os quais, quando aparecem, já são esperados.” (Custódio Filho, 2011, p. 841) Assim, embora o médico tenha feito referência de um modo mais genérico sobre os “problemas” (preocupações, angústias etc.), para os leitores da obra (coleção de tiras) de Lúcio Oliveira, o referente estar articulado ao personagem Edibar já é esperado, pois ele é um problema, em função de seu vício pelo álcool e pelos seus comportamentos inconvenientes.

## ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

Conte (2003, p. 178) assevera que o encapsulamento ocorre no texto quando há a sumarização de trechos anteriores. Sobre o encapsulamento anafórico, o autor considera que

Este termo descreve uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome axiológico) como núcleo lexical e revela uma clara preferência por um determinante demonstrativo. O encapsulamento anafórico pode ser definido no seguinte

modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença). [...]. Esta categorização ocorre por meio de nomes neutros, mas também se dá na avaliação dos estados de coisa por meio de nomes avaliativos (ou em sintagmas nominais com um adjetivo avaliativo como modificador). Chamarei esses termos avaliativos de “axiológicos”.

Diante disso, o encapsulamento anafórico descreve um tipo de estrutura específico da referenciação, no qual há um substantivo geral que atua como âncora central para todo o texto. Logo, essa estratégia de referenciação atua no texto como um dispositivo coeso, com um sintagma nominal resumindo e encapsulando efetivamente uma parte anterior do texto. Ademais, esse processo não ocorre apenas em substantivos neutros; eles também se aplicam ao se avaliar estados de coisas, utilizando substantivos avaliativos ou sintagmas nominais com adjetivos avaliativos como modificadores.

O encapsulamento, para Conte (2003), possui uma estrutura denominada eixo velho-novo: parte de um recurso linguístico o qual engloba o que foi dito anteriormente (informação velha) que funciona como referente para as informações seguintes (informações novas). Esse processo ocorre ocasionalmente em conjunto com pronomes demonstrativos, pois eles funcionam como auxiliares durante a leitura com relação à procura de informações precedentes.

Além de atuarem no texto como recursos coesivos, Conte (2003) destaca que a estratégia de encapsulamento contribui para a estrutura textual, pois como aparecem no início dos parágrafos, eles possuem a chance de englobarem o que já foi dito, realizando uma espécie de retomada de conteúdo, e introduzem o que será dito no novo.

Para Cavalcante (2003, p. 115-116, grifo da autora),

Encapsular consiste em resumir proposições do discurso empacotando-os numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal (o qual tem recebido a denominação de "*rótulo*" – Francis, 1994), ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo. [Os encapsuladores] resumem uma porção textual e rotulam-na, indicando ao co-enunciador como se espera que o conteúdo seja interpretado. Como notamos, não existe, com efeito, um antecedente pontual a que os encapsuladores possam remeter, razão por que poderiam ser classificados como anáforas indiretas. Porém, temos que admitir que, à semelhança de uma anáfora direta, os encapsuladores recuperam (sem retomar) o que há no co(n)texto. Esta natureza ambígua do fenômeno é que nos leva a preferir as anáforas encapsuladoras como um tipo à parte.

Desse modo, pode-se considerar que o encapsulamento se trata de uma estratégia de referenciação, na qual proposições ou informações são condensadas e expostas por meio de uma expressão referencial, que em determinadas situações assume a forma de uma frase nominal. Em outras palavras, o encapsulamento resume uma parte específica do texto e fornece-lhe um rótulo que orienta o coenunciador na compreensão de como interpretar o conteúdo.

A título de exemplificação, a Figura 15 ilustra a ocorrência de anáfora encapsuladora.



Figura 15 - Anáfora encapsulada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CSFxq4Mf0f/>, acesso em: 5 dez. 2023

Na Figura 15, o personagem Ney afirma que a vida de casado é fácil e a compara com um passeio pelo parque. Edibar, diante da recepção demonstrada pela esposa de Ney, diz “o problema é que o parque é jurássico.” O emprego do termo “problema” se apresenta como um rótulo (problema), que pode ser inferido não somente pela fala da mulher, mas também dos recursos visuais (linhas cinéticas e metáforas visuais: estrelas e indicativo de raiva/fúria).

Na Figura 16, outro exemplo ilustra a ocorrência anafórica.



Figura 16 - Anáfora encapsulada figurada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CQMo3wyMpvm/>, acesso em: 5 dez. 2023.

Considerando o exposto, pode-se considerar que a tira, Figura 16, faz a menção “demônios” como uma anáfora (remissão metafórica à pessoa movida por sentimentos perversos ou que se comporta de forma cruel ou grosseira), em comparação hiperbólica de comportamentos típicos de algumas mulheres em fase de TPM - tensão pré-menstrual). No entanto, destacamos o termo “oferendas” (remissão a determinadas práticas associadas às crenças e/ou sistemas religiosos que oferecem “presentes” a entidades para obtenção de favores ou de perdão), que se configura como uma anáfora encapsuladora, por condensar, em um único termo os referentes “um chocolate e um pote de sorvete”.

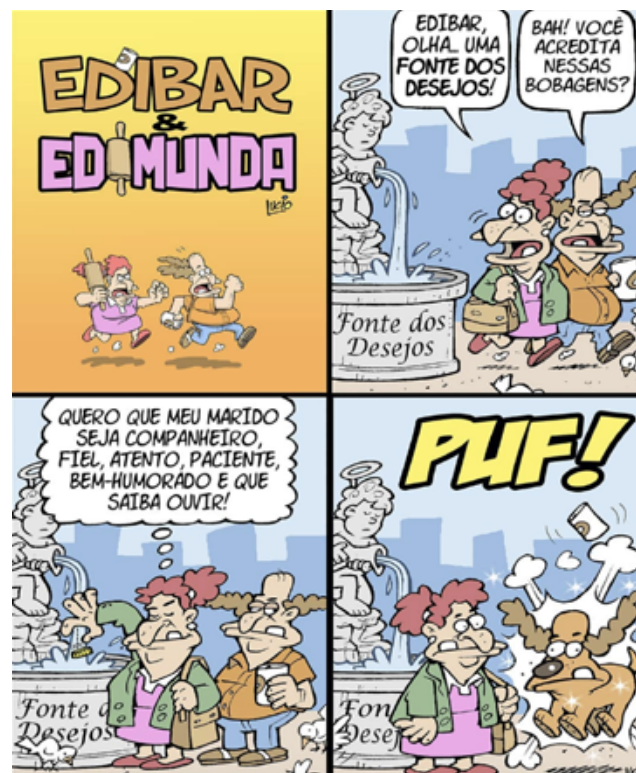
## RECATEGORIZAÇÃO

Conforme apresentando anteriormente, a função precípua das anáforas é continuar uma referência (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014), contribuindo para a construção dos sentidos no texto e para a continuidade tópica e a progressão temática. Ao realizar uma retomada ou uma remissão a um antecedente textual, a expressão anafórica cumpre o papel de categorizar e/ou de recategorizar esse referente.

Desse modo, ao abordar a recategorização, Cavalcante (2018) considera que esse processo é constituído por expressões referenciais que realizam a transformação de um dado referente ao longo do texto e refletem o direcionamento argumentativo pretendido pelo locutor. Assim, quando um referente é recategorizado, não se trata apenas de uma alteração no modo de realizar a referenciação ou de uma renomeação de referentes, mas de uma mudança na sua concepção, as quais influenciam a compreensão do interlocutor em relação à intencionalidade proposta pelo enunciador. Para Silva e Custódio Filho (2013, p. 62), “A recategorização anafórica está intimamente ligada ao teor argumentativo do texto. As expressões recategorizadoras podem explicitar o posicionamento do locutor ou a forma como este estabelece o posicionamento de outros enunciadore presentes no texto”.

Um exemplo de recategorização pode ser observado na Figura 17 a seguir.

Figura 17 - Recategorização imagética



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCPB1dxFKHq/>, acesso em: 05 dez. 2023.

Ao retomar a expressão referencial “fonte dos desejos”, o personagem faz remissão a “nessas bobagens”, o que sinaliza um posicionamento a respeito da crença popular de solicitar ajuda para a realização de desejos pessoais. Além disso, ao aparecer a imagem de um cachorro, há uma ocorrência de recategorização, pois o referente “marido” é reconstruído pela imagem do animal (com determinadas virtudes), o que desencadeia um efeito de humor. Destaca-se que ao enunciar o pedido (por meio de pensamento), a personagem Edimunda dá pistas para o leitor de que Edibar não apresenta comportamentos de um bom marido.

Cavalcante e Brito (2016, p. 127) destacam que

Os referentes completam um percurso no texto que vai desde os modos como o locutor escolhe introduzi-los até as diferentes maneiras (sempre multimodais) pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que os interprete (embora jamais se possa assegurar que essas ações se deem conforme as expectativas de cada participante.

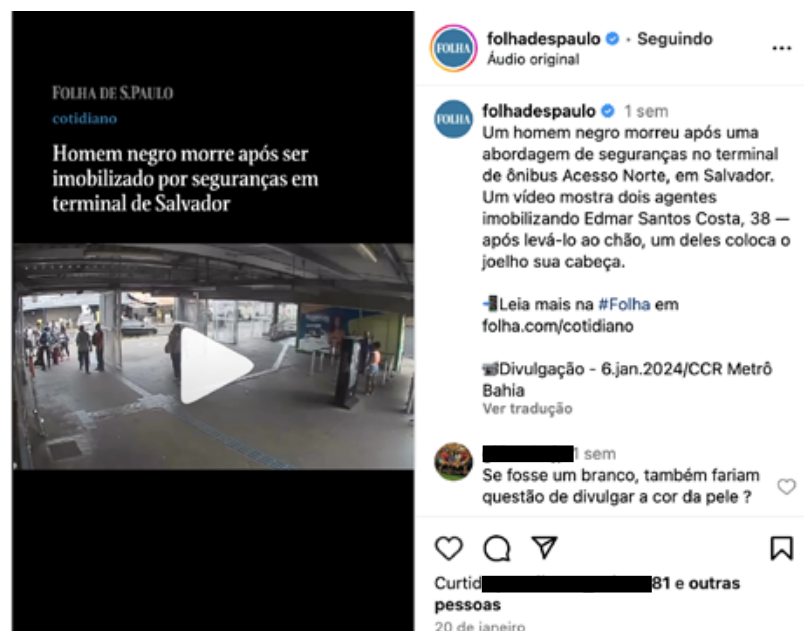
Nesse sentido, o fenômeno da recategorização se configura como um processo complexo. Silva e Custódio Filho (2013, p. 71) destacam a recategorização anafórica como um procedimento complexo. Para os autores,

A consideração de diversos elementos cotextuais para o estabelecimento da recategorização nos faz perceber que este processo é não linear, o que comprova mais um avanço no entendimento do fenômeno. Quando se trata de construir referentes em um texto, o caminho seguido não precisa, necessariamente, obedecer à linearidade do enunciado, ou seja, não precisa, apenas, reconhecer as relações entre um antecedente e seus diversos anafóricos, na ordem em que aparecem. O trabalho interpretativo é muito mais difuso, feito de idas e vindas, de maneira que tanto o enunciador quanto o coenunciador (sabedores de que é assim que as coisas são) articulam suas ações via texto com base nesse parâmetro.

Os autores retomam pesquisas realizadas sobre esse fenômeno e fazem uma importante consideração acerca da indeterminação dos limites entre introdução e recategorização referenciais. Para eles, o processo de apresentação dos referentes pode ser constituído por uma expressão introdutória, que apresenta uma marca avaliativa, como estratégia de orientação argumentativo-discursiva. No exemplo a seguir (Figura 18), essa questão é ilustrada:



Figura 18 - Marca avaliativa em processos referenciais



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2VEEYlByt/>, acesso em: 20 jan. 2024.

Na Figura 18, a introdução do referente é feita, na notícia, por meio da expressão referencial “homem negro”, que é empregada na manchete. Nota-se que a identificação do referente “Edmar Santos Costa” aparece somente na parte escrita da notícia, em que é apresentado um *post* com o resumo da ocorrência noticiada. No decorrer da notícia, é mostrada a imagem do homem que morreu.

A discussão feita por Silva e Custódio Filho (2013) é relevante para a compreensão da natureza discursiva da recategorização. Para os autores, a introdução dos referentes nas notícias, normalmente, é realizada por meio de informações que qualificam o referente (como desempregado, traficante, líder da rebelião, para exemplificar termos muito usuais nas notícias policiais). Isso é feito de modo antecipado à apresentação do objeto do discurso, o que culmina na percepção



de uma orientação argumentativa para persuadir o leitor da veracidade das informações.

No exemplo analisado, o foco na cor da pele da vítima pode sugerir uma denúncia/crítica social. Em um dos comentários, um leitor indaga sobre a escolha feita pelo redator em relação à marcação da questão étnico-racial. Essa estratégia, segundo os autores, pode se configurar como uma estratégia discursiva, ou seja, uma antecipação essencial para que o leitor formule sua opinião e passe a concordar com a do enunciador.

Analisando outros gêneros textuais, Silva e Custódio Filho (2013, p. 74) destacam

o fato de uma introdução já vir com uma carga de significação “poderosa” e necessária para os propósitos estabelecidos na interação. Isso implica que a ação de introduzir um referente no discurso pode não se restringir a simplesmente colocar em evidência um objeto que passará por transformações; a transformação já se percebe na própria inauguração do referente. Isso, por si, já é uma grande colaboração para os estudos da referenciação.

O posicionamento teórico dos autores supracitados traz contribuições substanciais para o estudo da referenciação, uma vez que permite antever que a recategorização “não se limita à alçada do cotexto apenas, mas se encontra, principalmente, no universo do discurso propriamente dito, sendo a sua manifestação linear apenas uma possibilidade entre outras” (Silva; Custódio Filho, 2013, p. 82). Nessa direção, tanto a introdução, quanto a anáfora podem “apresentar funções diversas para além do seu papel tradicional na relação entre o novo, o dado e o acrescentado” (p. 82). Essa característica de uma interpretação não linear de um referente demonstra a função precípua da recategorização, qual seja “a de ser um processo essencial para a construção dos referentes, o qual, para se efetivar, não precisa ser homologado por uma anáfora com valor avaliativo facilmente percebido.” (p. 83).

Direcionando a discussão para o processo de recategorização de referentes em texto verbo-imagéticos, destaca-se a pesquisa realizada por Custódio Filho (2011) que considera que a construção do referente ocorre de acordo com dois processos: a) apresentação; b) por mudanças. A introdução referencial pode ocorrer por diferentes formas, verbais e semióticas. O processo de mudanças pode estar relacionado às alterações que os referentes sofrem durante o desenvolvimento dos discursos para melhor se adequarem ao ato comunicativo e à intenção do locutor. Tais alterações podem ser de três tipos: a) acréscimo: quando algum elemento provoca mudança no referente já introduzido; b) confirmação; quando surgem elementos no texto que reafirmam as informações dada sobre um determinado referente, e c) correção; que é quando uma nova informação permite que o texto possua uma nova compreensão.

Para Custódio Filho (2011), a diferença entre acréscimo e a correção precisa ser estabelecida a partir da intenção de correção, ou seja, a diferença somente pode ser constatada quando houver uma mudança significativa no referente, e essa mudança somente pode ser vista pelo leitor, que precisa compreender que houve a intenção de corrigir o que se dizia sobre o referente.

Para exemplificar essa estratégia referencial de recategorização, segue a Figura 19.

Figura 19 - Recategorização em textos multissemióticos

## Anésia # 648

2 de outubro de 2022 1 Comentário



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/category/anesia/page/9/>, acesso em: 20 jan. 2024.

A personagem Dolores é apresentada em posição de costas (no 1º quadrinho) – personagem com cabelos encaracolados. Ela é retomada em alguns quadrinhos posteriores, mas sem fala atribuída a ela. Em vários quadrinhos, os personagens se dispersam em relação ao assunto inicial do enredo da tira de humor. No penúltimo quadrinho, há um enunciado “Tadinha da Carmen! Ela amava tanto

o Alcides!”. Considerando a notícia da separação anunciada no 1º quadrinho e a subsequente dispersão dos demais personagens, a retomada à personagem (apresentada pelo produtor da tira) produz um efeito de sentido sobre a representação de Dolores. Se, anteriormente, ela foi apresentada de costas ou sem manifestação de falas, ao ser retomada, ela apresenta uma postura de sensibilidade, o que sugere um exemplo de recategorização, o que é reiterado pela expressão facial dos demais personagens no último quadrinho.

A recategorização pode também ser utilizada de modo implícito, conforme se observa na Figura 20.

**Figura 20 - Recategorização implícita**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2Tivu4ABjo/>, acesso em: 25 out. 2023.

Na Figura 20, a imagem do ursinho aparece de modo combinado com o enunciado verbal "Pai estupra filha na Grande BH, e



menina o denuncia em mensagem: Envergonhada.” A partir da leitura do enunciado, há a recategorização do ursinho, um brinquedo que passa a representar “infância perdida”. Diante disso, é possível considerar que a (re)construção de objetos de discurso, bem como o processo de recategorização referencial passam pelo princípio da negociação entre interlocutores, pois são tarefas eminentemente interativas. Por isso, quando “[...] produzem e compreendem textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 35). Nessa direção, depreende-se que a recategorização referencial se caracteriza, em função de sua natureza cognitivo-discursiva, como um fenômeno que está, intrinsecamente, relacionado à dimensão intersubjetiva (conhecimentos prévios dos leitores, suas propostas de negociação/interação) e à dimensão linguístico-semiótica (modos mais ou menos especificados/combinados dos processos referenciais nos textos, que interferem como a recategorização é constituída).

# 5

## A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

Antes de uma análise do funcionamento do processo de referência em textos multissemióticos, faz-se necessário discorrer, de maneira breve, sobre os textos que possuem múltiplas semioses. Os textos que circulam na atualidade, principalmente aqueles que são publicados em suportes digitais, apresentam uma combinação de recursos semióticos (palavras, cores, imagens, sons, movimento etc.), que contribuem para o indiciamento de sentidos e para o direcionamento da interpretação por parte dos leitores. Nesse sentido, em conformidade com Lima (2018, p. 14), é possível afirmar que “as palavras, os sons, as imagens, a diagramação, os movimentos, as cores, as expressões faciais/corporais, o olhar etc. não são escolhas aleatórias, uma vez que contribuem para o processo de produção de sentido”. Assim, o texto multissemiótico<sup>20</sup> é constituído por múltiplas semioses, fundamentais para o seu processo de interpretação.

Devido aos avanços tecnológicos da atualidade, há uma abrangente divulgação e propagação desses textos na sociedade, tanto em caráter informativo, quanto em caráter comunicativo, logo, é de suma importância compreender as estratégias utilizadas em sua constituição para que seja possível compreender o conteúdo temático e o propósito pretendido pelos autores.

Com relação à construção dos textos multissemióticos, Rojo e Moura (2012, p. 182) ponderam que

É preciso perceber que as imagens (estáticas ou dinâmicas) e os sons são concludentes de uma obra que, ao considerá-los, a elaboração de sentidos tomará muitos outros caminhos além daquele formado estritamente pelas palavras. Com isso, os textos passam a ser entendi-

20

Faz-se relevante explicar que alguns pesquisadores fazem a distinção entre textos multimodais e multissemióticos, no entanto, esse não é o foco da presente pesquisa. Portanto, parte-se do pressuposto de que todo texto é multimodal, como elencando por Ribeiro (2016), mas, com o avanço das tecnologias de comunicação e informação, “a combinação de modos e recursos semióticos foi intensificada e ampliada, uma vez que houve alterações significativas no processo de circulação dos textos e no processo de coprodução por parte dos interlocutores, seja por meio de (re)edições, seja por meio de comentários” (Ragi; Ferreira, 2022, p. 18).

dos como 'modos de dizer' que não precisam ser exclusivamente escritos: podem também apresentar elementos visuais e sonoros ou acontecer formas estáticas ou em movimento, como vemos em filmes ou propagandas. [...] isso construiria a multimodalidade ou multissemiose dos textos, as quais instauram várias possibilidades de construção de sentido.

De acordo com os autores, para que seja possível identificar textos multissemióticos, não devemos nos atentar apenas as diferentes semioses que os constituem, mas, também, aos seus meios de circulação, ou seja, a interpretação de um texto multissemiótico somente é possível se olharmos os seus "modos de dizer", que carregam informações importantes para a sua interpretação, e atuam assim, consequentemente, como modos semióticos.

Diante da ideia de que o texto é um evento comunicativo, no qual há a atuação de diferentes ações linguísticas, cognitivas e sociais, Marcuschi (2008) elenca que essa definição apresenta algumas implicações, sendo a principal delas relacionada ao conceito de evento comunicativo, o qual permite que seja realizada a leitura por meio de conexões entre os diferentes elementos que compõem o texto. Assim, o texto é construído "numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal" (Marcuschi, 2008, p. 80).

Seguindo essa linha de raciocínio, Cavalcante (2011), a partir das concepções de textos apresentadas por Koch (2003), amplia o conceito de texto com o intuito de que sejam abarcadas as produções multimodais. Logo, para a autora, ao se falar de texto, é necessário não focar apenas em textos "linguísticos", pois esse não é apenas o escopo que está em circulação. Assim, faz-se necessário incluir o termo "não verbal", no momento de realizar a conceitualização de texto, como apresentado a seguir:



A produção de linguagem verbal e não verbal constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos –no momento da interação verbal (Cavalcante, 2011, p. 9).

Nesse viés, a inclusão dos textos multissemióticos no campo de estudos textuais é necessário, pois, observar como ocorre a construção do processamento textual é importante para os processos de leitura e de produção dos (novos) gêneros ou de gêneros que sofreram transmutações.

Direcionando a discussão para o processo de referenciação, é relevante considerar que os processos referenciais contemplam dos diferentes recursos semióticos. Para além da dimensão verbal, “os recursos visuais de um texto podem exercer funções semelhantes aos recursos linguísticos e, quando os dois aparecem concomitantemente, complementam-se.” (Cavalcante; Custódio Filho; Britto, 2014, p. 40).

Nos textos multissemióticos, existem diversos elementos que contribuem com o objetivo comunicativo, ou seja, elementos visuais empregados (cores, sons, saliência, expressões faciais etc.), que são utilizados com a intenção, de além de retomar ou introduzir referentes, tornar o discurso coeso e coerente.

Para Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 65), o estudo de textos multimodais “não pode ser encarado como uma concessão, mas, sim, como o compromisso de discutir seriamente os desafios que os usos impõem, mesmo que isso signifique reconhecer a falta (provisória) de aparato teórico para tratar algumas situações.” Nesse viés, os autores apresentam a concepção de que pesquisadores do campo do texto devem propor análises que deem conta de toda a multiplicidade existente nos textos.

Como já apresentada na presente pesquisa, a referenciação é uma teoria desenvolvida, inicialmente, para textos verbais, mas pesquisadores como Ramos (2012) considera que o escopo teórico aplicado aos textos verbais e escritos podem ser utilizados em textos constituídos por múltiplas linguagens. O autor, ao estudar a referenciação no gênero tiras cômicas, destaca que o processo sociocognitivo interacional de produção de sentido é construído no texto, a partir da soma e da articulação de diferentes semioses, como: verbal, e imagética.

Outra pesquisa relevante para a discussão aqui proposta foi desenvolvida por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que consideram que além da parte verbal, as imagens, sons, vídeos entre outras formas são 'fontes de percepção' que contribuem para com a produção e interpretação de conteúdo em um texto. Assim, as representações sobre um objeto de discurso podem ser engatilhadas no texto por meio de elementos visuais.

No estudo desenvolvido por Cavalcante e Brito (2020, p. 57), as autoras reiteram que

Os referentes podem ser apreendidos com base nos conteúdos simbólicos da imagem, ou com base apenas em aspectos que, por associações de toda ordem, disparam inferências. O mesmo se pode dizer com relação às formas linguísticas: em dados contextos, algumas expressões referenciais denotam significados representativos de objetos do discurso, ou podem simplesmente despertar os interlocutores para procederem à relação entre referentes.

Desse modo, as formas referenciais podem ser apresentadas no texto, tanto de maneira visual quanto de maneira verbal, contribuindo, assim, para que os recursos visuais do texto possuam funções semelhantes aos recursos linguísticos. Ainda sobre a construção de referentes, Fontinele e Carvalho (2022) comprovam que o referente, ao longo do texto, passa por alterações, o que contribui para que eles assumam novas projeções, por meio de elementos linguísticos ou visuais.

Logo, os referentes podem ser construídos a partir de elementos imagéticos ou linguísticos, que ao se relacionarem constroem os sentidos do texto. Durante essa interação, os referentes são recategorizados por meio de alterações ou formas assumidas que sinalizam para a progressão textual, com base em pistas e/ou formas presentes no próprio texto ou no contexto (Fortinele; Carvalho, 2022).

Com vistas a caracterizar os processos referenciais em textos multissemióticos, foram selecionadas tiras cômicas para ilustrar as discussões aqui propostas. Na Figura 21, observa-se o fenômeno da introdução referencial. No *Instagram*, cada quadro é apresentado de modo carrossel, ou seja, um quadrinho de cada vez e, somente, ao final, todos os quadrinhos aparecem juntos. Então, a introdução dos referentes acontece sequencialmente.

Figura 21 - Introdução referencial em texto multissemiótico



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C1NhjTiPr03/>, acesso em: 25 nov. 2023.

Ao se analisar a tira cômica, o leitor poderia considerar que a introdução referencial da personagem Anésia se efetiva por meio da menção à “avó”, feita pelo personagem neto, no 1º quadrinho. No entanto, ao considerar que o texto em pauta encontra-se publicado em um perfil de *Instagram*, intitulado Dona Anésia, o leitor pode ter tido acesso ao referente “Dona Anésia” em outras situações discursivas e já estabelecer um vínculo com a personagem, de imediato, sem ter que passar para a próxima cena da tira cômica<sup>21</sup>. A expressão referencial “vó” já faz uma remissão contextual à personagem Anésia.

Cavalcante (2003) afirma que a introdução referencial revela escolhas feitas pelos produtores/autores e que tais escolhas interferem diretamente na construção de sentido do texto. Assim, parece ser possível observar que o fenômeno da introdução referencial se caracteriza não somente a partir de pistas textuais, mas também de pistas extratextuais. No caso em pauta, para abordar a questão da introdução referencial é necessário considerar os conhecimentos prévios do leitor, que já conhecendo, as tendências das tiras de Dona Anésia (cores rosa e branca, padrões do traçado dos personagens etc.) irá levar em conta a expressão referencial “vó, proferida pelo menino, se refere à personagem.

A seguir (Figura 22), outra tira de humor explicita o processo de apresentação de referentes.

21 Devido ao fato de as tiras cômicas serem, em muitas das situações, postadas em perfil da rede social *Instagram*, não é possível visualizá-las de maneira completa de uma única vez, como normalmente acontece em outros meios de comunicação que fazem uso desse gênero (sites de jornais, revistas e sites de tiras). Diante disso, o administrador da página posta as tiras como se fossem fotos, uma quadro por vez, e para que seja possível continuar lendo a história, o leitor deve arrastar para o lado para ver a próxima foto/quadro da tira cômica, e ao final, como última “foto” é postada a história em um momento único, mas com baixa visibilidade da parte verbal do texto, pois as letras estão pequenas, mas isso é realizado para que caso o leitor não tenha compreendido ainda que o texto trata-se de uma tira cômica ao ver todas as “fotos” unidas será possível compreender de que gênero se trata.



**Figura 22** - Apresentação de referentes imagéticos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C0158L5L4Lc/> acesso em 03 set. 2023.

No exemplo (Figura 22), considerando o gênero tira de humor, publicado no *Instagram*, apresenta cada cena de modo isolado e sequenciado, é possível constatar que a introdução do referente "prato" é realizada por meio da imagem em que o objeto cai no chão e se quebra, conforme Figura 23.

**Figura 23** - Introdução do referente de maneira isolada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C0158L5L4Lc/>, acesso em: 03 set. 2023.

Aqui, o leitor pode fazer opção por navegar pelo menu de imagens (quadros da tira cômica) utilizando as setinhas, ou por ler a mensagem publicada no lado direito do texto, em que o termo prato é apresentado por meio do texto verbal. Assim, é possível considerar que a introdução referencial pode ser reconfigurada a depender do gesto de leitura adotado pelo leitor.

Em outro exemplo (Figura 24), a situação enunciativa é determinante para a construção dos referentes.

**Figura 24** - Referenciação e situação enunciativa



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C0CmK01vFbu/>, acesso em: 03 set. 2023.

Na Figura 24, o exemplo é de uma situação enunciativa em que a “fala” da personagem e a imagem aparecem conjuntamente no 1º quadrinho. Aqui, a “palavra “vó” e a imagem de uma senhora “caricata de avó” (pele enrugada, roupas, cabelos grisalhos presos, postura corcunda) aparecem ao mesmo tempo no quadrinho, o que não permite afirmar qual delas seria a “apresentação” do referente

ou se ambas cumprem esse papel. Talvez o leitor entenda que a imagem “categoriza” a avó, mas é possível dizer que o termo avó pode demonstrar a relação de parentesco com a outra personagem (responsável pela fala), imputando à senhora uma condição que a caracteriza (ser avó). Desse modo, é possível considerar que a introdução referencial não se determina apenas pela materialidade textual, mas também pelo contexto enunciativo.

No caso das anáforas, as ocorrências também se efetivam na combinação de elementos verbais e visuais, conforme se verifica na Figura 25:

**Figura 25** - Processos anafóricos e combinação de recursos semióticos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CuUnBsTLtah/>, acesso em: 03 set. 2023.



No exemplo em pauta (Figura 25), o termo sobremesa (hipe-rônimo), mencionado no 2º quadrinho, é retomado no último quadrinho, por meio de uma imagem de “bananas”, que recategoriza o termo “sobremesa”, especificando-o qual é a categoria de sobremesa. Além disso, é relevante destacar que a escolha feita pelo produtor não se encerra apenas na exposição do tipo de sobremesa que a personagem leva consigo, mas se configura como estratégia para suscitar um efeito de humor, uma vez que há uma quebra de expectativa.

Outra ocorrência de anáfora pode ser analisada na Figura 26 a seguir:

Figura 26 - Anáforas e processos de produção de sentidos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CKC1Wogl5sS/>, acesso em: 03 set. 2023.

Na Figura 26, a expressão referencial “dias úteis” é retomada, mas com outro sentido. Então, o fenômeno da recategorização pode indiciar uma mudança de sentido. Se na primeira ocorrência, a ideia relaciona-se aos dias que compõem a semana de trabalho (segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira), com exclusão de feriados, na segunda ocorrência, a ideia é de um tempo utilizado para realização de atividades produtivas e que trazem benefícios mensuráveis. Nesse sentido, o processo de recategorização se configura como uma estratégia para suscitar efeitos de humor.

Já na Figura 27, uma das ocorrências de referenciação ocorre por meio da expressão referencial “malditos santinhos”, que aparecem nos quadrinhos iniciais como imagens de papéis jogados no chão.

**Figura 27 - Referenciação e efeitos de sentidos**

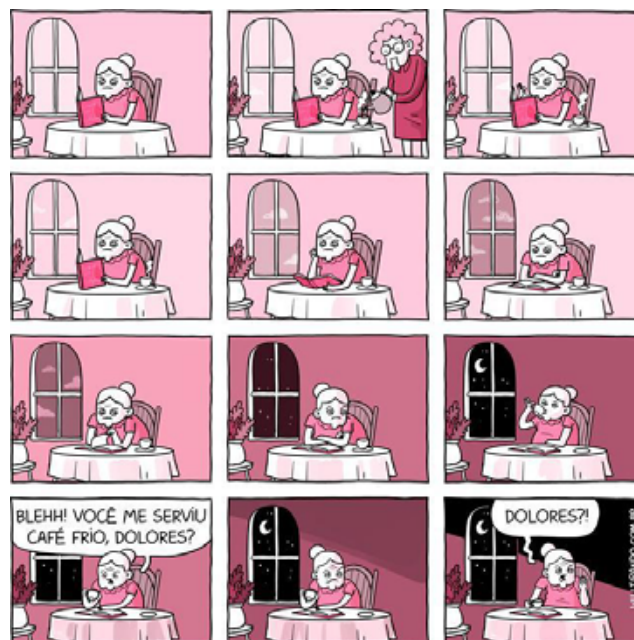


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CHnN3xQLkI/>, acesso em: 05 set. 2023.

Na Figura 27, a recategorização ocorre por meio da combinação da modalidade verbal e de imagens. Nesse sentido, considerando a progressão da narrativa da tira de humor, a introdução referencial se dá por meio da imagem de papéis espalhados pelo chão e a recategorização se dá pela expressão verbal “malditos santinhos” (com destaque para a adjetivação) e por meio de palavras/imagens (Dolores em um confessionário, o que permite inferir uma menção implícita aos santos ligados aos preceitos religiosos). Essa ocorrência mostra que, nem sempre, a recategorização é realizada por meio de referentes explícitos na materialidade textual.

Para além dos processos de introdução e anáforas, apresentados nesta seção, merecem destaque os recursos semióticos que permitem a progressão textual, conforme se verifica no exemplar a seguir (Figura 28):

**Figura 28** - Recursos semióticos e progressão textual



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/category/anesia/>, acesso em 03 set. 2023.

Na Figura 28, merecem destaque os recursos semióticos para recuperar a informação na memória e desse modo poder compreender os sentidos enunciativos da tira cômica. Aqui, vários recursos semióticos são relevantes para a construção dos referentes. A janela (com os indicativos de passagem de tempo), a xícara de café e a iluminação são elementos que indiciam sentidos e sugerem a passagem do tempo. À medida que o dia vai passando e a noite vai se iniciando, as cores vão alterando. No primeiro quadrinho, a janela apresenta uma luz clara, que remete à ideia de início do dia. No segundo quadrinho, a amiga de Dona Anésia serve um café quente, que pode ser inferido por meio da fumaça. Nos quadrinhos subsequentes (2º ao 7º), Dona Anésia continua lendo o livro, apenas com mudanças de posição, que podem sugerir um certo cansaço e, pela janela, se observa o aparecimento de algumas nuvens e com pequenas alterações de iluminação. A partir do oitavo quadrinho, surgem estrelas (que, juntamente com a cor escura, indiciam noite), mas que, referencialmente, sugerem “excessivo tempo de leitura”. Isso é corroborado pela menção ao café frio e a sugestão de Dolores já ter ido embora/ou estar dormindo.

Esse exemplo pode ilustrar a afirmação de Cavalcante e Brito (2022, p. 285), que consideram que “todo jogo referencial se presta, como se disse, a gerar efeitos pretendidos pelo projeto de dizer do locutor/enunciador”. Em outras palavras, as escolhas de referentes não são neutras e nem aleatórias. Tanto os referentes verbais, quanto os referentes visuais, são indiciadores de sentidos e, portanto, podem ser analisados à luz da teoria da referenciação.

Ainda de acordo com as autoras citadas,

os referentes podem se evidenciar nos textos por diferentes sistemas semióticos, não somente pelo verbal, nem apenas por expressões referenciais. Aspectos multimodais de toda ordem estão ligados nessa coconstrução e se encontram imbricados em fatores contextuais. Mas o que se chama de expressões referenciais são sintagmas



nominais (ou pronominais) e adverbiais que nomeiam ou representam os objetos do discurso. Numerosos estudos já evidenciaram que os referentes não emergem nos textos apenas pelo emprego de expressões referenciais, mas também pela colaboração de outros sistemas semióticos, como o visual, o gestual, dentre outros, seja para introduzir referentes, instaurando-os em dada situação comunicativa, seja para retomá-los recategorizando-os (Cavalcante; Brito, 2022, p. 285).

Logo, independentemente da maneira como os referentes se configuram nos textos, é possível considerar que eles podem se apresentar por meio de variados recursos semióticos, que se combinam no processo de construção de sentidos. Diante disso, a análise de textos multissemióticos, tal como os exemplares aqui apresentados, demonstra a complexidade do fenômeno da referenciação. Isso ocorre porque a referenciação não é apenas uma teoria de função coesiva, mas uma "a unidade poderosa que revela um complexo trabalho sociocognitivo-discursivo de abordagem da realidade, passível de retomar elementos os mais diversos e de realizar múltiplas funções." (Custódio Filho, 2011, p. 139).

## O GÊNERO ANIMAÇÃO MINIMALISTA PUBLICADO EM *REELS* NO INSTAGRAM

Em conformidade com Bakhtin (2003), nas práticas sociais de linguagem, cada sujeito possui um repertório de gêneros discursivos, com os quais opera, para a comunicação efetiva. O autor enfatiza a flexibilidade funcional e formal dos gêneros, esclarecendo que os discursos são sempre originais porque fazem parte de uma situação com tempo e lugar histórico-social específicos. Para o referido autor,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e dão igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 2003, p. 261-262).

Como resultado do surgimento de novas formas de comunicação, novos gêneros têm sido criados ou gêneros têm sido transmutados. Na perspectiva de Bakhtin (2003), os gêneros emergentes não giram em torno de inovações completas, pois encontram seu fundamento em gêneros pré-existentes. Consequentemente, há uma fusão de atributos de um gênero com outro.

No mesmo sentido, Gomes (2017) aponta que as tecnologias digitais e as ferramentas de leitura e escrita permitem uma hibridização de linguagens (por meio de palavras, imagens estáticas e reconfiguradas computacionalmente, imagens em movimento, sons, áudio etc.), o que desencadeia o surgimento ou a transmutação dos gêneros,

os quais têm influenciado e modificado os modos de ler e escrever contemporâneos, bem como apresentado novos desafios às teorias de letramento”, sendo que esses novos gêneros (multissemióticos) “convocam novos (multi) letramentos críticos na medida em que orquestram em sua composição imagens e outras semioses, implicando múltiplas formas de significar.” (Gomes, 2017, p. 86).

Isso vale para o gênero animação minimalista publicado em *reels* de *Instagram*. Pode-se considerar que esse gênero é um exemplo de transmutação de gêneros. Nesse sentido, o gênero animação minimalista, recorrentemente, combina os modos de organização de desenhos (com imagens em vídeos e áudios), semelhante às videoanimações. Além disso, também se assemelham às histórias em quadrinhos (com desenhos estáticos que são colocados em movimento por meio de aplicativos de edição). Esse tipo de produção, normalmente, possui organização narrativa, envolvendo personagens e um enredo sobre pessoas em situações do cotidiano social. A adjetivação minimalista se deve à peculiaridade de exploração de linhas simples e menos detalhes na produção das imagens. Embora esse gênero possa circular em outros suportes, a difusão mais comum acontecer no *Instagram*, sendo publicados em forma de *reels* (Figura 29).

Figura 29 - Gênero animação minimalista





Fonte: <https://www.instagram.com/p/C3BCvz-xy07/>, acesso em: 15 jan. 2024.

O gênero animação minimalista apresenta uma composição organizada em quadros que representam as cenas que constituem o enredo. O conteúdo temático proposto do exemplar da volta às aulas, pois a narrativa aborda o comportamento de uma mãe no primeiro dia de retorno do filho à escola. Cada sujeito-espectador, a seu modo, poderá compreender a animação minimalista, a partir de seus conhecimentos prévios, o que pode desencadear possibilidades interpretativas. O propósito enunciativo dessa produção se circunscreve em proporcionar entretenimento a partir da situação das mães que se sentem aliviadas quando as crianças retornam às aulas.



No que diz respeito às especificidades do gênero e ao estilo de linguagem, considerando que a dimensão da autoria, as condições de interlocução, o querer dizer do locutor e a forma como esse querer dizer se manifesta, é importante destacar que a escolha de representações hiperbólicas, além de suscitar efeitos de humor, também indicia pistas para o processo de produção de sentidos.

O gênero animação minimalista pode ser considerado uma arte gráfica em movimento, pois é produzido a partir de desenhos que apresentam traços menos complexos. Em relação ao contexto de circulação, o gênero, normalmente, é encontrado em mídias digitais, de modo mais recorrente no *Instagram*.

Em 2020, a plataforma lançou a função *reels* em seu aplicativo que, de acordo com Menon (2022), trata-se de um recurso que serve como repositório de mídia gerada pelo usuário, mais especificamente, vídeos curtos com duração de 15 a 60 segundos, que podem ser compartilhados com outros usuários da plataforma. Ainda em conformidade com a autora, os *reels* oferecem

uma oportunidade para que seus milhões de usuários sejam consumidores autoprodutores. Ele permite aos usuários criar vídeos curtos com a câmera de um smartphone, aprimorar o vídeo no estilo desejado usando vários recursos de edição integrados e compartilhar com seus amigos e seguidores.<sup>22</sup> (Menon, 2022, p. 02, tradução da autora).

Pelo fato de os *reels* serem vídeos curtos e que podem ser produzidos com certa facilidade, ou seja, sem a necessidade de equipamentos especializados e cursos de editoração de vídeo, eles vêm ganhando espaço no contexto digital. A produção de *reels* possui diferentes propósitos enunciativos, e varia de acordo com a criatividade de seus autores/produtores, tanto com relação ao

conteúdo abordado, quanto aos recursos visuais utilizados para a montagem do vídeo. Ainda em conformidade com a autora, os conteúdos criados nos *reels* são considerados “virais”, atingindo, assim, uma parcela significativa dos usuários do *Instagram*, e de outras redes sociais, quando os vídeos são compartilhados por seus usuários.

Os *reels* podem apresentar diferentes formatos, desde que se enquadrem no espaço de tempo de até 60 segundos de duração. Dada a dinamicidade dos *reels*, as animações minimalistas surgiram como uma estratégia de satirizar, de entreter e de criticar situações cotidianas ou que circulam nas mídias. Produzidas com elementos essenciais, linhas limpas e diminuição da complexidade visual e funcional, as animações minimalistas possuem como características basilares: a) essencialidade: evitam excessos de decoração ou ornamentação, usando uma gama limitada de cores e formas simples; b) Espaço em branco: os desenhos minimalistas geralmente usam espaços amplos em branco para dar a impressão de clareza e abertura. c) Tipografia clara: os desenhos minimalistas usam fontes legíveis e simples para tornar o texto fácil de ler; d) Foco na Função: A função e a forma estão alinhadas em um desenho simples. Os componentes são organizados com um objetivo evidente, mantendo o foco na mensagem pretendida; e) Detalhes sutis: embora os designs minimalistas sejam projetados para ser simples, eles podem incluir detalhes sutis ou elementos refinados que adicionam profundidade e interesse sem tornar o design geral muito pesado; f) Uso restrito de elementos: Um desenho minimalista usa apenas elementos necessários para a construção do cenário e das representações dos personagens; g) Harmonia: busca por equilíbrio simétrico ou assimétrico; h) Ênfase no Conteúdo: os desenhos simples concentram-se no conteúdo, que pode ser fala/escrita, imagens ou outras mídias, com menos distrações.

Nesse viés, a denominação do gênero aqui analisado – animação minimalista – se pauta na afirmação de Marcuschi (2008, p. 163-164), segundo o qual “as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída”.

# 6

**ANÁLISE DE ANIMAÇÕES  
MINIMALISTAS  
PUBLICADAS EM *REELS***

As animações minimalistas publicadas em *reels* analisadas nesta pesquisa se encontram disponíveis no perfil do *Instagram* @ *Rafaellatuma*. A autora busca, a partir da simplificação de linhas e de formas, tematizar situações do cotidiano social. A partir da análise desse gênero, é possível compreender as especificidades desse tipo de produção. No que diz respeito ao propósito enunciativo, é válido ressaltar que, por meio do humor, as animações têm por objetivo promover uma crítica social ou um entretenimento.

Em relação aos modos de organização e de funcionamento, esse tipo de produção é constituído por uma parte verbal, que pode ser uma música (de fundo), legendas ou a fala de personagem. Originalmente, essa produção se configura como uma transmutação de gênero, pois é oriunda de alguma situação do cotidiano ou algum recorte de filme, série, reportagem, entrevista etc., em que o produtor faz uma representação visual a partir do enredo narrado. Esse gênero se caracteriza pela inserção de desenhos minimalistas (com traços simples) imagens em movimento ao conteúdo de um áudio-base.

Conforme já pontuado, a análise proposta é constituída por um *corpus* de 3 animações minimalistas publicadas em *reels* de *Instagram*. A seleção dessas produções se deu pelas potencialidades de análise de processos referenciais.

## 1. Animação minimalista “Para a senhorita... talvez uma salada

A primeira animação, intitulada “Para a senhorita... talvez uma salada?”<sup>23</sup>, é um recorte do filme “As Branquelas”<sup>24</sup>, lançado no ano de 2004, que faz sucesso no Brasil. O trecho em questão marca a

23 Sugerimos aos leitores o acesso ao vídeo, antes de prosseguirem com a leitura deste livro.

24 O recorte selecionado do filme “As Branquelas” mostra o momento em que o personagem Latrell, após arrematar em um leilão beneficente, está em um jantar com o personagem Marcos (disfarçado de Thiffany). Ao chegar no restaurante, Latrell tenta conquistar Thiffany (agente Marcus), que, por sua vez, faz uso de diferentes estratégias, pedindo pratos socialmente inadequados para um encontro, para dispensar o interesse romântico de Latrell.



cena do jantar entre os personagens Latrell e o agente Marcus, que está disfarçado como a personagem Thiffany<sup>25</sup>.

O excerto escolhido pela produtora é preservado em seu áudio, mas com elaboração de novas imagens. Nessa direção, ao produzir a animação para publicação no *Instagram*, em formato de vídeo curto, de, no máximo 60 segundos de duração, gravados na vertical e que combina áudio, imagens, textos e efeitos visuais, a produtora assume um posicionamento de crítica social em relação aos estereótipos de gênero) e faz escolhas por usos de determinados recursos semióticos, que vislumbram a negociação de sentidos, o apelo à memória compartilhada e os conhecimentos necessários à co-construção da referência.

Aqui, é relevante pontuar que, por se tratar de uma retextualização de um excerto do filme, é necessário considerar os conhecimentos prévios dos interlocutores. Assim, os pressupostos teóricos relativos ao fenômeno da referenciação como uma atividade discursiva são observados na produção textual em pauta, uma vez que o conhecimento e a produção de sentido acerca do filme “As branque-las” irão influenciar no percurso interpretativo.

Assim, ao fenômeno da introdução do referente poderá ser analisado para além da materialidade textual. A animação minimalista se inicia com a cena (Figura 30), na qual, aparece, à direita, a menção ao filme, por meio do uso da *hashtag* (#asbranque-las).

Figura 30 - Introdução referencial na animação 'Para a Senhorita'



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Aqui, para a construção dos referentes, é necessária a articulação com a expressão “as branqueles”, que sinaliza para uma cena do filme. Considerando que, para Bakhtin (2003), a língua é dialógica, ou seja, todo discurso produzido leva em conta outros anteriormente produzidos e busca dialogar com outros a serem produzidos posteriormente, ao analisar os processos de construção de referentes, é possível admitir que, nessa perspectiva, a introdução do referente pode sugerir que o personagem é o mesmo.

Nesse sentido, de acordo com a concepção de linguagem bakhtiniana, o sujeito não se expressa apenas, ele age, atua com seu interlocutor, esperando deste uma resposta. Assim, ao fazer uma retextualização de um excerto do filme, a produtora constrói

representações visuais de Latrell, Marcus/Thiffany, restaurante, alimentos, que podem ser consideradas retomadas dos referentes apresentados na produção fílmica.

Caso o leitor tenha assistido ao filme e, ao ter acesso à animação minimalista, consiga estabelecer articulação entre as produções, é possível considerar que os referentes dos desenhos minimalistas podem ser considerados retomadas dos personagens já apresentados em o filme “As Branquelas”. Caso o leitor não tenha assistido ao filme, os referentes serão apresentados na animação minimalista. Para efeitos de análise, serão selecionados apenas cinco referentes explorados pela animação minimalista em questão.

#### A) Personagem Latrell Spencer

O primeiro referente – o do personagem representado como sendo do sexo masculino – Latrell Spencer, personagem do filme “As Branquelas” interpretado por Terry Crews, pode ser identificado como introdução referencial ou como anáfora, a depender dos conhecimentos prévios do leitor. No filme, o personagem se apresenta com as seguintes características (Figura 31).

**Figura 31** - Personagem Latrell no filme de 2004



Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=785702785171528>, acesso em: 20 jun. 2023.

Na animação, o mesmo personagem é apresentado por meio de desenhos minimalistas. Se o leitor não fizer a relação com o filme, pode-se considerar que a introdução do referente ocorre com a apresentação do personagem no restaurante. A introdução referencial acontece por meio de uma imagem em que não é possível identificar, de imediato, o personagem, uma vez que o cardápio cobre, em grande parte, o rosto. Tem-se um personagem do sexo masculino com calvície, em um "restaurante muito caro". Aqui, merece destaque a menção a "restaurante muito caro" (Figura 32), que destoa do comumente encontrado no cotidiano social. A simples menção a "cardápio" já sugere um restaurante, mas a produtora optou por acrescentar a informação "muito caro", em substituição ao nome do local. Desse modo, a construção do referente já traz informações relevantes para a progressão do texto, ou seja, em determinados locais, como os restaurantes mais requintados, são exigidas regras de etiquetas. No caso em pauta, a informação de se tratar de um restaurante luxuoso já sinaliza para uma expectativa em relação ao comportamento adotado pelos clientes.



**Figura 32** - Apresentação do personagem Latrell



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuGOnKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Nas Figuras a seguir, o personagem é retomado, e, nesse processo, há presença dos processos referenciais de recategorizações. Na Figura 33, o personagem Latrell é retomado na animação minimalista com algumas características apresentadas anteriormente.

**Figura 33** - Retomada do referente Latrell

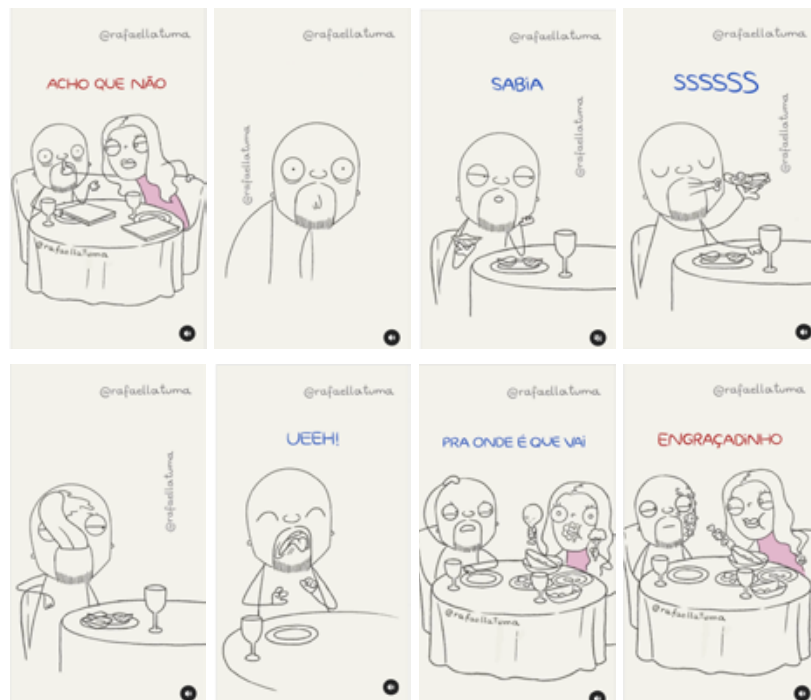


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Nessa imagem (Figura 33), é possível perceber a manutenção das características do personagem (calvície e cavanhaque), que são apresentadas no filme, que serviu de texto-base.

Nas imagens (Figura 34), as anáforas são construídas de modo a viabilizar a progressão textual e a recategorização referencial.

Figura 34 - Progressão textual e a recategorização referencial



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Na Figura 34, na qual aparecem vários momentos da narrativa, é possível considerar que a situação discursiva contribui para a construção do referente, uma vez que o contexto cultural é determinante para o processo de construção de sentidos.

- a. Quando o personagem Latrell é interrompido por Marcus/Thiffany, é possível inferir que ele é inconveniente ao sugerir que a acompanhante peça uma salada. Há uma exigência social de que as mulheres devem se preocupar com dietas. Essa situação indicia uma ideia de dominador;

## SUMÁRIO

- b. Quando o personagem Latrell é apresentado sozinho na cena, é possível inferir que ele se encontra assustado com o pedido feito pelo(a) personagem Marcus/Thiffany, já que há uma diversidade de alimentos que, normalmente, não são pedidos em jantares românticos, em função dos efeitos digestivos desses alimentos, o que indicia uma ideia de censurador;
- c. Quando o personagem Latrell comenta sobre o fato de ostra ser afrodisíaca, ele altera o tom de voz e insinua uma tentativa de conquista, o que indicia uma ideia de sedutor;
- d. Quando o personagem Latrell consome a ostra, a produtora representa a cena com gestos lascivos e exagerados, o que indicia a ideia de conquistador;
- e. Quando o personagem Latrell comenta que a sua língua é enorme, a produtora representa a cena de modo bastante exagerado, o que indicia a ideia de paquerador;
- f. Quando o personagem Latrell reage à comilança e aos maus modos à mesa por parte de Marcus/Thiffany, ele o faz por meio de uma expressão facial e da expressão verbal "Ueeh!", o que indicia uma ideia de "julgador";
- g. Quando o personagem Latrell questiona sobre o excesso de consumo de alimentos por de Marcus/Thiffany, a produtora o faz por meio da combinação de recursos verbais (fala e escrita) e por meio de gestos que indicam dúvidas, o que indicia uma ideia de crítico de um dado comportamento;
- h. Quando o(a) personagem Marcus/Thiffany diz que Latrell é "engraçadinho", ele o faz de modo irônico, denotando uma ideia de "inconveniente". Nessa cena, é possível também considerar a irritação por parte do personagem Latrell, o que indicia estar se sentindo incomodado.



Ao analisar as retomadas relacionadas ao referente ao personagem Latrell, é possível considerar que as ideias de “censura”, “sedução” e “incômodo” são recorrentes, com diferentes intensidades. Essas sensações contribuem para a construção da representação do personagem. Interessante considerar que as recategorizações podem ser efetivar a partir do ponto de vista da produtora (que apresenta uma proposta para a construção do projeto de dizer) e do leitor (que analisa as cenas segundo suas referências de mundo).

A seguir, será realizada a análise de como ocorre a referência com relação à presença do(a) personagem Marcus/Thiffany na animação minimalista publicada nos *reels* de *Instagram*.

### B) Personagem Marcus/Thiffany

Do mesmo modo que no caso anterior, em que a articulação da animação com o filme se configura como uma retextualização e o leitor pode analisar o referente do(a) personagem Marcus/Thiffany como um processo anafórico. Aqui, o referente se constrói a partir do personagem Marcus (ator Marlon Wayans), que se decide a passar por Tiffany Wilson (atriz Anne Dudek). Assim, a introdução referencial seria a personagem representada pela atriz, que, no filme, é uma das irmãs socialites (Figura 35).

**Figura 35** - Apresentação do(a) personagem Marcus/Thiffany no filme de 2004



Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=785702785171528>, acesso em: 20 jun. 2023.

Caso a análise contemple apenas a animação selecionada, a introdução referencial se dá por meio da expressão “senhorita”, que é apresentada por meio da fala do personagem Latrell e da legenda.

**Figura 36** - Introdução dos referentes na animação



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

A personagem feminina não aparece visualmente na 1ª cena, o que pode sugerir uma anáfora, uma vez que a imagem de Tiffany irá aparecer em momento posterior, em que aparece o personagem fantasiado de mulher, com cabelos compridos, vestimenta de cor rosa, lábios e cílios grandes. Nas cenas seguintes, esse(a) personagem se configura da seguinte forma (Figura 37):

**Figura 37** - Progressão temática do(a) personagem Marcus/Thiffany

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Na Figura 37, é possível considerar que a progressão temática, ao envolver Marcus/Tiffany, ocorre por meio da demonstração de comportamentos do(a) personagem. Assim, os processos anafóricos se efetivam por meio de recursos imagéticos.

- a. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany se levanta da cadeira e diz “acho que não”, com a projeção do dedo indicador, é possível inferir que ele(a) é não subserviente e que não concorda com a sugestão feita pelo personagem Latrell de que ele(a) deveria se alimentar com salada;

## SUMÁRIO

- b. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) com o cardápio em mãos, é possível inferir que ele(a) realiza suas escolhas, ou seja, apresenta-se determinado(a);
- c. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é representado(a) realizando movimentos circulares com as mãos no abdômen e com a língua nos lábios, é possível inferir uma ideia de ansiedade em relação à chegada da comida, ou seja, de que o(a) personagem estava faminto(a) ou é guloso(a);
- d. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) com vários pratos à frente da mesa, é possível reiterar a ideia de que o ele(a) é guloso(a) ou exagerado(a);
- e. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) com a inserção de vários alimentos na boca, é possível reiterar a ideia de voracidade e de adoção de comportamentos provocativos e intencionais;
- f. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) colocando uma ave inteira na boca, é possível reiterar a ideia de voracidade e de adoção de comportamentos provocativos e intencionais;
- g. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) falando com a boca cheia de comida, é possível reiterar a ideia de comportamentos provocativos e intencionais;
- h. Quando o(a) personagem Marcus/Tiffany é apresentado(a) cuspiendo comida em Latrell e falando alto, é possível reiterar a ideia de comportamentos provocativos e intencionais.

Todas essas representações se somam para a construção da imagem do referente, recategorizando-o, seja para apresentar um comportamento típico, seja para reiterar esse comportamento. O(a) personagem, propositalmente, agiu no restaurante com maus modos para dissuadir Latrell do interesse por manter uma relação amorosa.



Após analisar os personagens da animação minimalista, faz-se necessário analisar os outros elementos que compõem o enredo e contribuem para que seja realizada a construção de sentido e da referenciação. Assim, a seguir, nos itens C, D e E, serão apresentados recortes da animação minimalista voltados para os pratos que são perdidos ao longo do jantar.

### C) Uma costeleta

No diálogo em que o personagem pede “uma costeleta”, pode-se observar a presença da anáfora indireta, que introduz a solicitação de um prato, no pedido feito durante a narrativa (Figura 38)

**Figura 38** - Anáfora direta “uma costeleta”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

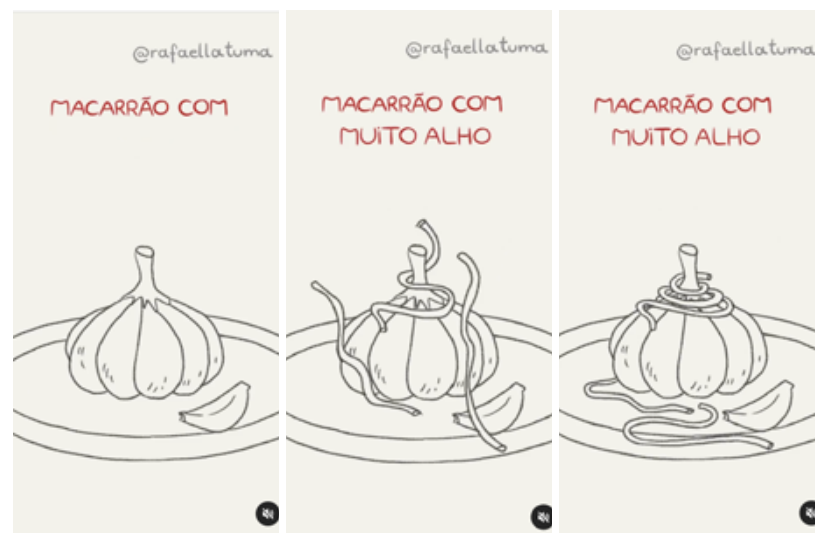
O termo “costeleta” é utilizado para se referir a um prato composto por carne de animal com osso aderente, retirado da cavidade torácica. No entanto, com vistas a promover efeitos de humor, a produtora faz opção por utilizar uma imagem de um homem que possui barba na parte lateral da face. Então, a introdução referencial se dá por meio do termo “costeleta”, que é retomado utilizando uma imagem metaforicamente produzida.

A seguir será analisado o referente “Macarrão com alho”, que se trata do segundo prato, que é pedido por Marcus/Thiffany.

#### D) Macarrão com alho

Na imagem a seguir (Figura 39), a introdução se dá por meio da expressão referencial “macarrão” e da imagem de um “alho”. A anáfora acontece pela repetição de “macarrão” e “muito alho”, bem como pelas imagens do alho e de escassos fios de espaguete.

Figura 39 - Anáfora pela repetição de referentes



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

A questão a ser destacada é que o foco é no alho, embora o pedido seja “macarrão com muito alho”. Essa estratégia discursiva serve para acentuar o condimento, que é responsável por causar mau hálito, e que na cena, é uma ação que serve para afastar Latrell, evitando, assim, a descoberta do disfarce.

Além de analisarmos os referentes presentes nos pratos que são pedidos pelo(a) personagem Marcus/Thiffany, também elegemos como objeto de análise o prato que Latrell pede, que são as “ostras”, como é possível ver a seguir.

### E) Ostras

A introdução do referente “ostras” se dá por meio da modalidade verbal, ou seja, “ostras”, uma vez que a imagem não permite a identificação do alimento (Figura 40).

**Figura 40** - Introdução do referente “ostras”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Nas imagens subsequentes (Figura 41), as retomadas são realizadas por meio da repetição do termo “ostras” e da imagem animada do molusco.

**Figura 41** - Retomadas por meio da repetição do referente "ostras"



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Observa-se que os processos anafóricos são construídos com a projeção do alimento em destaque, ou seja, pela inserção à frente do personagem e pela saliência em primeiro plano. Assim, a referenciação não se organiza apenas pela introdução e retomada do referente "ostra", mas pela animação do molusco como forma de mobilizar o interesse do leitor pelo texto/animação minimalista.

Por fim, vale destacar o uso da expressão "isso tudo", que é um exemplo de anáfora encapsuladora (figura 42).



**Figura 42 - Anáfora encapsuladora “isso tudo”**

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CneuG0nKSKQ/>, acesso em: 20 jun. 2023.

Considerando que um dos recursos remissivos utilizados para a organização textual é a anáfora encapsuladora, que é responsável pela retomada e recategorização de referentes, ao utilizar a expressão “isso tudo” na fala do personagem Latrell, a produtora da animação faz remissão aos pratos consumidos por Marcus/Tiffany. A imagem de um conjunto de utensílios em cima da mesa se articula ao enunciado verbal “isso tudo”, sugerindo uma ideia de exagero, uma vez que a quantidade de pratos pedidos foi excessiva.

## 2. Animação minimalista “Paulo Gustavo faz a gente rir até hoje”

A segunda produção que compõe a análise proposta pelo presente livro, também disponível no perfil da Rafaella Tuma, tem como nome “Paulo Gustavo faz a gente rir até hoje”. Trata-se de um áudio baseado em uma entrevista do humorista Paulo Gustavo, que fala sobre como era a sua vida quando morava com a sua mãe e irmã (Figura 43).

**Figura 43** - Introdução referencial na animação  
"Paulo Gustavo faz a gente rir até hoje"



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cnxjfl\\_ldgy/](https://www.instagram.com/p/Cnxjfl_ldgy/), acesso em: 25 jun. 2023.

Na primeira cena, há uma indicação "Paulo Gustavo faz a gente rir até hoje", seguida de #donaherminia #paulogustavo. Assim, caso o leitor não identifique, de imediato, o personagem apresentado na imagem, a referência a Paulo Gustavo e à mãe Dona Hermínia é feita à direita da animação minimalista. Nesse ponto, é preciso considerar que a animação minimalista é embasada em uma narração feita pelo ator em um de seus shows<sup>26</sup>.

Além disso, a referência à Dona Hermínia e a Paulo Gustavo pode ser construída a partir do filme "Minha mãe é uma peça". Considerando que o leitor constrói suas referências a partir do mundo social, o acesso ao filme poderá influenciar o processo de identificação da introdução referencial, uma vez que o leitor pode tomar como base os personagens do filme como referentes (Figura 44).

26

Recomenda-se que assistam ao trecho da entrevista utilizada como áudio-base para a elaboração do desenho minimalista, disponível: <https://www.tiktok.com/@podvimcortes/video/7096606050354269445>, acesso em: 26 fev. 2024.

**Figura 44** - Cartaz do filme “Minha mãe é uma peça”



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10208271674466930&set=p.10208271674466930>, acesso em: 25 jun. 2023.

Logo no início da animação minimalista, Paulo Gustavo narra um episódio de quando ele morava com a mãe e ele e sua irmã estavam jogando bola e quebraram um vaso. A mãe, furiosa, perseguiu os filhos por toda a casa e, durante essa perseguição, chocou-se contra a parede e desmaiou. As crianças pensaram que ela tinha morrido e foram pedir ajuda a um primo que tinha sido proibido de adentrar a casa deles. A mãe se recuperou do desmaio e foi logo advertindo o sobrinho, reiterando que ele estava proibido de entrar na casa dela.

Nesta animação, serão selecionados apenas dois referentes para análise, o referente Paulo Gustavo (item A) e o referente Mãe do Paulo Gustavo (Item B). A escolha por apenas dois referentes se deu pelo fato que a animação minimalista se desenvolve com foco maior sobre esses dois personagens, logo, há mais elementos semióticos e referenciais para serem levados em consideração durante o processo de análise.

## A) Paulo Gustavo

Figura 45 - Referente "Paulo Gustavo"



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cnxjfl\\_Idgy/](https://www.instagram.com/p/Cnxjfl_Idgy/), acesso em: 25 jun. 2023.

Ao analisar os processos de referenciação na Figura 45, é relevante considerar que a introdução referencial do personagem "Paulo Gustavo" é realizada por meio da modalidade verbal, localizada à direita da imagem (Figura 43), em que aparecem a mensagem: "Paulo Gustavo nos faz a gente rir até hoje" e "#paulogustavo". Essa leitura foi possível devido ao formato do gênero animação minimalista. Outra possibilidade é considerar que a introdução referencial se associa diretamente ao ator, que faz uma narração em um de seus *shows*, a qual é tomada como texto-base para a produção da animação.



Já em relação às anáforas, é relevante pontuar que, na animação, a retomada é feita de modo articulado ao contexto da narrativa, ou seja, o personagem Paulo Gustavo é representado como uma criança (juntamente com a irmã), com vistas a retratar o episódio relatado. A seguir, constam algumas retomadas anafóricas:

- a. Quando o personagem de Paulo Gustavo é apresentado na cena juntamente com a irmã, a produtora o representa, explorando a expressão facial e a postura, que indiciam uma ideia de que o personagem está temeroso em relação à reação da mãe;
- b. Quando o personagem de Paulo Gustavo relata a perseguição da mãe para castigar os filhos, a produtora faz uma analogia a um jogo eletrônico – *Pac-Man*<sup>27</sup>. Essa escolha sugere uma ideia de que o filho e a irmã se preocupam com a violência demonstrada pela mãe e tentam escapar dela;
- c. Quando o personagem de Paulo Gustavo e a irmã chegam ao final de um dos corredores e se sentem acuados, eles demonstram medo, por meio de linhas cinéticas que sugerem tremores e suores;
- d. Quando o personagem de Paulo Gustavo e a irmã ouvem o barulho decorrente do incidente ocorrido com a mãe, eles olham de soslaio, denotando curiosidade;
- e. Quando o personagem de Paulo Gustavo se dirige até a mãe que está caída ao solo, há uma sugestão de cuidado;
- f. Quando o personagem de Paulo Gustavo fala com a irmã, afirmando que a mãe tinha morrido, é possível inferir que há um certo tom de desespero;

27

É um jogo eletrônico criado por Tōru Iwatani para a empresa Namco, e sendo distribuído para o mercado americano pela Midway Game.

- g. Quando o personagem de Paulo Gustavo sai em busca de ajuda e se dirige à casa do primo, é possível inferir que há uma ideia de proatividade;
- h. Quando o personagem de Paulo Gustavo e sua irmã constata-  
tam que a mãe não tinha morrido e que ela, mesmo estando  
se recuperando, brigou com o primo deles, é possível inferir  
uma ideia de surpresa.

Desse modo, ao se analisar o processo referencial, relacionado ao personagem de Paulo Gustavo, na animação em pauta, é possível considerar que as dimensões discursivas, linguísticas e semióticas se mesclam. Aqui, o contexto de produção, de circulação e de recepção é determinante para a identificação da introdução referencial e para a compreensão das anáforas. Essa animação se encontra articulada ao filme “Minha mãe é uma peça” e ao texto-base “parte do show de Paulo Gustavo” que deu origem à animação e que circula em formato de *TikTok*.

## **B) Mãe de Paulo Gustavo**

Após análise do item A, que possui como foco o personagem Paulo Gustavo, iniciamos a segunda análise da animação minimalista selecionada. Devido a sua grande participação para a desenvoltura do enredo da animação julga-se necessário que a análise seja voltada para a mãe de Paulo Gustavo, afinal, o áudio base do texto analisado foi inspirado na figura da mãe do humorista, que é nacionalmente conhecida (Figura 46).

**Figura 46 - Referente “mãe de Paulo Gustavo”**

Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cnxjfl\\_ldgy/](https://www.instagram.com/p/Cnxjfl_ldgy/), acesso em: 25 jun. 2023.

Na Figura 46, é possível considerar que as anáforas referentes à personagem “mãe”, trazem informações sobre essa “mãe”, que podem ser consideradas como recategorizações.

- a. Quando à personagem é apresentada e aparece como um qualificativo o termo “maluca”, é possível inferir uma ideia de que a mulher que aparece na cena possui um certo desequilíbrio comportamental. Assim, a introdução referencial é feita de modo conjunto entre a modalidade verbal escrita “maluca” e a imagem de uma mulher com “bobes” no cabelo. Embora qualifica como “maluca”, a mulher é representada tomando café, com semblante de tranquilidade, o que, já antecipa uma ideia de que algum comportamento anormal deve aparecer ao longo da narrativa;

## SUMÁRIO

- b. Quando aparece a legenda “que a minha mãe”, é possível inferir que a mulher que aparece na mesma posição é a mãe do personagem que narra o episódio na animação. Assim, a retomada recategoriza a personagem, atribuindo a ela o qualificativo de mãe;
- c. Quando aparece a legenda “quando eu morava com ela”, é possível inferir que o pronome retoma o referente “mãe” e a imagem apresenta uma nova informação: a de que ela se irritou com o fato de as crianças brincarem na sala e quebrarem um vaso;
- d. Quando aparecem as imagens de cômodos da casa, com uma representação semelhante à de jogo eletrônico *Pac-Man*, é possível inferir que, tal como no jogo, a personagem “mãe” é representada como um fantasma vilão, sendo identificada pelos rolinhos de *bobes* no alto da cabeça;
- e. Quando aparece a “mãe” com um chinelo na mão, é possível inferir uma ideia de um comportamento descontrolado por parte da personagem, que se mostra exponencialmente irritada, seja por meio de expressões faciais e gestos, seja por meio da fala e da legenda, que indica uma ameaça. Há um destaque para o chinelo na mão da mãe. Tradicionalmente, no Brasil, o chinelo é um símbolo de métodos punitivos físicos, em que se busca aplicar disciplina ou realizar correção de comportamentos;
- f. Quando aparece a legenda “a onde a gord@ não conseguiu” e o desenho da mãe se chocando contra a parede, é possível inferir uma nova informação sobre a personagem. A escolha do termo tem por propósito suscitar um efeito de humor, dado o contexto do show humorístico e a suposta intimidade entre mãe e filho. Em outros contextos, o efeito de sentido pode representar preconceito. Vale acrescentar, ainda, que, ao utilizar o @, a produtora evita a suspensão de sua conta do *Instagram*, por suposta conduta gordofóbica;



- g. Quando o sobrinho da personagem “mãe” a chama de “Tia Déia”, é possível inferir que a retomada indica o nome da mãe do ator Paulo Gustavo – Déa Lúcia, que serviu de inspiração para várias produções criadas pelo humorista;
- h. Quando a “mãe” grita com o sobrinho “João Marcelo”, ordenando-lhe que saísse de sua casa, é possível inferir que a personagem é irredutível e resoluta em suas decisões.

Ao analisar o referente “mãe” de Paulo Gustavo, conforme dito anteriormente, é preciso considerar que a animação minimalista é embasada em uma narração feita em um de seus shows<sup>28</sup>. Desse modo, o texto analisado se apresenta fortemente vinculada ao conhecimento prévio dos leitores sobre o ator e suas produções. Interessante observar que os processos anafóricos trazem informações que podem recategorizar a personagem “mãe”, vinculando-as à mãe de Paulo Gustavo ou à personagem da animação. Aqui, o leitor pode construir uma associação vinculada ao contexto, não ficando restrito à animação.

A caracterização dessa imagem fundamentada na ideia do jogo condiz com a ideia proposta por Mondada e Dubois (2003 [2021]) de que os objetos referentes são elementos instáveis e que são apresentados de acordo com as necessidades que o texto possui ou então com determinados pontos de vista. Já em relação à representação imagética da “mãe”, observa-se uma estabilização. Segundo Mondada e Dubois (2003 [2021]), a estabilização pode ocorrer no texto conforme a construção de estereótipos, que permite o compartilhamento entre muitos indivíduos por meio da comunicação linguística. Assim, a imagem da mãe tomando um café com algo no cabelo, seja rolinhos de bobes ou um lenço, é uma prática que está enraizada na memória social como o estereótipo de mãe mais conservadora.

Ainda sobre os processos referenciais na animação analisada, é importante destacar outra ocorrência “Ela morta fez assim ó”, conforme se verifica na Figura 47:

**Figura 47** - Retomada do referente “Dona Déa”



Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cnxfl\\_Idgy/](https://www.instagram.com/p/Cnxfl_Idgy/), acesso em: 25 jun. 2023.

O emprego do pronome “ela’ retoma o referente Dona Déa, mencionado em momentos anteriores da narrativa. No entanto, com o acréscimo do termo “morta”, há uma ideia uma condição. Aqui, a imagem da mulher com o dedo em riste, acompanhada do termo “assim ó”, sinaliza para a ideia de repreensão.

Por fim, chama a atenção para a representação da morte, conforme Figura 48:

**Figura 48** - Referenciação e conhecimento de mundo

Fonte: [https://www.instagram.com/p/Cnxfl\\_lggy/](https://www.instagram.com/p/Cnxfl_lggy/), acesso em: 25 jun. 2023.

Na Figura 48, apresenta-se um processo de referenciação em que é necessário que o conhecimento de mundo do leitor seja ativado, para ser possível interpretar a mãe caída no chão com o olho fechado (símbolo de “x”), e a alma saindo do corpo subindo em direção ao céu ou voltando para o corpo, quando a personagem recupera a consciência. Conforme algumas tradições culturais ligadas a determinadas religiões, após a morte, a alma se dissocia do corpo.

Na animação minimalista analisada, observa-se que o processo referencial combina recursos verbais e imagéticos, considerando a dimensão contextual. É interessante observar que a referenciação é construída a partir da relação entre três textos: o filme, que apresenta a representação de Dona Hermínia; a narração feita, em um show humorístico, por Paulo Gustavo, em que ele conta a história da mãe e a animação, produzida por Rafaella Tuma, que aproveita o áudio da apresentação para a produção do *reel*, publicado em seu perfil de *Instagram*. Essa articulação entre textos leva a uma problematização acerca dos modos de se compreender a introdução referencial, que se encontra articulada a outras situações enunciativas.

Além disso, chama a atenção o fato de recursos semióticos, como expressões faciais, gestos e sons, contribuírem para o processo de produção de sentidos.

Aqui, vale destacar a estratégia discursiva utilizada para a produção dos referentes. A produtora explora, com ênfase, as expressões faciais e gestos, de modo a acentuar os propósitos de seu projeto de dizer, evidenciando um exagero intencional de efeito cômico, que desencadeia um efeito de humor no processo de produção de sentidos.

### 3) Animação minimalista “Milagre”

A animação minimalista é pautada em um diálogo produzido sob o formato de um áudio viral (<https://www.youtube.com/watch?v=XfptmE0h2ew>), que se transformou em vários memes. A produção narra uma situação rotineira na sociedade: a famosa “desculpa de estar doente” dada pelas crianças aos seus pais para não irem à escola e ficarem em casa se divertindo ou dormindo.

Para a análise, foram selecionados seis referentes para uma discussão mais específica. Assim, serão analisados os personagens criança (item A), avó (item B), mãe (item C), o referente pomada (item D) referente injeção (item E) e, por fim, o referente milagre (item F).

#### A) Criança

O personagem criança que compõe o enredo da animação minimalista não possui o seu nome evidenciado. É possível pressupor que se trata de uma criança devido as suas características físicas, apresentadas na animação minimalista (Figura 49).



**Figura 49** - Referente criança

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUk/>, acesso em: 03 mar. 2023.

A introdução referencial ocorre com a apresentação do menino falando ao telefone, preservando o áudio do diálogo constitutivo do texto-base. A parte verbal, localizada à direita da produção em *reels*, não apresenta a criança. A seguir, o menino é retomado ao longo do texto.

- a. Quando a criança é apresentada na continuidade da fala ao telefone, ela é representada de modo triste, como se realmente estivesse com dor. No entanto, como já consta na mão dela um controle de videogame, a retomada traz novas informações, o que permite ao leitor levantar hipóteses sobre as intencionalidades do menino;

## SUMÁRIO

- b. Quando a criança, sentada no sofá, afirma que a sua perna está doendo demais, é possível observar que a fala não condiz com a imagem apresentada, o que permite inferir que o menino está ludibriando. Assim, a hipótese levantada na cena anterior é confirmada por meio da postura corporal do personagem representado;
- c. Quando a mãe afirma que a criança não precisa ir à aula, há um gesto de comemoração, o que indicia a ideia de contentamento. Os braços erguidos recategorizam o personagem, demonstrando o seu estado de espírito;
- d. Quando a mãe afirma que irá levar a criança ao hospital, observa-se uma ideia de desgosto. Os movimentos de boca têm um forte componente gestual e indiciam uma mudança de comportamento por parte do personagem;
- e. Quando a criança se sente acuada pela pressão da mãe que compreende que o menino estava mentindo e diz que irá levá-lo ao hospital, o personagem é representado na cena deitado no chão e, de modo repentino, se levanta subitamente. Essa cena sugere uma ideia de que o menino agiu com esperteza, o que, de certo modo, o qualifica e, por consequência, o recategoriza;
- f. Quando a criança diz que a perna não está doendo mais e a imagem da cena retrata a situação de o menino vestindo o uniforme escolar, é possível inferir que o personagem mudou de ideia. A rapidez do movimento da cena indicia que ao ter a mentira descoberta, a criança resolveu agir de modo resolutivo e célere;
- g. Quando a criança diz à mãe que está correndo para ir à escola, é possível observar linhas cinéticas que sugerem suor, ou seja, o personagem demonstra sua preferência por ir à escola, em detrimento de tomar uma injeção no hospital.

Nessa animação minimalista, a criança é representada com traços simples, mas com a exploração da dimensão imagética, uma vez que o texto-base é apresentado apenas em áudio. Desse modo, é possível observar os efeitos de sentidos decorrentes das escolhas feitas pela produtora ao realizar a retextualização do áudio para uma produção multissemiótica, que, a partir de diferentes recursos, sinaliza um projeto de dizer. No caso em específico, há uma proposta de promover entretenimento.

## B) Avó

A introdução do referente “avó” ocorre por meio da dimensão verbal (fala e legenda) (Figura 50), quando o personagem menino, em uma ligação telefônica, afirma que a “minha vó ta falando”.

**Figura 50 - Referente avó**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUk/>, acesso em: 03 mar. 2023.

Nas cenas subsequentes, a avó é retomada, por meio de uma caracterização estereotípica, ou seja, com cabelos amarrados em forma de coque e com uma vestimenta tradicional. Na cena que aparece logo após a introdução do referente, por meio do termo “minha vó”, há a apresentação do personagem com uma mochila na mão, sugerindo uma ordem ao neto. Nesse caso, é possível problematizar o próprio conceito de “introdução referencial”, uma vez que nesta cena, ainda parece estar ocorrendo a apresentação da personagem “avó”.

Nas cenas seguintes, após a criança constatar que a mentira não seria aceita pela mãe, a avó ajuda o neto a se organizar para ir à escola, o que sugere uma ideia de afetuosidade. Aqui, a mochila pode ser considerada como uma anáfora indireta por permitir uma associação com a escola. Por fim, na última cena selecionada, a avó aparece sentada no sofá, jogando, confortavelmente, um jogo eletrônico, o que pode sugerir ideias diversas (ociosidade, modernidade, tranquilidade etc.), a depender da interpretação do leitor. Desse modo, pode-se considerar que a compreensão da recategorização se alinha aos conhecimentos prévios do leitor e aos usos discursivos da linguagem.

### C) Mãe

O referente mãe é de extrema importância para que a animação minimalista desenvolva e chegue a uma conclusão, pois no áudio base, e com o auxílio dos recursos visuais, é possível entender que o filho está conversando com a sua mãe pelo celular, que por sua vez aparenta estar no trabalho, pois culturalmente mães deixam os seus filhos com a avós para poderem trabalhar e porque a personagem fala, também que está no trabalho (Figura 51).

**Figura 51 - Referente mãe**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUk/>, acesso em: 03 mar. 2023.



A introdução referencial em relação à personagem “mãe” se dá de modo implícito, quando a criança relata que a avó está ordenando que ela vá à escola. No entanto, a confirmação acontece quando a mãe o chama de “meu filho” (Figura 51). A apresentação imagética da mãe se dá na cena em que o menino diz que a sua perna está doendo demais. Nas cenas, a representação imagética da mãe pouco se altera ao longo da narrativa. Ela é retratada falando ao celular com o filho. A recategorização realizada por meio da dimensão verbal (áudio e legendas escritas), quando retrata qualificativos, tais como: acolhedora, afetuosa, irônica e propositiva.

#### D) Pomada

O filho, ao reclamar de dor na perna em ligação para mãe, demanda dela uma resposta, na qual ela insere a pomada - um novo referente. Mas, ela o faz de modo a permitir a inferência de que o medicamento não solucionou o problema da criança, ou seja, menino já tinha feito uso da pomada (Figura 52).

**Figura 52** - Referente pomada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUk/>, acesso em: 03 mar. 2023.

Na Figura 52, a pomada é apresentada por meio da junção da fala da mãe e da imagem. Na cena seguinte, a pomada é recategorizada, de modo humorístico, por meio da inscrição “pomada sem efeito”. Nesse sentido, é possível retomar a questão de que os processos referenciais podem ser compreendidos como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes ou objetos de discurso (Koch, 2009). No cotidiano social, o processo é inverso, ou seja, ainda que o produto não tenha efeito, pode ocorrer afirmação que defenda a sua eficácia.

### E) Injeção

Como a pomada não fez efeito para minimizar a suposta dor na perna da criança, a mãe durante a sua ligação, sugere que a solução para o problema seja o filho ir ao médico para tomar uma injeção para dor, como é apresentado, a seguir, na Figura 53.

**Figura 53 - Referente injeção**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUK/>, acesso em: 03 mar. 2023.

No caso do referente injeção, não há outra cena em que esse referente é retomado. Na cena, representada na Figura 53, a mãe utiliza o termo "injeção", por meio de áudio, o que é transcrito pela produtora sob a forma de legenda e representado imageticamente. Nesse caso, chama a atenção a proporcionalidade entre os objetos constitutivos da cena utilizada nessa representação imagética, que sugere um sentimento de pavor/pânico por parte da criança.

## F) Milagre

Com medo de ir ao médico e ter que tomar uma injeção, o menino insere um novo referente ao texto, que é o "milagre". Aqui, o termo representa uma suposta melhora súbita de sua perna, o que o faz afirmar que já consegue ir para a escola (Figura 54).

**Figura 54 - Referente milagre**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ck9SaEcDoUk/>, acesso em: 03 mar. 2023.

Na cena em questão, a legenda escrita (na parte superior), que acompanha o áudio, permanece a mesma durante a narração do ocorrido. Assim, a introdução referencial se dá por meio do uso do "termo" milagre, que é recategorizado com a mudança de posição

(criança deitada ao solo se levanta de modo abrupto) e a alusão à imagem estereotípica de Deus, no espaço celestial.

Como apresentado anteriormente, o objetivo que motivou a presente pesquisa foi o de analisar as estratégias de referenciação presentes em animações minimalistas publicadas em *reels* no *Instagram*, pois o fenômeno da referenciação ainda está em desenvolvimento com relação aos estudos voltados para textos multissemiótico, visto que eles fazem uso de recursos visuais, além dos verbais.

As estratégias referenciais aparecem no texto, em alguns momentos, de maneira verbal (áudio e legendas) e, em outros momentos, de maneira visual. Assim, para compreender como tais estratégias ocorrem, é necessário atentar-se aos diferentes recursos constitutivos do texto e acompanhar a progressão temática, juntamente com as pistas que a produtora vai deixando para o seu leitor. Além disso, ao abordar o fenômeno da referenciação, é relevante considerar que a multimodalidade constitutiva dos textos que circulam em mídias digitais, tais como as animações minimalistas publicadas em *reels* de Instagram, podem representar um desafio para os estudos sobre os processos referenciais, uma vez que as produções textuais se articulam, como um diálogo, ou seja, apresentam um imbricamento entre enunciados anteriores e provocam a produção de enunciados posteriores como uma atitude responsiva ativa, segundo entendimento de Bakhtin (2003).

Logo, os referentes são responsáveis não somente pela progressão do texto, mas também para sinalizar pontos de vista. Além disso, há a associação entre modalidades verbal e imagética/sonora, que contribui para o processo de produção de sentidos.

Nesse viés, ao longo das análises constatou-se que as estratégias referenciais possuem a possibilidade de ocorrer no texto de diferentes maneiras, por meio dos signos linguísticos e/ou semióticos. Vale ressaltar que o presente estudo não seria possível



em uma situação em que não houvesse avanços tecnológicos na sociedade, os quais contribuem e afetam a construção de enunciados comunicativos, diferenciados com relação aos existentes. Assim, com os avanços das tecnologias, há o surgimento de “novos” gêneros textuais, que contribuem para que a sociedade se comunique e interaja. Logo, se surgem novos gêneros ou gêneros conhecidos são transmutados para atender às novas demandas na sociedade, é relevante que as pesquisas possam contemplar essas produções constituídas por múltiplos recursos semióticos, de modo especial, os processos referenciais, que são determinantes para o processo de produção de sentidos.

# 7

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de referenciar é visto como mais do que apenas uma forma de rotular os objetos que estão sendo apresentados, sendo uma abordagem estratégica para se referir aos objetos do discurso. Essa tática considera vários aspectos, incluindo o contexto sociocomunicativo, os participantes envolvidos, os temas abordados e os papéis sociais da linguagem.

Embora a referenciação esteja entre os tópicos mais amplamente pesquisados no campo da Linguística Textual (LT), este estudo reconhece que os avanços tecnológicos nas últimas décadas exigiram uma reavaliação da aplicabilidade das teorias existentes a diversos gêneros, para além de suas áreas tradicionais de análise. Especificamente, há uma necessidade crescente de considerar textos multissemióticos, que se tornaram cada vez mais prevalentes e amplamente divulgados. Em outras palavras, os textos multissemióticos demandam atenção na atualidade uma vez que eles possuem grande circulação.

Nesse viés, a presente investigação tinha como pergunta norteadora: de que maneira o processo de referenciação é construído em produções multissemióticas? Assim, o objetivo do presente livro foi analisar as estratégias de referenciação presentes em animações minimalistas publicadas em *reels* no *Instagram*.

Apesar de seu foco tradicional em textos verbais, a referência também é utilizada em textos multissemióticos. Estudiosos como Koch (2009) e Ramos (2007) demonstraram que é possível referenciar diálogos com textos multissemióticos. Embora a pesquisa sobre o tema seja relativamente recente, é evidente que a teoria da referenciação pode ser aplicada à análise de textos multissemióticos, embora sejam necessárias mais investigações sobre o assunto.

A partir do levantamento teórico sobre o fenômeno da referenciação, foi possível compreender que as pesquisas têm acompanhado os avanços inerentes aos estudos sobre a linguagem e

seus mecanismos de textualização, buscando atender às novas demandas da sociedade da informação. Como é possível observar na discussão sobre os processos referenciais, as produções científicas têm empreendido esforços para tratar a referenciação a partir da articulação entre diferentes modalidades. Desse modo, constatou-se que variados recursos semióticos indiciam sentidos que contribuem para o processo de construção dos referentes.

O estudo sobre a aplicação do fenômeno da referenciação a um gênero multissemiótico presente no, apresentado nesta pesquisa, buscou abordar referenciais teóricos que fundamentam a discussão, seguidos de exemplos, de modo a ilustrar como os textos multissemióticos são organizados, seja em relação às escolhas feitas pelos produtores, seja em relação às negociações decorrentes dos processos de interação ocorridos a partir da leitura dos textos.

Além disso, este livro buscou, ainda, abordar as especificidades de um gênero que circula em contextos digitais, considerando que a democratização da internet e o desenvolvimento tecnológico possibilitaram o surgimento de gêneros emergentes. Logo, fez-se necessário apresentar as características do gênero animação minimalista, que combina recursos de animação com um estilo de linguagem de cunho minimalista. A caracterização do gênero é relevante para que se possa compreender o funcionamento de textos que foram transmutados e que integram o cotidiano social, de modo especial, de alunos da educação básica. Por isso, esta discussão pode favorecer uma fundamentação para o encaminhamento de práticas pedagógicas ou para o processo de formação de professores.

Logo, a referenciação é crucial em textos multissemióticos porque esses textos incorporam vários modos de comunicação, como elementos visuais, verbais e sonoros, que podem interagir de maneira notadamente complexa. Em outras palavras, os processos de referenciação são construídos em produções multissemióticas a partir de elementos visuais (personagens, cores, posicionamentos,



movimentos) e dos elementos verbais (fala dos personagens, legenda), portanto, a junção dos diferentes elementos semióticos sinaliza para as escolhas feitas pelos produtores para a construção dos processos referenciais, uma vez que os referentes passam pelas estratégias de referenciação.

A referenciação efetiva em textos multissemióticos permite que o produtor estabeleça conexões entre diferentes modos de linguagem e construa o projeto de dizer de modo a cumprir com o seu propósito enunciativo. Além disso, a referenciação em textos multissemióticos permite ao leitor navegar pelo texto e entender seus vários componentes. Ao chamar a atenção para elementos específicos e articulá-los a outras partes do texto, a referenciação propicia a construção da coerência e orienta a compreensão. Assim, a referenciação é essencial para garantir que os vários modos de comunicação em textos multissemióticos trabalhem juntos, harmoniosamente para alcançar os objetivos comunicativos pretendidos.

Com relação à análise realizada na presente pesquisa, as três animações minimalistas publicadas em *reels* no *Instagram*, selecionadas como objeto de discussão, possibilitaram ilustrar que os processos referenciais estão, intrinsecamente, articulados às modalidades oral, escrita, visual e sonora. Os fenômenos da introdução referencial e das anáforas (recategorizações) ocorrem de modo coordenado, o que impede uma categorização definitiva do recurso semiótico. Nesse ponto, não é possível afirmar, às vezes, qual seria a introdução referencial, uma vez que a palavra e a imagem aparecem em uma mesma cena e não se pode controlar qual delas o leitor irá tomar como ponto de partida para a sequência da leitura.

Diante disso, considerando a questão que orienta a presente pesquisa, qual seja, de que maneira os processos de referenciação são construídos em produções multissemióticas, é possível dizer que esse fenômeno apresenta vinculação entre: fala e fala; fala e escrita; fala e imagem; escrita e fala; escrita e escrita; escrita e imagem e,

ainda, articulação com outros recursos semióticos, que contribuem para a construção/representação dos referentes.

Desse modo, é válido destacar que as expressões faciais, gestos, cores, sons, enquadramento, posturas etc. contribuem para que o referente seja apresentado com determinadas características, o que indicia não somente um direcionamento para a interpretação, mas também um posicionamento do produtor do texto em relação ao conteúdo enunciado.

Assim, é importante compreender que a organização/o funcionamento do fenômeno da referenciação, além de viabilizar o acesso às informações pretendidas pelo texto, pode suscitar um posicionamento por parte do produtor que busca persuadir o leitor para a assunção de um determinado ponto de vista. Essa questão pode contribuir para que o sentido do texto seja construído de maneira coesa, garantindo a progressão temática e riqueza argumentativa.

Por fim, vale destacar que este livro realça a importância de mais pesquisas sobre referenciação em textos multissemióticos, enfatizando a necessidade de uma análise que permita a sistematização das descobertas de modo a abarcar a diversidade de textos que circulam em contextos digitais, bem como as possibilidades de ocorrências de construção dos processos referenciais. Tendo em vista que os textos – foco dos estudos da referenciação – estão em constante evolução e transformação para atender às necessidades de interação entre sujeitos na sociedade da informação, é fundamental que as produções multissemióticas sejam pesquisadas em um contexto acadêmico, uma vez que ainda há muito a ser explorado nesta área de investigação.

# REFERÊNCIAS

ALBERT, Sílvia Augusta de Barros. Como você chegou à Linguística Textual (LT)? Quais autores lhe serviram de inspiração?. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; ELIAS, Vanda Maria (org.). **O que é e o que faz a Linguística Textual**. Natal: EDUFRRN, 2023. (Coleção O que é e o que se faz?, v. 1). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/1a399b86-ec4f-4e49-b90a->

ABREU, M. T. T. Referenciação e a função discursiva das menções. *In*: TEDESCO, M. T.; DE MENEZES, V. C. (Eds.). **Aspectos da referenciação em diferentes textos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 43–60.

ADAM, J.M.. **Les Textes**: types et prototypes. Paris: Armand Colin, 2017.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, M. **Estética de criação verbal**. 4. ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTON, D.; Hamilton, M. **Local literacies**: reading and writing in one Community. London: Routledge, 2002.

BENTES, A. C. LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Francisco. Enfrentando desafios no campo dos estudos do texto. Em: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Eds.). **Linguística de Texto e Análise da Conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

BENTES, A.C. Linguística Textual. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (org.) **Introdução à Linguística I**: domínios e fronteiras. São Paulo: Ediotora Corte, 2004.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes. 2005.

BÜHLER, K. **Sprachtheorie**: Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Fischer, 1934.

CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. da P. P.; CASOTTI, J. B. C. Leitura, Multimodalidade E Ensino De Língua Portuguesa. **PERCursos Linguísticos**, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 285–302, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/18532>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CARMELINO, A. C.; LINS, M. P. P. A multimodalidade sob o viés textual: análise de um gênero. **Revista Letras**, v. 92, p. 113-132, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/39211>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Revisitando O Conceito De Intencionalidade. **Revista (Con) Textos Linguísticos**: Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, Goiabeiras, v. 25, n. 13, p. 60-78, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/26353>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CARVALHO, F. G. Processos de referenciação e adjetivações: retomadas predicativas em reportagens on-line. *In*: TEDESCO, M. T.; DE MENEZES, V. C. (Eds.). **Aspectos da referenciação em diferentes textos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 91-118.

CAVALCANTE, M. Leitura, referenciação e coerência. *In*: ELIAS, Vanda Maria (org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 44, p. 105-118. 2003. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/277046697\\_Expressoes\\_referenciais\\_-\\_uma\\_proposta\\_classificatoria](https://www.researchgate.net/publication/277046697_Expressoes_referenciais_-_uma_proposta_classificatoria)>. Acesso em: 10 maio de 2023.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação. *In*: **Estudos do discurso**: conceitos fundamentais. (Org.) AZEVEDO, T. M. de; FLORES, V. do N. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **Seda**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 55-71, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaseda.org/index.php/seda/article/view/154/113>>. Acesso em: 01 nov. de 2022.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, v. 12, n. 2, p. 56-71. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452>>. Acesso em: 09 maio de 2023.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, Referenciação e Ensino**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. O. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In*: **Estudos do discurso**: caminhos e tendências. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br>. Acesso em: 11 set. 2023.



CAVALCANTE, M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. **Referenciação** – sobre coisas ditas e não-ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 44, p. 105–118, 2011. DOI: 10.20396/cel.v44i0.8637068. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068>. Acesso em: 26 fev. 2024.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CIULLA, A.; SILVA, A. A.; DUARTE, A. L.; CATELÃO, E. M.; SILVA, F. O.; LIMA, I. M.; MATOS, J. G.; FERNANDES, J. O.; BEZERRA DE SÁ, K.; SOARES, M. S.; FARIA, M. G. S.; MARTINS, M. A.; MACEDO, P. S.; OLIVEIRA, R. L.; SANTOS, S. A.; CORTEZ, S. L.; CUSTÓDIO FILHO, V. **Linguística Textual: Conceitos e Aplicações**. 01. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. v. 01. 439p.

CAVALCANTE, M.; Brito, M. A. P.; Custódio Filho, V.; Cortez, S. L.; Pinheiro, C. L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos** - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p.25-39, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884> . Acesso em: 4 set. 2023.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **SEDA**, Seropédica, Rio de Janeiro, v.5, n.12, 2020.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

CIULLA, A. S. A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo?. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação -III Workshop de Linguística Textual, p. 200-216, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/244455/37282>, acesso em: 10 nov. de 2023.

CIULLA, A. S. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3615/1/2008\\_tese\\_acsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3615/1/2008_tese_acsilva.pdf)>. Acesso em: 15 fev. de 2023.

CONTE, M.-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. Coleção Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

COTRIM, J. de B. **Estratégias de referenciação como práticas de letramento no contexto de português brasileiro como língua adicional**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31231/1/2017\\_JhessykadeBessaCotrim.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31231/1/2017_JhessykadeBessaCotrim.pdf). Acesso em: 11 jul. 2023.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8896/1/2011\\_tese\\_vcfilho.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8896/1/2011_tese_vcfilho.pdf). Acesso em: 20 fev. de 2023.

DÍKSON, Dennys. Do texto à Linguística Textual: entre uma “nova” fase e “velhos” desafios [vídeo]. Grupo Protexto, Universidade Federal do Ceará, 20 maio 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sKIHAEg7Hks>. Acesso em: 24 jul. 2025.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 177-196.

FONTIENELE, F. P. S; CARVALHO, M. A. F. Referenciação no texto multimodal: um olhar sobre o encapsulamento verbo-imagético e sua colaboração na orientação argumentativa. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 36, p. 127-142, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/40269>, acesso em: 15 nov. de 2023.

GOMES, J. E. B. **Processo referenciais, intertextualidade e argumentação**: rediscutindo a neutralidade em notícias para um ensino não neutro de Língua Portuguesa. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/51681?mode=full>, acesso em: 05 jan. 2024.

GOMES, Rosivaldo. **Leitura de gêneros multissemióticos e multiletramentos em materiais didáticos impressos e digitais de Língua Portuguesa do Ensino Médio**. 2017. 1 recurso online (257 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1631771>. Acesso em: 25 fev. 2024.

GOODWIN, C.; DURANTI, A. Rethinking Context: an Introduction. /n: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking Context**. England: Cambridge University Press, 1992. p. 1-42. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/243767406\\_Rethinking\\_Context\\_an\\_Introduction](https://www.researchgate.net/publication/243767406_Rethinking_Context_an_Introduction)>. Acesso em: 10 maio de 2023.

HANKS, W. F. Texto e textualidade. Tradução Marco Antônio Rosa Machado. In: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168.

HYMES, D. Introduction: towards ethnographies of communication. /n: GUMPERS, J. J.; HYMES, D. (orgs.). **American Anthropologist**, v. 66, n. 6, p. 1-34. 1964. Disponível em: <[https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/aa.1964.66.suppl\\_3.02a00010](https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/aa.1964.66.suppl_3.02a00010)>. Acesso em: 10 maio de 2023.

KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V. A Referenciação como atividade cognitiva-discursiva e interacional. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 41, IEL-UNICAMP: p.75-90, 2001.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2d. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. /n: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Eds.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 33-52.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KOCH, I.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de Referenciação Na Produção Discursiva.

**DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, n. spe, p. 169–190, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/dGh7qWWrrftJDVMWwNJYYKk/?lang=pthttp://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300012>>. Acesso em: 22 fev. de 2023.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. New York: Oxford University Press, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images. **The grammar of visual design**. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LIMA, D. Referenciação, argumentação e humor em esquetes. **Organon**, Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 16, jul. 2018. DOI 10.22456/2238-8915.81585. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81585>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LIMA, S. M. C. de; FELTES, H. P. de M.. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Editora Cortez, 2013. p. 30-85.

LUNA, T. S. A pluralidade de vozes em aulas e artigos científicos. **Revista Ao Pé da Letra**, v. 4, n. 2. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231516>>. Acesso em: 10 maio de 2023.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 41, p. 37–54, 2011. Disponível em: <<https://www.mendeley.com/catalogue/c2b8e76c-a1ec-3cf6-82b9-cb77d674e471/>>. Acesso em: 10 maio de 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna; 2007a.

MATOS, J. G. **As funções discursivas das recategorizações**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6605/1/2005\\_dis\\_jgmatos.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6605/1/2005_dis_jgmatos.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2023.



MATOS, J. G.. Em defesa da noção de redes referenciais na construção do texto. **ORGANON**, v. 33, p. 69-82, 2018.

MENON, D. Factors influencing Instagram Reels usage behaviours: an examination of motives, contextual age and narcissism. **Telematics and Informatics Reports**, Gujarat, India, v. 5, n. 1, p. 2-10, mar. 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2772503022000056>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MONDADA, L. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. In: **Anais do IICongresso Internacional da ABRALIN**. Fortaleza: UFC/ABRALIN. 2001

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Eds.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 11-31.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construction des objets de discours et catégorisation**: une approche des processus de référentiation. In: A.Berrendonner & M.-J. Reichler-Béguelin (op. cit.), p.273-302. 1995.

RAGI, T. R.; FERREIRA, H. M.. Uma Proposta De Leitura Da Videoanimação "Morte E Vida Severina": sinalizações didático-metodológicas. **Revista Signos**, Lajeado, v. 43, n. 1, p. 16-42, ago. 2022. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/3069>. Acesso em: 09 ago. 2023.

RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>>. Acesso em: 06 de jan. de 2023.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, n. 3, p. 743-763, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/6TYqftSSCStg6vZRFvT/GCG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jan. 2023.

RIBEIRO, A. E. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. **Signo**, v. 38, n. 64, p. 21-34, 2 jan. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3714>, acesso em: 10 jul. 2023.

RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 27-37, 2015.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RONCARATI, C. **Cadeias do texto**: construindo sentidos. São Paulo: Parábola, 2010.

SAIB, A. de A. **A rotulação no discurso: uma estratégia sociocognitivo interacional no fazer textual**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: [https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3702/1/tese\\_3105\\_Arlene%20de%20Araujo%20Saib.pdf](https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3702/1/tese_3105_Arlene%20de%20Araujo%20Saib.pdf). Acesso em: 11 jul. 2023.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 3 n. 1, p. 61-79, jul. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354>>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

SCHWARZ, M. **Indirekte Anaphern in Texten**. Tübingen, Max Niemeyer, 2000.

SILVA, F. O.; CUSTÓDIO FILHO, V. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de. (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.

SILVA, F. O. Introdução referencial: novos olhares. IN: **Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, Natal, 04 - 07 de set 2012. Anais... Natal: EDUFRRN, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/31826>, acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, V. V. da; CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Referenciação nos Estudos Críticos do Discurso. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19410>, acesso em: 26 fev. 2024.

SILVA, W. B. **A referenciação em textos verbo-imagéticos**. 2014. 306 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15312/1/ReferenciacaoTextosVerbo.pdf>>. Acesso em: 1 nov. de 2022.

SOUZA, T. C. de. **O trabalho com o gênero videoanimação em sala de aula:** possibilidades de leitura. 2021. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/46202>, acesso em: 20 de out. 2023.

ZAVAM, A. S. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. **Revista Linguagem em Discurso, Tubarão**, v.12, n.1, p, 251-271, mar. 2012. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/869/797](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/869/797), acesso em: 22 fev. 2024.

WEINRICH, H. **Le temps:** le récit et et le commentaire. Paris: Seuil,1973, p. 9-30

## SOBRE AS AUTORAS

### **Taísa Rita Ragi**

Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) (2022–2024) e graduação em Letras – Português, Inglês e suas Literaturas, pela mesma instituição (2017–2021). Ela possui curso técnico em Redes de Computadores pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG - Campus Nepomuceno) (2013–2015). Sua trajetória acadêmica é marcada pelo desenvolvimento de pesquisas e publicação de artigos em revistas especializadas na área da Linguística, com ênfase em textos multimodais e sua aplicação no ensino de língua. Atuou em duas iniciações científicas pelo Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/UFLA, 2019–2021). No campo da formação docente, participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES, 2018–2020) e do Programa de Residência Pedagógica (CAPES, 2020–2022), ambos pelo Curso de Letras da UFLA, no subprojeto de Língua Portuguesa. Em 2021, integrou o programa de intercâmbio linguístico e cultural Program for the Teaching and Learning of English and Portuguese, uma parceria entre a Columbia University (EUA) e a UFLA, atuando como professora de Língua Portuguesa para estudantes estrangeiros. É membra do grupo de pesquisa Textualiza (Textualidades em Gêneros Multissemióticos e Formação de Professores de Língua Portuguesa – CNPq/UFLA) desde 2019.

*Contato: taisaragi@gmail.com*

### **Helena Maria Ferreira**

Possui Graduação em Letras (Centro Universitário de Patos de Minas) e em Pedagogia (Universidade Federal de Uberlândia), Mestrado em Linguística (Universidade Federal de Uberlândia) e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Atuou como professora e como Coordenadora de Extensão no Centro Universitário de Patos de Minas. Atualmente, é professora associada da Universidade Federal de Lavras. Foi coordenadora Curso de Letras — modalidade presencial e do Programa de Pós-graduação em Educação. Foi coordenadora de área do projeto de Língua Portuguesa do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES) e atua no Programa de Residência Pedagógica (CAPES), pelo Curso de Letras/ UFLA. Coordena o grupo de estudos e pesquisa Textualiza (Textualidades em Gêneros Multissemióticos e Formação de Professores de Língua Portuguesa).

*Contato: helenaferreira@ufla.br*



# ÍNDICE REMISSIVO

## A

alargamento 35, 40, 41, 43  
anáforas 21, 76, 77, 78, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 123, 126, 143, 157, 159, 160, 180  
análise transfrástica 28, 29  
animações minimalistas 10, 11, 13, 14, 20, 21, 22, 133, 134, 136, 137, 173, 174, 178, 180  
atividade discursiva 13, 17, 46, 49, 55, 56, 67, 138, 171

## C

coenunciador 82, 87, 88, 94, 99, 104  
cognição 16, 34, 41, 48  
competência textual 28, 30, 31  
compreensão 13, 23, 29, 31, 33, 38, 40, 46, 52, 55, 59, 69, 75, 76, 78, 87, 99, 102, 105, 107, 159, 169, 180  
conhecimentos prévios 16, 17, 54, 83, 88, 110, 119, 132, 138, 140, 170  
construção argumentativa 59, 64, 67  
construção social 16, 48, 50  
contexto 16, 17, 20, 21, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 48, 51, 52, 55, 58, 59, 61, 63, 66, 67, 69, 72, 76, 77, 80, 97, 117, 123, 132, 133, 144, 157, 159, 161, 162, 178  
contextualização 24, 71  
corpus 13, 22, 137  
cultura 16, 58

## D

dêixis 33, 35, 77  
discurso 13, 17, 18, 23, 27, 31, 32, 35, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 67, 72, 75, 79, 80, 86, 87, 89, 91, 94, 99, 105, 106, 110, 115, 116, 128, 129, 139, 171, 178

## E

educação 13, 179

encapsulamento 97, 98, 99  
estratégia 12, 17, 21, 30, 60, 67, 68, 70, 80, 81, 83, 91, 92, 95, 98, 99, 104, 106, 107, 124, 125, 134, 151, 165  
estratégia discursiva 12, 17, 70, 83, 91, 92, 106, 151, 165  
experiência 82

## G

gêneros 13, 18, 19, 22, 35, 37, 38, 40, 41, 72, 75, 106, 115, 129, 130, 134, 174, 178, 179  
gêneros orais 35  
gramáticas textuais 28, 29, 31

## I

Instagram 13, 20, 21, 53, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 133, 137, 138, 146, 162, 164, 173, 174, 178, 180  
intencionalidade 12, 17, 102  
interação 13, 16, 20, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 50, 56, 57, 58, 59, 67, 76, 79, 106, 110, 115, 117, 179  
interacional 12, 35, 36, 43, 46, 50, 78, 116

## L

Leitura  
linguagem 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 58, 59, 61, 67, 71, 75, 76, 85, 115, 129, 132, 139, 170, 178, 179, 180  
linguística 16, 21, 22, 27, 29, 38, 39, 49, 51, 55, 58, 63, 78, 80, 162  
Linguística Textual 12, 13, 16, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 47, 178  
locutor 17, 19, 23, 38, 76, 81, 90, 93, 102, 104, 107, 127, 132  
LT 27, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 52, 77, 178

## M

materiais didáticos 22, 23  
materialidade 22, 23, 35, 41, 42, 43, 52, 55, 123, 126, 138  
multimodalidade 38, 39, 40, 43, 114, 174

## SUMÁRIO

### N

não verbal 78, 114, 115

narrativa 70, 71, 87, 126, 130, 132, 144, 150, 157, 161, 163, 170

### O

objetos de discurso 13, 17, 43, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 60, 63, 75, 80, 110, 171

### P

percurso interpretativo 22, 23, 82, 138

perspectiva sociocognitiva 12, 16, 36, 46, 55, 63

pesquisa 11, 12, 23, 27, 32, 37, 38, 39, 53, 61, 72, 77, 80, 81, 107, 113, 116, 137, 173, 178, 179, 180

pragmática 33, 34, 36, 78, 79, 82

processos referenciais 13, 18, 21, 22, 23, 48, 72, 76, 78, 105, 110, 115, 117, 137, 142, 163, 171, 174, 175, 179, 180

produção de sentidos 17, 21, 22, 57, 58, 60, 66, 78, 115, 124, 132, 165, 174, 175

produção textual 14, 22, 43, 75, 76, 138

progressão referencial 35, 51, 60, 61

progressão textual 23, 35, 59, 60, 63, 64, 68, 117, 126, 143

progressão tópica 35, 60

projeto de dizer 17, 18, 22, 23, 40, 52, 68, 71, 72, 76, 127, 146, 165, 168, 180

### R

reconstrução 60, 75, 76, 115

recursos semióticos 13, 19, 20, 21, 36, 37, 39, 41, 60, 81, 113, 115, 123, 126, 127, 128, 138, 164, 175, 179

rede referencial 61, 87

reels 10, 13, 20, 21, 129, 130, 133, 136, 137, 146, 167, 173, 174, 178, 180

referenciação 9, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 68, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 87, 98, 99, 102, 106, 112, 113, 115, 116, 125, 128, 138, 146, 150, 153, 157, 164, 173, 174, 178, 179, 180

### S

sentidos 13, 17, 19, 20, 21, 22, 31, 34, 40, 43, 47, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 63, 65, 66, 68, 70, 72, 76, 78, 87, 90, 95, 102, 110, 113, 115, 117, 124, 125, 127, 128, 132, 138, 144, 165, 168, 174, 175, 179

significados 31, 49, 116

situação enunciativa 65, 77, 121, 122

sociedade 16, 33, 36, 40, 75, 113, 165, 174, 179

sociocognitiva 12, 16, 36, 46, 47, 49, 55, 56, 58, 60, 61, 63, 67, 78

### T

tecnologias digitais 13, 21, 22, 38, 39, 129

textos multissemióticos 13, 19, 22, 23, 35, 37, 39, 41, 43, 93, 95, 108, 112, 113, 114, 115, 117, 128, 178, 179, 180

textualidade 27, 29, 33, 34

tira de humor 70, 71, 72, 86, 108, 119, 120, 126

transmutação 18, 22, 130, 137

### U

unidade básica 31, 32

usos da linguagem 14, 21, 33, 35, 40, 53, 58

### V

vídeos curtos 20, 133

www.PIMENTACULTURAL.com

# A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

uma análise de animações minimalistas  
publicadas em reels no Instagram

